

QUE SE FAÇA A LUZ...

# LUX

SÉRIE NOCTE | LIVRO 3



VERUS  
EDITORA

# COURTNEY COLE

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY



COURTNEY COLE

# LUX

SÉRIE NOCTE

LIVRO 3

**Tradução**  
Mauricio Tamboni

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2018



**VERUS**  
**EDITORA**



<https://t.me/SBDLivros>

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Andressa Fernandes

**Diagramação**

Beatriz Carvalho

Júlia Moreira

**Título original**

*Lux*

*The Nocte Trilogy, book 3*

ISBN: 978-85-7686-842-2

Copyright © Courtney Cole, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Edição original publicada por Lakehouse Press, Inc.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C655L

Cole, Courtney

Lux [recurso eletrônico] / Courtney Cole; tradução Mauricio Tamboni. – 1. ed. – Campinas [SP]: Verus, 2020.  
recurso digital (Nocte; 3)

Tradução de: Lux

Sequência de: Verum

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-842-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Tamboni, Mauricio. II. Título. III. Série.

20-65145

CDD: 813  
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

# sumário

Prefácio

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

Nota da autora

*Resurgmus a cinis.*

*Ressurgiremos das cinzas.*

Porque sempre ressurgimos, não é?

Este é para todos aqueles que ressurgiram  
E para todos aqueles que ressurgirão.



## QUE SE FAÇA A LUZ.

Meu nome é Calla Price e eu estou estilhaçada.

Meus pedaços estão ao meu redor, voando com o vento, mesmo enquanto tento desesperadamente recolhê-los.

Quem está morto? Vivo? Louco?

*Qual é a verdade?*

Eu não sei.

Só sei de uma coisa: A escuridão está me estrangulando. A cada respiração, me afogo em mais uma mentira.

Minha mente vem me protegendo, mas esse escudo logo terá de ser baixado.

Tudo será revelado.

Todas as respostas para todas as perguntas.

Tudo tem levado a isso.

Não sinta medo.

*Sinta terror.*

# prefácio

Meus queridos leitores,

O poeta Dylan Thomas escreveu:

“Não entre tão suavemente nessa bela noite escura...  
Fúria, fúria da morte da luz que fulgura.”

Meus personagens não são suaves.  
Eles se enfureceram,  
E se enfureceram.

Eu tampouco venho sendo suave,  
Não com eles,  
E não com você.  
Minhas palavras giraram  
E se inclinaram na sua frente até você não saber a direção.  
Porque todos somos um pouco loucos, não somos?

Você tinha de conhecer a cabeça de Calla.  
Você tinha de estar no lugar dela.  
Você tinha de sentir o que ela sentiu.  
Porque tudo tinha de acontecer nessa ordem.

Agora você está no fim.  
Está diante da escuridão,  
Com a verdade.

Ela paira à sua frente,  
Tão próxima que você pode tocá-la.

Vá em frente.  
Estenda o dedo.  
Toque nela.  
Toque.  
ToqueToqueToque.

Eu o desafio.

## prólogo

*Há uma bifurcação na estrada e, embora eu a veja, não consigo evitá-la.*

*Um caminho vai para a esquerda, outro vai para a direita, e nenhum dos dois termina bem.*

*Sinto nos meus ossos,*

*Nos meus ossos,*

*Nos meus ossos ociosos.*

*Ele segura minha mão e nós andamos... por um túnel... por um corredor... pela escuridão.*

*— Vai ficar tudo bem — sussurra.*

*Vai?*

*— Precisamos fazer isso — ele diz. — Mas eu estou com você. Não vou deixar você.*

*Concordo porque acredito nele, porque, não importa o que acontecer, sei que é verdade. Ele não vai me deixar.*

*A sala está envolta em sombras, em chamas, em segredos. Entro, e olho em volta, e o calor do fogo me aquece, aquece meu sangue, e o sangue é bombeado pelo meu coração.*

*Cantarolo uma música boba, uma música que é cantada de volta para mim. As notas ecoam e se misturam no ar, e eu as engulo inteiras.*

*— Saíam daí — grito olhando para trás, porque sei que estão ali.*

*Não consigo ver, mas estão sempre à espreita.*

*Os olhos aparecem, negros como tinta, e brilhando, e piscam uma, duas, três vezes.*

*— Estou vendo você — anuncio, e a criatura rosna, e sou soterrada pela escuridão, pelo peso, pela opressão.*

*— Você não me assusta — minto.*

*Porque me assusta. Essa coisa me seguiu a vida toda e finalmente, finalmente, vou descobrir o que é.*

*Por que está aqui.*

*Por que me quer.*

*Porque, acima de tudo, eu sei que está atrás de mim.*

*Sei disso*

*Sei disso.*

*As paredes em minha volta pulsam e zumbem e rosnam,*

*Existe selvageria aqui, e existe elegância.*

*Mas, acima de tudo, existe o esquecimento, e, seja lá o que eu fizer, vou ser sugado para dentro dele.*

*Sei disso.*

*Sinto isso.*

*Estou louca.*

*— Estão preparados? — ela pergunta e nós assentimos porque estamos preparados, mas não importa.*

*Ela assente e as chamas se sobrepõem e o mundo entra em movimento,*

*Um por um por um.*

*Caio para trás no precipício  
no esquecimento.*

*O infinito*

*Infinito esquecimento.*

# 1

O quarto gira, branco e esterilizado, tomado por bipes e paredes brancas e pele fria. Arrepios se misturam uns aos outros em um emaranhado subindo pelo meu braço, e eu engulo em seco.

Estou em um hospital.

Estou com frio.

Estou com medo.

Meu irmão morto me encara, seus olhos azul-claros evasivos enquanto ele se esquiva de minha pergunta. Questiono outra vez:

— Finn, onde está Dare?

Indago calmamente, cada palavra é uma espada que acerta meu coração, porque a desgraça invade este quarto, cada centímetro, cada respiração, cada momento.

Finn desvia o olhar, analisa a parede, o chão, olha para tudo menos para mim.

— Dare está... Você sabe onde ele está, Calla.

Mas eu não sei, e isso é insuportável.

Minhas pálpebras se fecham e a última coisa que vejo é o cobertor branco do hospital por cima de mim. Fecho os olhos para evitar a realidade, e Finn segura minha mão.

— Cal, você bagunçou tudo na sua cabeça até não saber mais o que é real e o que não é. Você sabe onde Dare está. Você sabe o que é real. Só precisa *pensar*. Precisa encarar os fatos.

Isso machuca, e eu odeio essa dor.

— Eu... não consigo. — Minhas palavras saem fracas, caem na cama, esfacelam-se no chão.

Finn olha para mim, em meus olhos, em meu coração. Isso me perfura, me agarra com as duas mãos e não me solta.

— Calla, você consegue. Você não é eu, você é você. E tudo bem. Você é quem precisa ser. Por favor, pelo amor de Deus, volte. Volte.

Meus olhos se abrem porque as palavras dele são confusas.

— Voltar de onde?

Estou claramente aqui, com ele, com meu irmão morto, na cama do hospital. Eu já estou aqui. É ele que não está, porque está morto. O que Finn diz não faz sentido.

Ele suspira, um barulho discreto em um quarto silencioso.

— Volte de onde você está. Precisamos de você aqui, Calla.

— Mas eu *estou* aqui — digo hesitante, porque Finn já está negando com a cabeça.

— Não — ele garante. — Você não está, Calla.

Nuvens me envolvem e me erguem e me levam para longe da lógica, da razão, da realidade. Luto para manter os pés para baixo, para não ser erguida na direção do céu, através do oceano.

— Como eu faço para voltar? — pergunto, e minha voz sai igual à de uma criança.

Finn me observa, seus olhos são pedras azuis, claras e brilhantes e iluminadas.

— *Focar*. É isso que você precisa fazer. Você acha que tem que ser eu, mas não tem. Eu estou bem onde estou, Calla.

— Mas você está morto? — quase choramingo.

Ele sorri, aquele sorriso desajeitado que eu tanto adoro, aquele que conheço como a palma da minha mão.

— É isso que eu estou? E, se for, é ruim? Quando você está morto, não tem mais nada com que se preocupar. Eu estou bem, Cal. Volte. Volte logo.

— Não posso seguir sem você — digo com firmeza, porque, do fundo do coração, sei que é verdade.

Finn revira os olhos.

— É claro que pode. Você sempre foi a mais forte, Calla. Sempre foi.

— Mas eu não sei o que fazer para voltar — admito. — Mesmo que eu quisesse, não sei como. Estou perdida demais, Finn. Estou perdida.

Finn se mostra insensível mesmo assim, e sua voz sai firme.

— Sabe o que eu sempre fazia quando estava perdido? — pergunta, segurando outra vez minha mão. E eu nego com a cabeça porque não sei, então ele diz: — Eu retraço os meus passos.

— Mas... — meu sussurro desaparece no ar e eu me sento. — Mas por onde eu começo?

Sem Finn, simplesmente não sei se quero começar.

Ele me encara porque me conhece, porque sabe o que estou pensando, sabe melhor do que qualquer outra pessoa saberia.

— Comece do começo, Calla. Escolha um ponto de referência que você saiba que é verdadeiro e comece dali. Não deixe nada atrapalhar o seu caminho e não tente enganar a si mesma, independentemente de quanta dor a verdade possa causar. Entendeu?

Entendi.

Mas não quero.

— A realidade é real — ele diz severamente. — *Eu* não sou. Você foi um presente, Calla. Não desperdice essa dádiva. Você precisa descobrir a sua nova realidade sem mim.

— Mas como vou fazer isso se *você* é o meu ponto de referência, Finn? — Minha voz falha. — Como vou saber o que é real quando *você não é*?

Meu peito dói e não consigo respirar porque cada inspiração é um passo que dou para mais longe do meu irmão.

— Você só precisa encontrar um jeito — ele responde, e suas palavras são frias e inabaláveis.

Minhas lágrimas são quentes e eu aperto sua mão porque, não importa o que ele disser, não vou deixá-lo.

— Perdão, Calla. — A voz de Finn sai baixa.

Seus ombros esguios estão curvados e ele se afasta de mim.

— Perdão por quê?

— Perdão por tudo.

As nuvens se afastam por um minuto antes de voltarem a me cercar.

— Mas não foi culpa sua.

— Não foi? — Finn suspira. — Sinceramente, não importa mais. Culpa, causa, raízes. Nada disso importa. Só o que importa é *você*. Você precisa enfrentar o que é real.

Sua mão começa a sumir e ele parece deslizar pelo ar, para longe de mim. Eu o agarro, mas meus dedos voltam vazios.

— Finn! — grito. — Volte! Não me deixe!

Mas ele se foi, e eu estou sozinha, e tudo o que resta é a voz suave de Finn, e ela parece vir do nada e ao mesmo tempo de todos os lugares.

— Se você precisa viver por nós dois, então faça isso — ele sussurra. — Mas viva.

— Finn? — chamo hesitante, mas não recebo resposta.

Ele se foi de verdade.

O quarto está vazio e frio e tenso.

Durante toda a minha vida, meu irmão foi a minha outra metade. Ele me amava incondicionalmente, completamente, com todas as forças.

E agora ele morreu, e está me pedindo para fazer uma coisa.

Uma coisa difícil.

*Existir sem ele.*

Descobrir, de uma vez por todas, o que é de verdade,

O que é real.

*Preciso fazer isso.*

E, para fazer isso, preciso retrair meus passos.

Se Finn morreu,

Só resta uma coisa verdadeira na minha vida.

Um ponto de referência verdadeiro.

Uma coisa importante.

*Dare.*

Com as mãos trêmulas, fecho os olhos,

e tento pensar em Dare.

*Porque Dare sempre foi o centro de tudo.*

Tento me concentrar em seus olhos escuros, e em seu sorriso deslumbrante e seus ombros balançando... mas os pensamentos com a imagem dele não se formam. São teimosos e ilusórios e eu só consigo pensar no começo.

O começo

O começo.

Assustada, eu me lembro das palavras riscadas no diário de Finn.

*Mors solum initium est. A morte é o começo.*

*O começo, o começo.*

*PRECISO COMEÇAR.*

Minha respiração para e depois acelera, porque talvez mais uma vez, como sempre, Finn esteja me dizendo aonde ir.

Talvez o começo seja exatamente onde eu precise estar.



## 2

O cheiro do ginásio do colégio invade meu nariz. Partículas de poeira flutuam no ar, o chão está arranhado e quente. À minha volta, os outros alunos da pré-escola gritam e correm porque Pega Bandeira é nossa brincadeira preferida. Nossa pele cheira a suor, nossa respiração é pesada e quente no peito, e o sentimento de competição é tão forte que posso saboreá-lo.

Ergo o olhar e encontro meu irmão, Finn, segurando a bandeira da outra equipe. Está tão surpreso com esse rumo dos acontecimentos quanto eu porque, se tem uma característica que marca meu irmão... ele não é atlético. Não é a praia dele. Seu sorriso é fervoroso enquanto ele avança em nossa direção porque, se ele conseguir fazer isso, vai ser o herói do dia. Nosso time vai vencer e vai vencer por causa dele.

Balanço os braços erguidos e faço sinal pedindo para ele correr mais rápido, como se já não estivesse correndo. Seus braços magros estão latejando, suas pernas, agitadas. Mas ele precisa correr mais rápido porque eu quero que todos saibam como ele é incrível.

— Calla! — Finn berra, e, por um instante, penso ser de empolgação. — Calla!

O tom de sua voz está ansioso ou desesperado e seus cabelos estão grudados na testa e ele não está empolgado. Está aterrorizado. Seus olhos parecem arregalados e concentrados em alguma coisa atrás de mim, na parede, em nada.

Fico confusa, entro em pânico porque alguma coisa se desencadeia em mim. O instinto ancestral de proteger meu irmão. Lutar ou fugir. Protegê-lo.

Quero sair correndo para pegá-lo, para tentar protegê-lo de todas as crianças que tentam bombardeá-lo para pegar a bandeira em sua mão. Não sei o que há de errado com meu irmão, mas ele não quer mais brincar. Está querendo escapar do jogo.

Quando o alcanço, seus olhos estão cegos e ele grita aterrorizado. À minha volta, ouço as outras crianças rindo baixinho e as vejo encarando e quero bater em todo mundo, mas não posso.

Finn solta a bandeira, que cai como uma fita alaranjada no chão.

Antes que eu possa contê-lo, ele se agarra à velha corda, aquela que vai até o teto. E vai subindo com os azulejos manchados ao fundo, olhando para baixo, para mim, mas sem conseguir me ver.

— Ele está aqui, Calla! — grita. — Ele está aqui. O demônio. O demônio. Seus olhos são negros.

Os olhos de Finn estão arregalados e ele grita outra vez, se esquivando como se alguma coisa que não conseguimos enxergar o estivesse perseguindo. Tenta subir mais alto, mas não há nenhum outro lugar aonde ir. Ele já está no topo, perto do teto, e alguma coisa imaginária o está perseguindo e eu não consigo respirar.

O que está acontecendo?

Meu coração acelera e eu agarro a corda, subindo o mais rápido que consigo para alcançar meu irmão.

Uma mão depois da outra, empurro com os pés. Os fios grossos da corda cortam minha mão, queimam, mas não importa.

Só Finn importa.

Mas Finn não está me vendo. Ele me olha, mas é como se eu fosse transparente, e Finn grita e grita e grita.

Ele se esquivava e eu fico aterrorizada.

— Finn, sou eu — digo com cuidado, com a voz mais estável que consigo. — Sou eu.

Tenho que ajudar. Tenho. O que há de errado com ele?

Toco em seus tênis, levemente, muito levemente, tão levemente a ponto de achar que ele não vai sentir.

Mas ele sente. Vira o rosto porque acha que eu sou um demônio, e, enquanto ele se movimenta, suas mãos se soltam da corda.

A vida em câmera lenta.

Ele cai da corda e grita. E se debate e cai, e o barulho que faz ao atingir o chão do ginásio é assustadoramente suave, como se meu irmão fosse um travesseiro. Como pode?

Fico impressionada e espantada enquanto olho para meu irmão, para o sangue escorrendo pelo chão do ginásio, para a professora afastando as crianças do corpo de Finn, para meu irmão, para meu irmão.

Os olhos azul-claros de Finn estão abertos e me olhando, mas ele não está me vendo.

Não mais.

Porque está morto.

Meu pai é agente funerário, então eu sei bem qual é a aparência da morte.

Não lembro como desço da corda, pois minhas mãos estão entorpecidas, meu coração está entorpecido, minha cabeça está entorpecida. Não lembro quem me busca no colégio. Só lembro de estar deitada na cama e olhando para o teto e me sentindo sem vida, como se todo o mundo fosse se despedaçar e voar para longe e eu não desse a mínima. Porque Finn se foi e eu também não quero estar aqui.

A tristeza me pressiona como um peso enorme, enorme, e eu sei que não posso suportá-la. Ela vai me esmagar.

Fecho os olhos,

E fica escuro, e eu sonho.

Estou em um lugar mais escuro e meu irmão está aqui. Seus olhos são sombrios e lúgubres, sem a parte branca, e aí me dou conta de que ele é um embrião, e eu sou um embrião, e ainda não nascemos. Estendo os dedos, ainda com membranas, e toco seu rosto através do líquido, através do fluido, e ele é meu irmão. Embora ainda não tenha cabelo, eu sei disso. Eu o sinto, sinto seu coração.

Ele me olha através da escuridão, como se estivéssemos conversando. Ouço uma voz. É ele, é meu irmão, é Finn.

*Me salve e eu vou te salvar.*

Ele é barulhento, e silencioso, e está em todos os lugares, e em lugar nenhum.

Alguma coisa o incomoda, sinto em meus ossos, então me aproximo para tomá-la, para absorvê-la, porque não posso deixar nada acontecer com ele, jamais. Já o decepcionei uma vez e não vou decepcioná-lo de novo.

Ele me traz conforto e eu lhe trago conforto e sempre vamos ser assim.

Sinto sua pele. Sinto seu coração batendo contra mim.

Sinto nossas células se multiplicando conforme crescemos, conforme nos desenvolvemos, conforme nos tornamos seres.

*Me salve e eu vou te salvar.*

Sim, eu vou.

Eu vou.

Acordo assustada e a luz se derrama pela janela do quarto.

A colcha está puxada até o meu queixo e eu descubro uma das mãos, olho para ela. Meus dedos não têm mais membranas. Meus dedos são separados e longos. Balanço-os contra a luz.

Foi um sonho.

Foi um sonho.

Mas meus pensamentos estão confusos. É difícil me concentrar, e alguma coisa se mexe no canto. Alguma coisa com olhos escuros. E me encara por um instante antes de sumir, e eu me lembro do grito de Finn.

*“O demônio está aqui, Calla!”*

Meu coração parece congelado enquanto me sento na cama e olho para o canto vazio, onde eu poderia jurar estar um ser de olhos negros há um instante.

É impossível.

Impossível.

Eu me sinto tão exausta, tão fraca, tão confusa.

Balanço a cabeça, tentando limpá-la, mas ela se recusa. A névoa persiste, embaçando meus processos de pensamento, interrompendo tudo.

Do outro lado da porta, ouço vozes.

— A percepção que ela tem da realidade é tênue.

O murmúrio invade meu pânico.

Fico paralisada, nem sequer respiro. O sussurro vem do outro lado da porta.

— Não. Não quero fazer isso. Ainda não. — A voz é chiada, firme, e não pode ser real. Simplesmente não pode. Estou congelada enquanto ela me envolve, enquanto a realidade se esvai ainda mais.

— Mas temos que fazer. Ela não quer isso.

Confusa, olho para a superfície de madeira da porta, para a textura.

Isso está mesmo acontecendo?

Ou minha mente está pregando peças em mim outra vez?

Engulo em seco e inspiro uma lufada trêmula.

— Qualquer coisa pode empurrá-la de volta ao limite — a voz conhecida alerta, cuidadosa e grave. — É por isso que temos que ter cuidado ao lidar com ela.

*Lidar comigo?*

A porta se abre e eu ergo o olhar e encontro três sombras pairando sobre mim.

Meu pai.

Minha mãe.

E alguém que não consigo ver, uma figura sem rosto e sem nome espreitando nas sombras. Olho mais de perto, tentando saber se é ele, mesmo que, em meu coração, eu saiba que não pode ser Finn.

É impossível.

Então empurro o corpo para trás até minha espinha encostar na cama de meu irmão. Sou como um cervo arisco, e eles, meus caçadores. Sou uma presa porque estou em perigo, mesmo

sem saber por quê.

Mas eles sabem.

— Calla — meu pai chama gentilmente, tranquilamente. — Está tudo bem. *Está tudo bem com você.* Mas eu preciso que você confie em mim agora.

Seu rosto está pálido e solene. O ar neste cômodo agora está carregado, perigoso, e percebo que mal consigo respirar.

Eu me preparo.

Porque, no fundo, sinto que não posso confiar em ninguém.

Abro os olhos.

O quarto está vazio.

Eles desistiram.

Seja lá o que quisessem me dizer, agora estou segura.

Porque estou sozinha.

Com movimentos trêmulos, eu me coloco em pé e vou até o criado-mudo de Finn. Pego sua medalha de São Miguel e a fecho no meu pescoço. Se Finn a estivesse usando no colégio, estaria aqui agora. Estaria bem, estaria seguro.

Segurando o pingente circular nos dedos, sussurro uma oração, com as palavras passando rápidas e secas pelos meus lábios.

*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Sede nossa defesa contra os embustes e ciladas do demônio. Que Deus o censure, pedimos humildemente, e que vós, príncipe da milícia celeste, pela força divina, precipitai no inferno o Satanás e os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.*

Faço a oração três vezes, só para garantir.

*Estou protegida.*

*Estou protegida.*

*Estou protegida.*

Agora estou segura. Estou usando a medalha de Finn. Estou segura.

Começo a inspirar aliviada quando a porta se abre outra vez e novamente me vejo diante de minha insanidade.

Meus olhos assustados piscam enquanto se voltam para cima, encontrando o impossível.

Finn.

*Meu irmão morto.*

Parado na porta do quarto.

Ele entra, e não há sangue, nem medo, nem ares de loucura em seus olhos. Seu cabelo é castanho; seus olhos, azuis, como sempre.

Ele se senta ao meu lado na cama, o rosto pálido enquanto segura minha mão, e sua mão é real, e ele está vivo, e ele está aqui. Está respirando e caloroso e aqui.

Expiro.

— O médico disse que você está louca, Cal — ele me conta, bastante sério. — Você precisa tomar o seu remédio e aí vai ficar tudo bem.

Eu estou louca e vai ficar tudo bem.

Vai?

Mas faço que sim com a cabeça porque *Finn está aqui*, e eu me vejo disposta a concordar com qualquer coisa porque ele não está morto.

Ele está aqui.

E eu estou aqui.

E não me importo se sou louca.

Finn aperta minha mão e eu respiro e respiro e respiro.

— Nosso primo chegou — enfim anuncia. — Ele vai passar um tempo aqui. Ele é legal e você vai gostar dele.

Faço que sim, mas não dou a mínima. Só me importo com o fato de Finn estar aqui e de eu ter tido um pesadelo e de não ter sido real.

Minha mãe entra no quarto e anda rapidamente e meu pai fala baixinho e eles me fazem ficar na cama. Mais tarde, meu primo postiço entra.

Sua voz é baixa quando ele se apresenta. É três anos mais velho e se chama Dare.

— É um prazer conhecê-lo — digo muito educada e ainda exausta.

Olho em seu rosto e respiro fundo.

Seus olhos são negros.

### 3

Negros como a noite, como a escuridão, como ônix. Negros como obsidianas, como nanquim. Não consigo não olhar para os olhos de Dare enquanto Finn e eu caminhamos com ele pela trilha, alguns dias depois.

— Por que você não para de olhar para mim? — ele pergunta, impaciente.

Suas mãos estão sujas porque estamos ao ar livre, na praia e na trilha.

— Porque seus olhos são negros — respondo, corajosa.

Porque a sinceridade é a melhor política.

Ele bufa.

— Não são. São castanhos.

Com um lampejo de esperança, eu o estudo outra vez, observando a luz do sol atingir seus olhos. Talvez Dare esteja certo. Eles são de um castanho muito, muito escuro, como chocolate ao leite ou a mais escura casca de árvore. Quase negros.

Mas não exatamente negros.

Respiro aliviada.

Finn me observa. Percebe meu alívio, percebe que agora consigo respirar, e suspira.

— Cal, não foi real. Você sabe que não foi.

Sua voz é delicada porque eu lhe contei tudo. Que ele pegou a bandeira, que viu demônios, o jeito como *morreu*.

Num primeiro momento, Finn deu risada, mas logo percebeu que eu estava falando sério. E aí me fez prometer que eu não contaria ao médico, porque o médico e meus pais já me acham louca e todos estão de olho em cada passo que eu dou. Preciso descansar, preciso ficar na cama, preciso tomar meu remédio. É excruciante.

— Não existe nenhum demônio dos olhos negros — Finn me garante baixinho, bem baixinho.

Encaro os olhos de Dare, que está do outro lado da trilha, recolhendo algumas pedrinhas para jogar na água. Mas não tenho certeza de que não há nenhum demônio, e Finn sabe disso.

— Acredite em mim — instrui com firmeza. — Você tem que acreditar.

— Pareceu tão real — enfim digo com a voz fraca. — Primeiro, era você. Você era louco, e aí morreu. Você morreu, Finn. Mas, quando eu acordei, você estava vivo e eu estava louca. Eu *sou* louca. Estou tão confusa, Finn. O que está acontecendo comigo?

Meu irmão me observa, depois desvia o olhar e segura minha mão.

— Não sei. Mas eu não estou morto e não vou deixar você ser louca, Calla. Nunca comente com os nossos pais as coisas que você diz. Converse apenas comigo sobre isso, está bem?

Concordo porque vejo sabedoria nesse conselho. Eles nunca, nunca poderão saber.

— Somos você e eu, Cal — acrescenta solenemente.

E ele é meu irmão, e eu sei que está certo.

— Você e eu — sussurro.

Ele sorri.

— Vamos levar Dare à praia antes que a mãe descubra que você saiu.

— Por que eu tenho que passar tanto tempo na cama? — resmungo enquanto seguimos nosso caminho pela trilha rochosa, rumo à areia lá embaixo.

Finn dá de ombros.

— Não sei. Eles querem que você descanse. Vai te ajudar a melhorar.

Eu quero melhorar. Disso eu tenho certeza.

Quando minha mãe nos encontra, algum tempo depois, agitada pelo fato de eu não estar em meu quarto, eu a sigo mansamente para dentro de casa. Subo a escada até meu quarto e vejo Dare e Finn pela janela.

Estão construindo um forte com podas de árvore e rindo e correndo juntos, já alheios ao fato de que eu não estou lá, seus rostos enrubescidos pela diversão e pelo ar fresco.

*Era eu quem deveria estar ali.*

Não consigo conter o ressentimento que incha dentro de mim, desde os pés até as mãos até o coração. Eu deveria estar correndo e brincando. E não confinada aqui, nesta cama. Meu primo não deveria estar brincando com Finn no meu lugar.

Era para ser eu.

— Calla, meu amor — minha mãe murmura ao entrar de novo no quarto, trazendo um copo de suco de maçã e um punhado de comprimidos na mão. São coloridos como joias, mas têm gosto de terra. — Você precisa me ouvir. Precisa descansar, precisa se recuperar. Você confia em mim?

Faço que sim com a cabeça porque ela é minha mãe, e é claro que confio nela. Que pergunta mais esquisita. Eu me viro para ela e obedientemente estendo a mão para pegar os remédios.

Um a um, engulo todos, e eles grudam na garganta, então tomo um gole de suco. Minha mãe, tão linda, me observa com compaixão, afastando o cabelo ruivo do meu rosto.

— Tudo isso vai valer a pena — garante. — Eu lhe prometo, Calla.

Mas há alguma coisa em sua voz, alguma coisa alguma coisa alguma coisa. Como se ela tentasse convencer a si mesma, e não a mim. É um tom frágil, uma incerteza.

Mas aí ela dá as costas e me deixa sozinha.

Eu me viro para o lado e puxo as cobertas até o queixo, olho pela janela. Uma pesada bruma recai sobre mim, produzida pelos remédios, empurrando minha cabeça sob uma pesada corrente, uma corrente escura e pesada, e não consigo lutar contra o sono. Ele está aqui, é forte, embaça minha visão.

Porém, antes que eu pare de enxergar e a escuridão tome conta de tudo, vejo Finn e Dare no gramado. Estão brincando e rindo, e, de forma abrupta, Dare para e inclina a cabeça para cima, e seus olhos escuros, escuros encontram os meus.

Ele olha para mim, para dentro de mim, através de mim.

Minha respiração fica presa porque alguma coisa parece fora de lugar, alguma coisa parece estranha.

Dare ergue a mão e acena, e sai correndo com meu irmão na direção das árvores.

*Meu irmão.*

*Meu.*

O ressentimento me invade outra vez, porque estou nesta cama e ele está lá fora com meu irmão, brincando como eu deveria estar brincando, com meu irmão.

Meu

*Meu*

**Meu.**

Mas não consigo conter a escuridão, e ela chega, cobrindo meu ressentimento e minha vontade de brincar. Ela cobre tudo, consome tudo, mata tudo. O sono chega e eu estou perdida... em sonhos, em pesadelos, em realidade.

Quem é capaz de diferenciar uma coisa da outra?

Finn está aqui e Dare está aqui e Finn estende a mão. Porque eu, e não Dare, devia estar ao lado dele. Eu deveria estar brincando, gritando, rindo.

Sáímos correndo para longe, bem longe, de Dare, na direção do penhasco, na direção do mar.

Quando olho para trás, Dare está nos observando,

com o semblante mais triste que já vi.

Ele não se mexe para se aproximar de nós, e eu sei que está resignado.

Ele sabe o que eu sei.

Ele não devia estar ao lado de Finn, eu devia.

Finn é meu.



Ao acordar, ouço vozes reverberando pelos corredores da nossa casa. Sinto o cheiro de cravos e lírios, as flores dos funerais, da morte.

Atravesso meu quarto e desço a escada.

O cheiro de panquecas me envolve e eu absorvo o aroma de xarope de bordo.

— Por que hoje é um dia especial? — pergunto a minha mãe, porque só comemos panquecas em dias especiais.

Ela olha para mim enquanto anda de um lado a outro da cozinha.

— Seu primo tem que voltar para casa mais cedo. O professor de latim dele chegou antes do dia combinado.

— Latim?

Minha mãe assente.

— Sua avó quer que todos vocês aprendam latim. Você e Finn também vão aprender, devem começar no ano que vem.

— Pode começar agora mesmo, se quiser — Dare diz, sentado no sofá.

Está com o corpo reclinado ali, um cobertor sobre as pernas. Parece mais pálido que ontem.

— *Iniquum*. Quer dizer “injusto” — explica.

Formo o som estranho em minha língua, forçando-o a sair:

— *Iniquum*.

Minha mãe entrega a Dare um prato com o café da manhã ainda fumegando. Ele começa a se levantar, mas ela faz um sinal para que ele fique como está.

— Está tudo bem, meu amor. Fique aí e descanse.

*Descanse.*

Espantada, percebo que ninguém me censurou por ter saído da cama.



— Seu pai me mata se eu deixar você cansado — minha mãe acrescenta, como se não lembrasse que ainda ontem Dare estava correndo atrás de Finn no gramado.

— Você se machucou? — pergunto, curiosa.

Ele olha para mim e revira os olhos.

— Não.

Eu me pego confusa, tão, tão confusa, e olhando para meu irmão, mas Finn age como se isso fosse normal, como se Dare devesse estar na cama. E não eu.

Não eu.

— O que está acontecendo? — sussurro, totalmente perdida.

O quarto gira e todos se movimentam como se estivessem em velocidade acelerada e eu fosse a única parada.

Minha mãe me observa.

— Eu contei para você, meu amor. Dare precisa voltar à Inglaterra. Não se preocupe. Vamos encontrá-lo em breve, como fazemos todos os verões.

Fazemos?

Olho para Finn e ele parece animado, como se estivesse ansioso para ir à Inglaterra, como se viajássemos para lá todos os verões de nossas vidas. O problema é que... eu não tenho *nenhuma* lembrança disso.

— Eu de fato estou louca — digo baixinho a mim mesma. — Tão louca quanto dizem. Estou louca.

Finn pega um prato e me entrega, um prato cheio de panquecas com noz-pecã, pingando xarope de bordo.

É o paraíso sobre uma peça de porcelana.

Sei disso.

Dou uma mordida após a outra, mas, depois da terceira, não consigo mais mexer a língua.

Por um instante, penso ser minha mente me enganando, me fazendo pensar que estou pausada enquanto todos estão em velocidade acelerada, mas em seguida vejo minha mão cair mole sobre a mesa e minha mãe correr para me pegar e eu não consigo respirar eu não consigo respirar eu não consigo respirar.

— Calla! — ela grita, desesperada, batendo a mão em minhas costas porque sabe que estou engasgada.

Não estou engasgada. Só não consigo respirar.

Enterro as unhas na garganta, no rosto, na língua.

O ar

O ar

Ele não chega aos meus pulmões.

A luz

A luz.

Ela me envolve e acho que estou morrendo.

É essa a sensação, concluo.

De morrer.

É cálida e suave e convidativa.

É reconfortante, como nossa casa.

Não tem cheiro de formol nem de lírios, como a funerária. Tem cheiro de chuva, de grama, de nuvens.

A luz me envolve e minha garganta não dói mais.

Nada dói.

Estou leve como uma pluma.

Estou leve como uma nuvem,

As luzes me preenchem e me fazem flutuar.

Flutuo na direção do teto e olho para baixo, para mim mesma, para meu pequeno corpo caído no chão. Meu cabelo ruivo está bagunçado como uma piscina de sangue à minha volta e aquilo me fascina, aquela cor. A cor infinita. Porém, a luz me distrai, brilhando tão forte quanto o sol lá fora de casa, atingindo meus olhos. De repente, percebo que estou pronta para ir, estou pronta para me desprender, para me desfazer. Estou pronta para deslizar pela janela e tocar a luz quando vejo o rosto do meu irmão.

Está tão branco quanto a própria morte,

Está aterrorizado e gritando meu nome, segurando minha mão, puxando meu corpo espalhado no chão.

Com os pés no parapeito, cambaleio, enquanto a luz ainda atinge meus pés.

Não posso

Não posso

Não posso deixá-lo.

Não posso deixá-lo sozinho.

Primeiro ele me deixou, mas no fim das contas não me deixou. Ele jamais me deixaria sozinha e eu tampouco posso deixá-lo.

Arfando, desço do parapeito e deslizo outra vez para dentro do meu corpo, e, quando volto a abrir os olhos, estou no hospital.

— Você é alérgica a castanhas — a enfermeira me informa solenemente, e minha mãe e meu irmão estão sentados ao meu lado na cama.

— Nunca mais vai poder comer castanhas — minha mãe me diz, e seus olhos estão tomados pelo terror.

— Você morreu por um minuto e meio — Finn me conta, agora parecendo não ter mais medo, mas apenas estar intrigado.

Porque agora estou segura. Porque eu estava morta e agora não estou mais.

Eu deveria me sentir diferente, mas não sinto.

Isso também me deixa intrigada.

## 4

### *Propriedade Whitley Sussex, Inglaterra*

O voo é infernalmente longo.

Viajamos de primeira classe, mas tive que deixar meu pai e meu quarto para trás, e, embora os comissários venham com frequência perguntar se precisamos de alguma coisa e me tragam suco de maçã e biscoitos e um cobertor, não vale a pena. Sei que não vale a pena.

Minhas pernas têm câibras e eu as massageio, olhando de soslaio para Finn.

— Não quero ir para a Inglaterra — admito para ele.

Meu irmão leva o dedo aos lábios, fazendo sinal para eu me calar, e olha para minha mãe, do outro lado do corredor. Ela está dormindo um sono pesado, graças a um sonífero. Viro os olhos.

— Faz três horas que ela não se mexe.

— E daí? Mesmo assim ela pode nos ouvir.

— Ela não tem ouvido biônico — argumento.

Mas desisto, porque que diferença faz?

— Eu só não quero ir — continuo, falando um pouco mais baixo. — O pai não queria que a gente fosse, eu percebi. Não sei por que temos que fazer essa viagem.

Finn olha por sobre o ombro, na direção de minha mãe, depois me encara.

— Eu ouvi os dois conversando ontem à noite. A mãe disse que temos que ir, para a família dela poder ajudar você.

Espantada, eu me afasto dele.

— Me ajudar com o quê?

Os olhos azuis de meu irmão estão cautelosos.

— Não sei. Você sabe?

Com firmeza, nego com a cabeça.

— Não tenho a menor ideia. Eu não preciso de ajuda.

Não digo mais nada durante o resto do voo, até finalmente, finalmente, chegarmos a Londres. Minha mãe acorda com facilidade, renovada depois do sono pesado. Estou exausta, e é com pernas cansadas que me arrasto pelo movimentado aeroporto.

Um motorista usando terno preto e quepe nos aguarda e nos guia até uma limusine enorme e encerada.

— Meu nome é Jones — ele diz, sério, e tem um nariz gigante. — Vou ajudar vocês enquanto estiverem em Whitley.

Me ajudar?

Finn e eu trocamos olhares enquanto entramos no carro extravagante.

Minha mãe parece não notar. Na verdade, parece nostálgica enquanto conversa pelo caminho, atravessando a cidade rumo ao interior. E aponta pela janela.

— Está vendo ali? Eu aprendi a nadar naquela lagoa.

Acompanho seu dedo e encontro um pequeno corpo de água escura. Nada que se compare ao Oceano Pacífico, onde eu aprendi a nadar. Lamento por minha mãe, mas ela não parece triste.

Agora que estamos aqui, seu sotaque se tornou mais pronunciado, cortando o ar como um bisturi, como a britânica que ela é. Ela sempre diz *bean* em vez de *been* e pronuncia *schedule* mais parecido com *shhedule*. Como foi que eu nunca notei?

Finn estende a mão e segura a minha, apertando-a.

— Acho que já estamos chegando — fala baixinho, e eu acompanho seu olhar.

As torres surgem em meio às árvores no horizonte, são de pedra como o telhado. Fico impressionada quando passamos pelos portões, atravessando uma entrada de pedra antes de estacionarmos diante de uma casa gigante. Na verdade, uma mansão.

— Meninos, estamos em Whitley — minha mãe anuncia, já abrindo sua porta e encostando os pés no chão de pedra.

Olho para a casa, que paira sobre seu ombro.

É imponente e grandiosa, ameaçadora e linda, escura e resplandecente.

Tudo ao mesmo tempo.

Ela é muitas coisas, mas, acima de tudo, intimidadora.

Assim como a mulher franzina que espera para abraçar minha mãe.

Ela permanece como um passarinho na passagem da porta. Tem a pele escura e um lenço colorido sobre o cabelo, e olhos escuros que brilham, olhos que veem através de mim. Seu olhar me faz estremecer, e ela oferece um sorriso torto, como se soubesse de tudo. Como se soubesse tudo a meu respeito, como se soubesse tudo de tudo.

É apresentada como Sabine, embora minha mãe a chame de Sabby. Como se minha mãe a conhecesse superbem, apesar de até hoje eu não ter ouvido seu nome. Nada disso faz o menor sentido e eu me pergunto se Finn se sente tão confuso e oprimido quanto eu me sinto.

Quando ele oferece um aperto de mão a Sabine, parece não se sentir tão confuso. Sorri para ela e diz, educadamente:

— É um prazer conhecê-la.

É a minha vez, e Sabine me encara como se já lesse meus pensamentos, os olhos escuros perfurando os meus.

— É um prazer conhecê-la — murmuro como uma obrigação, como me foi ensinado.

Os cantos de sua boca repuxam, sua mão enrugada se curva como uma garra em volta da minha. Sua pele é fria como gelo e eu estremeço outra vez. Ela sorri em resposta e alguma coisa me deixa à beira do precipício, a penugem em minha nuca enrijecida, cada vértebra da minha espinha enrijecida.

— O desafio foi lançado, já notei — ela fala baixinho, quase para si mesma, e eu sou a única que consegue ouvir.

— O que você disse? — pergunto, confusa, porque as palavras dela não fazem sentido.

Mas ela nega com a cabeça coberta por aquele lenço.

— Deixe pra lá, filha — responde, com firmeza. — Isso não deve preocupá-la agora.

Mas me preocupa, porque suas palavras me acompanham.

Ela nos guia até nossos quartos e, no caminho, se vira para mim.

— Você vai me ouvir enquanto estiver aqui — diz, com uma voz sem emoção, como se eu jamais pudesse pensar em discordar. Chego a abrir a boca, mas seus olhos de aço me fazem calar. — Eu vou administrar os seus remédios e os métodos para controlar a sua... doença. Tenho as melhores intenções para você, sempre. E as melhores intenções desta família. Você vai confiar em mim.

É uma afirmação, não uma pergunta ou sugestão. Ela para diante da porta do quarto de Finn e permite que ele entre antes de seguirmos rumo ao meu.

Sabine me deixa sozinha e o quarto é cavernoso.

— O desafio foi lançado — repito para mim mesma enquanto olho para minha mala.

Ela espera por ser desfeita, mas o quarto é grande demais para ser aconchegante, e eu só quero ir para casa, para longe deste lugar estranho com as palavras e jeitos estanhos dessa gente.

— O que foi que você disse? — Finn pergunta na passagem da porta.

Ele está me encarando, aguardando minha resposta enquanto entra e desliza o olhar pelo cômodo.

— Prefiro o meu — ele continua, sem esperar minha resposta.

Ainda não vi seu quarto, então não posso opinar, mas fico feliz por ele não me pedir outra vez para repetir o que eu tinha dito.

*O desafio foi lançado.*

O que significa isso?

Finn anda pelo quarto e solta o corpo na cadeira de veludo azul próxima à janela. As molas do assento rangem e meu irmão olha pelas enormes janelas.

— Este lugar é enorme — comenta, como se não fosse óbvio. — E a Sabine me disse que temos que arrumar um cachorro.

Isso atrai minha atenção. Afinal, não podemos ter cachorro em casa. Meu pai é alérgico.

— Um cachorro?

Finn assente como aquela pessoa que está feliz por trazer boas novas.

Este lugar está parecendo um pouco melhor.

Um pouco.

Meu irmão me ajuda a desfazer a mala e a guardar minhas roupas e eu olho para a cama gigante.

— Vou sentir medo de dormir aqui — falo, em devaneio.

Finn nega com a cabeça.

— Eu venho dormir com você. Assim você não precisa ficar sozinha.

Eu nunca estou sozinha. Essa é a melhor parte de ter um irmão gêmeo. Abro um sorriso e juntos encontramos o caminho até a sala de jantar porque, quando estamos juntos, nunca ficamos sozinhos, e porque não devemos nos atrasar para o jantar.

É aqui, sentados em volta da maior mesa que já vi, que encontramos minha avó.

Eleanor Savage está sentada na extremidade da mesa, o cabelo muito bem puxado para longe do rosto. Usa pérolas e um vestido e não parece feliz, apesar de dizer que está alegre por finalmente nos conhecer. E olha para minha mãe enquanto coloca ênfase na palavra *finalmente*.

Minha mãe engole em seco, mas não responde. Isso chama minha atenção. Ela tem medo da minha avó. Mas, é claro, enquanto observo essa mulher severa, imagino que todos tenham medo dela.

Eleanor me observa.

— Sempre temos um par de terras-novas aqui em Whitley. Recentemente fomos forçados a sacrificar nossos velhos cães. Você e seu irmão vão escolher outros dois. A cadela do vizinho estava prenhe.

Eu não sei exatamente o significado de *prenhe* e pensei que com *cadela* ela estivesse insultando alguém. Mas uso a cabeça para concordar porque é isso que ela quer, porque age como se estivesse nos concedendo uma honra. Não diz *Bem-vindos a Whitley, sou sua vó e amo vocês*. Em vez disso, permite que escolhamos os novos cachorros da casa.

Não retruco porque de fato quero um cachorro, e tenho medo de fazer perguntas e ela mudar de ideia.

Então, apenas me concentro no jantar, uma coisa estranha chamada “steak and kidney pie”. Empurro as vísceras para o canto do prato, mas minha mãe me olha nos olhos e arqueia a sobrancelha. Relutante, coloco um pouquinho na boca. Tem gosto de carne, mas a textura mais parece borracha e faz meu estômago revirar. Engulo sem mastigar.

— Onde está nosso primo? — Finn pergunta abruptamente, e aí percebo que me esqueci completamente dele, o garoto que conhecemos no ano passado.

O garoto dos olhos escuros, tão escuros a ponto de serem quase negros.

*Dare.*

Minha avó olha para nós.

— Adair está jantando na ala do pai dele, mas vocês deveriam estar cientes de que as crianças não devem fazer perguntas aqui em Whitley.

Engulo em seco porque a atmosfera é assustadora e porque Whitley deve ser enorme. Tão grande a ponto de haver alas distintas, com quartos e suítes. É como uma ilha flutuando no meio da Inglaterra.

Fico nervosa porque percebo que minha mãe não gosta de Dare. Percebo em sua voz, que respinga ressentimento e desgosto. Por um instante me pergunto o motivo, mas logo afasto o pensamento da mente e volto ao meu quarto gigantesco. Não é da minha conta. Trata-se de um primo que nem sequer conheço. Como meu pai costuma dizer: *Não é o meu circo, não são os meus macacos*.

De manhã, Sabine me acorda batendo levemente à porta.

— Venha comigo, filha — diz, com uma voz que soa como um pedaço de madeira retorcida. — Precisamos buscar os filhotes.

O entusiasmo invade meu peito e eu saio rapidamente da cama, empurrando as cobertas com meus movimentos. *Um cachorro*. Os cães não nos julgam, eles nos amam incondicionalmente, e nunca agem como se você fosse louca. Mal posso esperar para ter um cachorro meu.

Finn e eu tagarelamos enquanto acompanhamos Sabine em uma caminhonete velha, descendo pela via a caminho do vizinho. Uma matilha de cachorrinhos fofos e pretos nos cerca quando saímos do carro e não demoro a pegar um filhote com olhos grandes e tristes; Finn pega outro, que balança a cauda e todo o corpo.

— Eles são pequenos agora, mas um dia vão ser maiores do que vocês — Sabine explica. — E vão ter de ser cuidadosamente treinados para se tornarem obedientes.

— Que nomes devemos dar a eles? — Finn pergunta enquanto segura seu cãozinho agitado, no caminho de volta a Whitley.

Sabine lança um olhar em nossa direção.

— Eles vão se chamar Castor e Pólux. Combina.

Acho interessante ela já ter nomes para os filhotes, mas isso pouco importa. Porque eu tenho um cachorro dócil dormindo em meu colo e isso é tudo o que eu sempre quis. Só não tinha me

dados conta até agora.

E é só quando já estamos em Whitley e alimentando os cachorros na cozinha que penso em nosso primo.

— Dare não deveria também escolher um cachorro? — questiono, descansando a mão na cabeça de Castor.

Sabine nega com a cabeça e desvia o olhar.

— Não.

Sua resposta é tão imediata e firme que me deixa confusa.

— Mas por quê?

— Porque, filha, não importa. Agora, lembre-se do que sua avó falou. Aqui, as crianças não fazem perguntas.

É a primeira vez que percebo o verdadeiro lugar de Dare nesta casa, e ele tem o papel da insignificância. Não gosto disso. Dare deveria ter a mesma posição que eu tenho. Ele é neto de Eleanor, exatamente como eu. Por que, então, eles o tratam como se fosse diferente, como se fosse descartável?

Esse pensamento me deixa com pavor e com um peso no estômago.

Por mais que eu tente, o pensamento não desaparece.

Finn e eu dormimos com Castor e Pólux aconchegados em nossos pés, e, ainda assim, eu de certa forma me sinto sozinha pela primeira vez na vida, porque estou em um lugar onde uma pessoa viva não tem qualquer importância.

Se hoje é Dare, amanhã posso ser eu.

*Descartável.*

# 5

## *Propriedade Whitley Sussex, Inglaterra*

Sonho que não consigo respirar, que alguma coisa alguma coisa alguma coisa está me estrangulando. Luto e luto para respirar, para me movimentar, e simplesmente não consigo. Acordo assustada e encontro Castor deitado ao meu lado, com todos os seus noventa quilos me amassando.

— Ai, Castor, saia daqui — murmuro, porque seu hálito de cachorro é rançoso e sua saliva escorre pelo meu pescoço.

Ele arfa com mais força e não se movimenta.

Rolo por debaixo dele e me esforço para lembrar a bolinha de pelo que ele era há apenas um ano.

— Você está enorme — comento com carinho, acariciando sua cabeça gigante.

Chegamos ainda ontem e Castor e Pólux pareceram se lembrar de nós, como se jamais tivéssemos ido embora.

— Eu nem sabia que um cachorro podia ser tão grande.

Ele parece tão grande quanto um potro e suas patas são maiores do que minhas mãos. Isso é fato. Eu já comparei. É tão pesado quanto Finn e eu juntos, talvez até mais, e eu o amo. Amo tanto quanto no ano passado, tanto quanto sempre. Talvez até mais. Castor é enorme e eu sei que ele jamais deixaria nada ruim acontecer comigo. Jamais. Por algum motivo, isso parece importante.

— Vamos tomar o café da manhã, rapaz.

Castor arfa no meu calcanhar enquanto atravessamos o corredor, e suas unhas batem no chão de pedra. Ele parece um alce andando atrás de mim. Nada em Castor é sutil.

Paro no quarto de Finn e espio, e abro um sorriso quando vejo meu irmão e Pólux juntos em meio às cobertas. Pólux é tão enorme quanto Castor, faz a cama gigante parecer pequena. Ele ergue as orelhas ao me ver, mas não sai de onde está.

— *Shh*, rapaz — digo. Ele fecha os olhos como se entendesse que eu quero que meu irmão continue dormindo.

Estamos sofrendo com o jetlag e o mundo parece de cabeça para baixo.

Quando chego à cozinha, não tem ninguém ali. É incomum, mas é muito mais cedo do que todos levantam em um dia normal. Maldito jetlag. Pego um pãozinho no armário, coloco comida



para Castor e tomo meu café da manhã.

Quando termino, ainda estou sozinha no cômodo.

Então Castor e eu vamos para o lado de fora da casa, seguimos pelos caminhos brumosos enquanto exploramos.

Assim que saímos, eu me arrependo de não ter trazido um suéter. Está friozinho aqui fora, com a brisa da manhã e o sol começando a nascer agora. Arrepios se formam em todos os cantos do meu corpo e percorrem minhas pernas como formigas minúsculas enquanto caminho.

O horizonte está banhado em tons de púrpura e rosa e vermelho quando o sol começa a aparecer. Esse horizonte parece atipicamente enorme, mas é porque tudo em Whitley é tão gigante, tão vasto. Estou impressionada com a beleza quando ouço um barulho.

Uma pedra caindo em algum ponto do caminho, talvez. Um som de derrapagem, alguma coisa que interrompe o silêncio da manhã.

Fico parada, mas Castor vai em frente sem mim, seu corpo gigantesco descendo em direção aos estábulos, decidido a encontrar a fonte do barulho.

— Castor! — chamo, mas ele não me ouve, nem mesmo olha para trás.

— Castor! — uma voz masculina rosna em meio ao silêncio, e então Castor para aos pés de Dare. — Sentado!

Castor se senta obediente e na mesma hora, posicionado à frente de Dare.

Olho impressionada para ele.

— Como foi que você fez isso?

Dare me observa e eu chego à conclusão de que ele deve ter... onze anos? Seu cabelo está um pouco desgrenhado, quase alcançando os ombros. Mas seus olhos... seus olhos não mudaram.

Escuros

Escuros

Escuros como a noite.

— Você tem que ser firme — aconselha, com uma voz dura e britânica. — Precisa ser o chefe. Eles foram treinados o ano inteiro, mas ainda são filhotes. Você tem que controlá-lo.

Fico hesitante porque Castor tem duas, talvez três vezes o meu tamanho. Por que me obedeceria?

— Chame-o — Dare sugere. — Chame-o com firmeza. Diga: *Castor, venha*.

Faço o que Dare manda, tentando reproduzir a severidade em sua voz.

Castor olha para mim, mas não se mexe, e Dare solta uma risadinha silenciosa.

— Você precisa falar com ele com autoridade, ratinha.

Ergo rapidamente a cabeça.

— Não me chame assim. Eu não sou nenhum rato.

Dare dá risada.

— Então não aja como um. Chame-o com propósito.

Meu lábio repuxa e eu digo vigorosamente:

— Castor, venha.

O cachorro se levanta e vem na minha direção. Para diante de mim, esperando meu comando.

— Sentado.

Ele se senta.

Como mágica.

Dare sorri e seus dentes são muito brancos.

— Viu só? Ele está sendo treinado. E tenho certeza de que se lembra de você. Os dois foram treinados com o cheiro de vocês.

— Nosso cheiro?

Dare confirma com a cabeça.

— Sim, o seu e o do seu irmão. A Sabine guardou algumas camisetas de vocês dois para usar com os cachorros. E funcionou, não é mesmo? Ele reconheceu você?

Confirmo e não tenho como discutir. Castor de fato me reconheceu. Contudo, é estranho saber que meu cheiro foi usado sem meu consentimento ao longo do ano, muito embora essa ideia seja ridícula. Meu cheiro não pertence a mim. Não, não pertence. Eu o libero pelo mundo, e, uma vez que está por aí, ele nunca mais volta.

Dare vem em minha direção, um pouco magro, um pouco desajeitado, porém, aos meus olhos, parece tão sofisticado, tão experiente. Afinal, ele é três anos mais velho. O pessoal de onze anos do colégio nem me olha duas vezes. Bem, a não ser que seja para me chamar de Garota da Funerária. Estremeço com a lembrança e Dare me observa, curioso.

— O que foi?

Engulo em seco porque jamais vou contar a ele sobre essa vergonha específica.

— Nada. O que você está fazendo aqui fora tão cedo?

Agora é ele que parece estremecer, mas logo disfarça.

— É a única hora em que eu posso sair. — E dá de ombros sem apresentar mais explicações.

— Não conte à Sabine, está bem?

Parece uma idiotice me pedir isso porque não estamos fazendo nada errado. Mesmo assim, eu concordo.

— Tudo bem. O que você está fazendo aqui fora?

Dare encolhe o ombro.

— Nada. Só dando uma volta.

Ele é esperto, veio de jaqueta.

— Posso acompanhar? Eu não conheço os caminhos aqui.

Dare hesita, mas acaba concordando:

— Está bem. Mas você precisa ficar em silêncio. Não podemos acordar ninguém.

— Este lugar é enorme — retruco. — Ninguém vai nos ouvir.

— Tem olhos por todo canto — ele avisa. — Não duvide.

— Tudo bem — respondo, porque ele quer que eu concorde.

Mas acho que Dare está sendo paranoico.

Seguimos o caminho do riacho, bem longe da casa, e Castor permanece alguns passos à nossa frente. De tempos em tempos, ergue seu focinho gigante para absorver a brisa, procurando procurando alguma coisa.

— O que ele está procurando? — pergunto, curiosa, a Dare.

— Qualquer coisa — Dare pressupõe. — Tudo. Vai saber. Os terras-novas são conhecidos pelo instinto de herói. Ele provavelmente morreria para proteger você.

— E você? — pergunto, baixinho.

Dare olha para mim.

— É provável que sim. Mas ele não é meu. É seu.

Eu me pego morrendo de vontade de perguntar a Dare por que ele não tem um cachorro, afinal é muito claro que ele ama Castor. Mas não pergunto. Porque tenho a estranha sensação de que isso o ofenderia, de que machucaria seus sentimentos, e não quero fazer isso. Tenho uma fascinação estranha por esse garoto e seus olhos escuros.

Dare para de andar e parece tentar recuperar o fôlego. De repente, percebo que está pálido, mais pálido do que da última vez que o vi. Toco em seu cotovelo.

— Tudo bem com você? — pergunto, apressadamente.

Mas ele se solta da minha mão, irritado.

— Claro que sim — esbraveja. — Por que não estaria?

*Porque você não consegue respirar.*

Mas não digo isso porque Dare claramente não quer que eu perceba. Então, espero em silêncio, paciente, a seu lado. Por fim, depois de minutos e minutos, ele segue seu caminho, mas agora com passos mais lentos. Castor também diminui a velocidade, decidido a permanecer perto de nós.

Um menino da minha classe tem uma coisa chamada asma. Ele tem que levar uma bombinha de ar e com frequência, durante o recreio, tem que parar de brincar para conseguir respirar. Chego à conclusão de que Dare sofre desse mesmo problema, mas para mim parece besteira tentar esconder isso. Ter asma não é motivo de vergonha.

Ele aponta para uma construção de pedra ao longe.

— Ali fica o mausoléu. Todos os Savage são enterrados ali. Você também vai ser.

*Que deprimente.*

— E você, também vai?

A pergunta sai antes que eu possa contê-la.

Dare dá risada, mas não está achando graça.

— Duvido, e nem quero ser. Meu pai era francês e eu vou ser enterrado na França. Eles não podem me manter aqui.

Há tanto distanciamento em sua voz quanto na de Eleanor quando ela fala dele. *Sangue ruim*, diria meu pai. Mas por quê?

— Você não gosta daqui? — pergunto, na esperança de que ele me conte alguma coisa, qualquer coisa, que ajude tudo isso a fazer algum sentido.

Mas Dare permanece em silêncio, o olhar apontando para o horizonte.

— Por favor, me diga — insisto. — Eu também não gosto daqui.

— Por que não gosta? — Dare pergunta enquanto me observa e parece quase interessado.

— Porque sinto saudade do meu pai. Sinto falta do meu quarto. Eu moro em uma funerária, lembra?

Dare assente.

— Não gosto dessa parte porque o pessoal me provoca na escola, mas sinto falta de casa. Sinto saudade do mar. Whitley é grande demais. É um lugar assustador porque é escuro e todo mundo vive em silêncio. Parece que todos escondem coisas uns dos outros, mas não sei o quê.

— Você não sabe nem a metade do que acontece aqui — Dare sussurra, me fazendo olhar duramente para ele.

Mas ele desvia o olhar.

— Me conte como é morar em uma funerária — pede, atraindo novamente minha atenção.

Ofereço um sorriso porque ele não soa malvado nem como quem está me julgando. Parece apenas interessado.

— É normal. Tem cheiro de flores o tempo todo. O cheiro gruda no seu cabelo e na sua roupa.

— As pessoas mortas parecem estar dormindo?

Dou risada.

— Não. Elas parecem mortas.

Dare assente.

— Imaginei.

Ficamos em silêncio e seguimos andando, e Castor arfa. Meus sapatos esmagam os seixos e mais uma vez sinto vontade de estar em casa, nas colinas do Oregon. Mas, por outro lado, Dare não está lá, e ele me interessa.

O vento bagunça meu cabelo e eu ergo a mão para prender as mechas atrás da orelha. Enquanto faço isso, alguma coisa se mexe em minha visão periférica.

Eu me viro e me deparo com uma cena digna de pesadelo.

Avisto Castor e Pólux feridos e ensanguentados, se arrastando pelo caminho, com pernas quebradas e sangue escorrendo dos olhos e dos focinhos. O sangue respinga pelo caminho, inunda os coxins de suas patas, deixando marcas no chão. Há tanto sangue que posso sentir o cheiro, posso sentir o gosto.

Grito e tento correr até eles, mas meus pés não se mexem. Parecem grudados ao chão e eu estou congelada congelada congelada. Meu coração bate e bate, o sangue acelerado pelas minhas veias, e não consigo me mexer não consigo me mexer não consigo me mexer.

— Castor — choramingo.

Ele tenta erguer a cabeça, tenta vir até mim porque é obediente, porque foi treinado, mas seus ossos seus ossos seus ossos estão estilhaçados. Ele não consegue andar e cai no chão com um pesado estrondo, tão alto e forte que faz o chão tremer sob meus pés.

Eu grito

E grito,

Levo as mãos à boca.

Dare se vira calmamente para mim, seus olhos como poços sem vida.

— Você fez isso — ele afirma, com uma voz morta feito um cadáver.

Tento respirar, mas não consigo

Não consigo

Não consigo.

Fecho os olhos com força e caio no chão.

— Calla! Calla! Abra os olhos! *Shh!* Está tudo bem, tudo bem. O que aconteceu?

Uma voz soa desesperada e ansiosa e eu me concentro nela, tentando voltar ao meu corpo, tentando ouvi-la.

— Calla!

Eu me concentro nessas duas sílabas, na voz.

É a voz de Dare e agora está cheia de vida, diferente de antes.

Abro os olhos e seu rosto está próximo ao meu; seus olhos escuros, em pânico.

— O que aconteceu? — ele me pergunta, suas mãos fechadas nos meus braços. — Você está bem?

Acho que ele estava me sacudindo, tentando me fazer focar. Mas não sei.

Nego com a cabeça.

— O que aconteceu com os cachorros? Meu Deus. O que aconteceu?

Confuso, Dare inclina a cabeça.

— Como assim?

Atrás dele, Castor choraminga e eu fico assustada, me sento rapidamente para poder ver.

Ele está sentado a alguns centímetros de nós, me observando com preocupação canina, choramingando porque eu o deixei abalado, balançando a cauda, esperançoso. Está tudo bem com seus ossos. Não há sangue.

Ele está bem

Ele está bem

Ele está bem.

Respiro fundo. Não foi real. Foi real?

— Pensei que... que Castor estivesse... — Minha voz falha porque foi exatamente o que aconteceu quando pensei que Finn tivesse morrido.

Não era real.

Claramente não foi real.

— Preciso do meu irmão — enfim declaro.

Porque Finn vai me ajudar a entender. Finn é o único que pode saber.

— Você está louca? — Dare me pergunta enquanto me ajuda a levantar. — Meu padrasto disse que você estava.

— Não! — esbravejo. Mas não tenho certeza. É provável que eu esteja. — Dizer isso é maldade.

— Meu padrasto é malvado — Dare responde sem se desculpar.

Atrás dele, minha mãe avança em nossa direção, de camisola e com o cabelo desgrehado.

— Qual é o problema? O que foi que aconteceu? — ela pergunta enquanto estende a mão na minha direção, me puxando em seus braços. — Eu ouvi você gritar.

Finn está atrás dela, Sabine também. Todos me observam porque sabem o que eu não vou admitir.

Eu estou louca.

— Nada — digo a todos eles. — Pensei ter visto uma coisa que não vi.

Claramente não vi. Pólux está com Finn e está bem.

Sabine olha para Dare.

— Você sabe que não deveria estar aqui — repreende. — E sabe que vai sofrer as consequências.

Ele assente sério e Sabine olha para mim.

— Você também não deveria estar aqui — anuncia. — Não deveria dar abertura a problemas, pequena.

Sabine é severa e eu sinto que estou encrencada e não sei por quê. Se alguém deveria estar bravo comigo, esse alguém é minha mãe. Mas ela não diz nada, apenas me abraça.

— A culpa é minha — Dare intervém rapidamente, antes que eu possa responder a Sabine. — Ela viu que eu estava aqui e me seguiu. A culpa é minha.

— Não é culpa de ninguém... — começo a dizer, mas Sabine já está assentindo.

— Não a leve para o mau caminho, menino — ela ordena. — O Richard vai saber disso, se é que já não sabe.

O rosto de Dare fica pálido e ele permanece em silêncio, mas isso não o impediu de tentar evitar que eu enfrentasse problemas. Ele me defendeu. Seguro sua mão, mas ele a puxa sem olhar para mim.

— Vamos entrar — Finn diz para mim, segurando meu cotovelo para me guiar.

Minha mãe nos acompanha dentro da casa, até nossos quartos, e eu passo o resto do dia sem ver Dare.

No meio da manhã, Sabine vem ao meu quarto e ajeita uma bandeja sobre a mesa.

— Sua mãe me mandou aqui — explica, me entregando uma xícara com um líquido quente. — Beba e me conte o que você viu de manhã.

Tomo um gole do chá, mas é amargo e eu detesto o sabor. Tento devolver, mas ela faz um sinal negativo com a cabeça.

— Beba — insiste, com a voz firme.

Eu bebo, mas não falo. Não conto a ela que vi os cães feridos e sangrando. Afinal, por que eu teria imaginado algo assim? Devo ser um monstro. Só um monstro faria isso.

Ela espera e eu fico em silêncio e ela enfim suspira.

— Eu sei sobre você — afirma com a mão na minha coxa, as unhas se enterrando na minha carne. — Você não precisa esconder. Eu disse para confiar em mim.

Quero responder que não se diz a alguém para confiar, que a confiança precisa ser conquistada. Isso é algo que meu pai sempre me falou, e ele está certo. Meu pai é sábio. Mas fico de boca fechada com relação a isso.

— O que você quer saber sobre mim? — pergunto.

— Você sabe o quê — é a resposta. — Eu sei o que ninguém mais sabe. Eu sei tudo sobre você, filha.

Nego com a cabeça porque é impossível. Não contei a ninguém o que eu vi. E sem dúvida não vou contar a ela.

Ela tosse e balança a cabeça.

— Não posso ajudar se você não for sincera — avisa enquanto pega a bandeja e segue na direção da porta.

Sabine para antes de sair e se vira para mim.

— De todo modo, você deve ficar longe de Dare — aconselha. — Algum dia ele vai ser a sua ruína.

— A minha ruína? — não consigo evitar a pergunta.

Ela sorri e é assustadora, e assente.

— A sua ruína. Vai ser um por um por um, Calla.

— O que isso quer dizer? — pergunto, confusa, mas ela vai embora, fechando a porta com um pesado estalo.

Castor está deitado aos meus pés, e eu me sinto tão feliz por ele estar bem e com saúde que abraço seu pescoço, inalando seu cheiro de cachorro e sentindo seu pelo macio se esfregando na minha bochecha.

— Eu te amo, Castor.

Ele arfa em resposta e se deita comigo enquanto o quarto gira à minha volta e minha visão fica embaçada. Não sei o que está acontecendo, mas não consigo manter os olhos abertos. Minhas pálpebras parecem pesadas

Peadas

Pesadas

Minhas mãos estão quentes, minhas pernas, frias, e tudo gira para dentro da escuridão. Enquanto fecho os olhos, noto alguma coisa em minha visão periférica.

Um garoto encapuzado.

Mas ele não é de verdade. Não pode ser de verdade. Ele é como os cães ensanguentados.

Quero abrir os olhos para ter certeza, mas minhas pálpebras estão tão tão tão pesadas.

Tão

Pesadas.

Tudo perde a importância e eu não posso mais confiar em mim mesma.

Estou louca.

Enquanto me entrego ao sono, ao esquecimento, penso em Dare. O garoto que correu o risco de enfrentar problemas para evitar que eu os enfrentasse. *A culpa é minha*, ele disse.

Mas a culpa não foi dele.

Ele mentiu para tentar me proteger.

Ninguém jamais fez isso.

## 6

### *Propriedade Whitley*

— Eu o amo.

Meu sussurro é discreto no quarto imponente, mas meu irmão ouve. Porque Finn veio aqui, como faz todas as noites. Whitley é grande demais para cada um de nós ficar em seu quarto. Há sombras demais, coisas demais a temer. Nossos cães descansam ao pé da cama, protegendo-nos enquanto dormimos. É reconfortante.

Finn afasta o cobertor da cabeça, seus cachos castanho-claros desgrehados.

— Você é besta — anuncia. — Não pode amar o Dare. Ele é nosso primo. E eu ouvi a mãe conversando com o tio Richard. O Dare é um caso perdido, Cal.

A raiva quase me cega, vermelha e quente, escorrendo como tinta pelos cantos dos meus olhos.

— Não diga isso! Não é verdade! Ele não está perdido. E o tio Richard é um monstro — rebato. — Você sabe disso. Além do mais, o Dare é nosso primo postiço. Não temos laços de sangue.

— Mesmo assim, é próximo demais — Finn responde. — Você não pode amá-lo. Não seria certo.

— Por que tem que ser certo? — bufo. — E quem é que decide o que é certo ou não?

Finn revira os olhos antes de cobrir novamente a cabeça.

— A mãe decide. Além do mais, você tem a mim. Eu sou tudo o que você precisa, Calla.

Não tenho como retrucar.

Então deixo o assunto de lado. Logo ouço a respiração regular de Finn, deixando claro que ele está dormindo.

Fico deitada, observando as sombras que se movimentam no teto. Não sinto medo quando Finn está aqui, o que provavelmente é uma bobagem da minha parte. Ouvi Jones dizer a Sabine que meu irmão não serve para muita coisa, mas isso é só porque ele ainda não cresceu. E eu sei que Finn morreria para me proteger. De certa maneira, esse pensamento é ao mesmo tempo reconfortante e mórbido.

Fecho os olhos.

E, quando os fecho, só consigo ver o rosto de Dare.

Cabelo escuro, olhos escuros, olhar teimoso.

Eu o amo.



Ele é meu.

Ou vai ser meu algum dia. Eu sei no meu coração, sei disso como sei que meu nome é Calla Elizabeth Price.

Durmo ouvindo os barulhos que vêm do pântano... o vento, a escuridão, o silêncio, os rosnados. Aqui em Whitley o pântano rosna, embora aparentemente ninguém mais perceba. Primeiro pensei que fosse Castor, mas não é. Ele jamais rosnaria para mim. Mas o pântano rosna.

Depois que o sol me acorda, visto minha roupa e vou à cozinha na esperança de vê-lo antes do café da manhã.

— O Dare está aqui? — pergunto a Castor enquanto viro em um canto da casa.

Sabine me observa por sobre seu cachecol e me entrega um croissant.

— *Shh*, filha. Acho que eu o vi lá fora.

Ela fala baixinho para ninguém mais ouvir. Agradeço por sobre o ombro e sigo na direção da lagoa, porque é lá que Dare gosta de ficar. Ele detesta a casa e detesta a maioria das pessoas que ficam dentro da casa.

Mas não me odeia.

Muito embora eu só tenha só oito anos e ele, onze. Sei disso porque ele me contou.

Corro pelo caminho, passando pelas pedras e por entre os portões de nosso jardim secreto, e meu cachorro me acompanha. Procuro Dare por sobre as flores, por sob as enormes estátuas de anjos, e enfim o vejo sentado à beira da lagoa, seus olhos escuros pensativos enquanto ele joga pedrinhas na água.

— Não era para você estar aqui — digo em tom de provocação enquanto me aproximo.

Ele praticamente nem ergue o olhar.

— Então vá contar à Eleanor.

Seu tom é amargurado quando ele cita o nome da minha avó, mas estou acostumada a isso.

Minha mãe me falou que ele enfrentou muita coisa na vida, e que isso o deixou irritável, que eu devo ser paciente.

Sou mais do que paciente.

Eu vivo para ouvir cada palavra que sai da sua boca.

Eu me sento ao seu lado, e, embora eu tente, nenhuma das pedrinhas que eu jogo saltita na superfície da água. Elas simplesmente afundam.

Sem dizer nada, Dare estende o braço e ajeita minha mão, me fazendo balançar o punho enquanto lança a pedra. Eu a vejo saltitar uma, duas, três vezes antes de afundar.

E sorrio.

— O que “muita coisa na vida” quer dizer? — pergunto, curiosa. Seus olhos se estreitam. — Minha mãe disse que você é mal-humorado porque enfrentou muita coisa na vida. Não sei o que isso significa.

Dare parece ficar pálido, e ele desvia o olhar e eu acho que o deixei nervoso.

— Não é da sua conta — esbraveja. — Era para você estar aprendendo a ser uma boa Savage. E uma boa Savage não fica bisbilhotando.

Engulo em seco porque Deus sabe que já ouvi minha avó Eleanor dizer isso um milhão de vezes.

— Mas o que quer dizer? — pergunto outra vez depois de alguns minutos, sempre persistente.

Dare suspira pesadamente e se levanta. Olha ao longe por um minuto antes de responder:

— Significa o seu lugar no mundo — responde, com palavras pesadas. — E o meu é uma droga.

— Então mude-o — respondo com simplicidade, porque para mim parece realmente simples.  
Dare bufa.

— Você não sabe de nada — rebate, sabiamente. — É só uma criança.

— Você também é.

— Mas eu sou mais velho.

Não tenho como rebater.

— Posso segurar a sua mão? — pergunto enquanto percorremos o caminho para sair dos jardins. — Esqueci meu sapato e não quero escorregar nas pedras.

Estou mentindo. Só quero segurar a mão dele.

Dare se mostra hesitante e parece repelir a ideia, mas olha na direção da casa e, relutante, permite que eu segure seus dedos.

— Você precisa ser mais responsável, Calla — aconselha, me olhando de soslaio, observando meus pés descalços.

Mas ele me deixa segurar sua mão enquanto lentamente seguimos o caminho até a casa. E solta meus dedos antes de abirmos a porta.

— A gente se vê no jantar.

Assisto à casa engolir seu corpo inteiro antes de segui-lo para dentro.

Enquanto atravesso o corredor, não consigo não olhar por sobre o ombro de tempos em tempos porque nem o sol é capaz de manter as sombras distante de Whitley. Alguma coisa parece estar sempre me observando, pairando à minha volta.

Sempre.

Quando encontro Finn na biblioteca, conto isso a ele.

Meu irmão nega com a cabeça, irritado, mas claramente preocupado. Como sempre.

— Você tomou os seus remédios hoje, Calla?

— Sim.

Se eu não tomar, vejo monstros.

Vejo demônios de olhos vermelhos e serpentes de olhos negros.

Vejo fogo,

Vejo sangue,

Vejo coisas

Coisas terríveis

Terríveis.

Finn me encara desconfiado.

— Tem certeza?

Fico paralisada.

Em seguida, puxo ressentida dois comprimidos coloridos que estavam em meu bolso.

Ele me observa com olhos arregalados.

— Tome os dois. Agora mesmo, senão eu vou contar para a mãe. — Não me apresso em engolir os remédios e ele acrescenta: — Ou vou contar para a vó.

A ameaça é pesada, e ele sabe disso. Eu me apresso para pegar um copo de água e engulo os comprimidos enquanto ele me vigia.

— Você sabe o que tem que fazer, Calla — ele me censura, soando mais como um pai do que como um irmão.

Faço que sim com a cabeça. Porque eu sei.

— O gosto é ruim — comento, para me justificar.

— Isso não é desculpa.

— O que não é desculpa?

Nossa mãe está entrando na biblioteca, ruiva e linda, magra e glamorosa. Se eu tiver sorte, vou ser parecida com ela algum dia.

— Nada — me apresso em responder.

Ela parece desconfiada, mas está com pressa demais para perguntar outra vez.

— Vocês viram o Adair? — pergunta a nós dois. — Seu tio está atrás dele.

Nós dois fazemos um sinal negativo, mas Finn é o único que está dizendo a verdade. Eu preferiria morrer a contar àquele monstro onde Dare está.

— O que o tio Dickie quer com Dare? — pergunto enquanto ela dá meia-volta para ir embora.

Mas minha mãe para com o rosto repuxado, apertado.

— Coisas de adulto, Calla Copo-de-Leite. Não precisa surtar com isso.

Mas é claro que eu surto.

Porque, toda vez que tio Richard encontra Dare, eu ouço gritos.

E, muito embora você possa pensar que essa é a pior parte, não é.

A pior parte vem quando os gritos cessam.

Porque o silêncio esconde uma abundância de pecados.

É isso que minha mãe diz.

E ela está sempre certa.

Pelo menos, é isso que meu pai diz.

Durante o jantar, comento sobre meu pai.

— Sinto saudade dele — confesso a minha mãe. — Por que ele nunca vem com a gente no verão?

Ela suspira e acaricia minha mão antes de pegar o garfo de peixe.

— Ele vem, Calla. Você sabe disso. Ele vai estar aqui nas próximas semanas, como sempre acontece.

— Mas por que a gente vem aqui todos os anos? — questiono outra vez, e me sinto idiota, embora seja uma boa pergunta.

Todo verão, ano após ano. Meu pai tem que ficar em casa, no Oregon, para trabalhar, mas a gente vem para cá porque a família da minha mãe é rica.

— Porque Whitley também é a sua casa — minha mãe explica, cansada. — E porque, graças ao sobrenome Savage, você tem oportunidades. Os melhores médicos, tudo do melhor. Mas precisamos passar os verões aqui para termos acesso a essas coisas. Você já sabe disso, Calla.

Eu sei.

O que não quero assumir para ela é que às vezes o que eu sei se mescla ao que eu não sei. E se retorce e gira e se mistura, tomando formas que sou incapaz de reconhecer. Fatos se combinam com sonhos e sonhos se combinam com lembranças e aí a realidade não é real.

Sempre me sinto inocente demais para perguntar a qualquer pessoa além de Finn o que é real e o que não é.

Eles me achariam louca.

Eu não sou.

Dare me chuta levemente por debaixo da mesa e eu olho rapidamente para ele.

Que abre aquele sorriso conhecido, combativo, que eu amo. Porque ele parece sempre me desafiar quando sorri.

Mas me desafiar... a quê?

Ele se aproxima.

— Vou ao jardim hoje, depois que escurecer. Quer ir comigo?

Hesito.

É escuro lá fora. E no pântano. E, à noite, o pântano rosna.

Dare nota minha hesitação.

— Está com medo? — sussurra para zombar de mim.

*Não, é claro que não.* Nego com a cabeça. Acusar alguém de sentir medo é o pior insulto possível, penso eu.

Dare sorri outra vez.

— Então escape e me encontre à meia-noite. Você sabe que o Finn vai estar todo envolvido com aqueles livros de latim. Eu sei que você não vai querer ficar com ele.

Não, é claro que não. Latim me irrita, mas Finn desenvolveu uma fascinação por essa língua e passa todo o seu tempo livre estudando-a.

— Você sabe que quer — Dare acrescenta.

— Está bem — concordo, tentando soar contrariada, mas calafrios percorrem meus braços por causa da ansiedade, porque o que ele quer fazer lá na escuridão?

Dare é tão... rebelde. É difícil explicar.

Fiel a minha palavra, escapo do quarto e saio da casa à meia-noite. Corro o mais rápido que consigo pelo caminho porque juro que tem alguma coisa me seguindo.

Alguma coisa escura,

Alguma coisa assustadora.

Mas, quando olho por sobre o ombro,

Nunca vejo nada.

Passo correndo pelos portões do jardim, e Dare já está lá.

Ele sorri e seus dentes são pérolas na noite.

— Oi — me cumprimenta casualmente, como se não fosse meia-noite, como se não estivéssemos quebrando regras.

— Não é para você sair de casa — eu o lembro.

Ele dá de ombros. Porque é Dare e porque nasceu para quebrar regras.

— E daí?

É um desafio que eu não quero enfrentar. Sobretudo porque não tenho uma boa resposta.

Não sei por que ele não pode sair da casa. Para mim, isso nunca fez sentido. Não é justo. Por outro lado, tio Richard nunca foi *justo* com Dare.

— Você e eu somos parecidos, Calla — Dare me diz, e a noite está silenciosa e sua voz é suave. — Eu estou numa prisão aqui, e você está em uma prisão na sua mente.

— Não, eu não estou — protesto, corajosamente. — Eu estou medicada. Estou bem.

Dare nega com a cabeça e desvia o olhar.

— Mas você conhece a sensação.

*Eu conheço.* Tenho que admitir que conheço.

— Ninguém sabe o que é estar no meu lugar — sussurro. — Nem mesmo o Finn. É solitário.

— *Eu sei como é* — Dare enfim responde. — Você nunca vai ter que explicar para mim. Não está sozinha.

Enquanto estamos sentados e analisando as estrelas, nossos ombros roçam e absorvem o calor um do outro, e eu acho que isso pode ser verdade.

Dare e eu somos iguais. Quando estou com ele, não estou sozinha.

— Por que você é um prisioneiro? — pergunto depois de alguns minutos, hesitante e com medo de ele ficar bravo comigo porque estou abordando um assunto proibido.

Mas ele não fica.

Seus ombros cedem e ele fecha os olhos e ergue o rosto para a lua.

— Não é nada com que você precise se preocupar — diz, com a voz cansada. — Eles não querem que você saiba.

— Mas por quê?

— Porque não.

— Porque não não é resposta.

— Neste momento é, sim — Dare insiste. — Algum dia você deve vir a saber. Mas por agora? Só isso importa. Nós estamos respirando, e as estrelas existem, e comemos bolo de chocolate no jantar.

Ele está certo. Foi um bom jantar.

E é uma boa noite.

Estou sozinha com Dare no jardim.

Estamos quebrando regras,

E a sensação é boa.



A água toma o espaço à minha volta, por cima de mim, me afogando. Eu me viro e me debato, lutando para vencer o líquido que envolve minhas mãos e meus pés. Não consigo me movimentar, não consigo respirar, e há olhos negros me observando na superfície.

Eu os vejo, eu os observo, eu os temo, e eles embaçam e desaparecem.

Para o fundo,

Para o fundo,

Para o fundo eu vou.

Longe dele.

Meu salvador.

Meu anticristo.

— A culpa é sua — sussurro, e as palavras são engolidas pela água, presas em minha garganta.

Estou falando com ele ou comigo mesma? Não importa. Meus pulmões se enchem e enchem e enchem e não há ar. Há apenas um vazio onde o coração deveria estar.

— Isso não é real, Calla. — Ouço a voz de Finn, mas sei que ele não está aqui.

Ninguém está. Eu me encontro submersa e a água é turva e escura. Meus dedos agarram alguma coisa, nada, tudo.

*Foco.*

Estreito os olhos e respiro, respiro fundo como eles me ensinaram. Encho meu corpo de ar como se estivesse enchendo um cálice, primeiro a base da barriga, depois o diafragma, depois a garganta, depois a boca. Expiro lentamente, como se estivesse soprando dentro de um canudo. Forço o ar para fora, expulsando-o até não restar nada, nada além de mim e meus pulmões murchos.

E faço isso outra vez.

E outra vez.

E, quando termino, posso ver outra vez. Estou no hospital, e não sou mais uma menininha. Sou Calla Price e Finn se foi e Dare se foi e eu estou sozinha.

Fecho os olhos porque essa não é a realidade que desejo.

A escuridão atrás das minhas pálpebras pisca e tremula e se mexe e de alguma maneira sei que não estou no hospital. Estou em uma caixa, em um caixão. Estou sozinha e há um lençol de seda me cobrindo até a cintura e copos-de-leite nas minhas mãos. Lírios-brancos. Eles cheiram a murchos porque estão murchos. As flores têm um cheiro mais adocicado quando estão morrendo.

Eu as solto e empurro minhas mãos sem vida na direção da tampa coberta por seda, empurrando com todas as minhas forças. Ela não cede. Eu a estapeio, várias e várias e várias vezes, mas é em vão. Estou trancada aqui dentro. Estou presa, estou presa, estou presa.

Fui enterrada viva, estou sozinha, estou gelada, estou morta.

Imagens piscam à minha volta, diante dos meus olhos, nos meus olhos, atrás dos meus olhos.

Pneus derrapando na chuva, gritos, metal.

Água.

Afogando.

Eu.

Finn.

Dare.

Todo mundo.

Estamos todos mortos?

Meus olhos se abrem assustados e eu *estou* no hospital.

As paredes são brancas, minhas mãos têm calor, estou sozinha,

E devo estar

Louca

Louca

Louca.

Dare me encara do outro lado da biblioteca e eu tenho que fisicamente conter meus pés, para que não tenham espasmos.

Sua boca repuxa. Ele tem treze e eu dez anos, mas ele pensa que é muito maior.

— Calla, você está prestando atenção?

Minha mãe tira meu foco de Dare e eu tento me concentrar em suas palavras. O que ela estava dizendo? Ela suspira porque sabe que eu não tenho a menor ideia. O que ela não sabe é que ainda agora sinto os olhos de Dare me encarando, estão na minha pele, me aquecem e...

— Calla, você tem que ouvir com mais atenção o que a Sabine diz. Ela está aqui porque quer o seu bem. Sabe o que é melhor para você. E me contou que você anda escondendo seus remédios, que não quer tomá-los.

Engasgo só com a lembrança dos comprimidos grudando na minha garganta, aquela cobertura cerosa colando na língua.

— Eles têm um gosto horrível — digo para me defender.

Minha mãe parece solidária, mas permanece firme.

— Calla, sabia que, se você tivesse nascido cem anos atrás, seria a lunática do vilarejo? Estaria delirando com a sua loucura pelas ruas e ninguém te ajudaria. Mas, como agora nós temos os benefícios da medicina moderna, você vai poder levar uma vida completamente normal. Não desperdice essa oportunidade, meu amor.

Sua voz é gentil, o que suaviza a dureza de suas palavras, palavras nas quais posso ouvir a impressionante influência de minha avó, Eleanor. Minha mãe se abaixa para me abraçar e eu inspiro Chanel e casimira. Quero me prender a ela, ficar nesses braços esguios, mas sei que é impossível. Minha mãe tem muitas coisas a fazer. Quando estamos em Whitley, ela sempre tem muitas coisas a fazer.

Então se afasta e ajeita os ombros enquanto olha para meu irmão.

— Finn, quero que vá comigo à cidade hoje. O Padre Thomas quer conversar sobre você ser coroinha.

Dou uma risadinha da cara de Finn porque nós dois odiamos ir à missa.

Sem qualquer sombra de dúvida.

Odiamos.

É uma cerimônia cheia de melancolia e dureza, tão repetitiva e fastidiosa.

Eu sei que Finn quer ser coroinha tanto quanto eu quero tomar meus remédios todos os dias, mas ele obedientemente desaparece com minha mãe, e Dare e eu ficamos sozinhos. Dare desvia o olhar de forma contundente, e isso me faz sentir frio.

— O que você quer fazer hoje? — pergunto a ele, estremecendo, meus dedos deslizando pelas gravuras de um tapete oriental.

Dare não me olha nos olhos.

— Nada.

Seu corpo está apoiado no encosto do assento, sua cabeça descansando contra o vidro. Ele olha para a lagoa aonde não pode ir.

Eu me recuso a receber um não como resposta, porque estou entediada, porque sei que ele está entediado, e porque, se não sairmos desta casa abafada, eu posso morrer.

— Quer dar uma volta no jardim? — pergunto, esperançosa. — A Sabine soltou algumas carpas novas em um dos tanques. Podemos ir alimentá-las.

— Você sabe que eu não posso ir — Dare responde em tom grosseiro, sem sequer olhar em minha direção.

— E desde quando você se importa com isso? — indago, confusa, e vejo suas mãos curvadas na lateral do corpo.

O que está acontecendo? Chegamos aqui há duas semanas para passar o verão, mas Dare vem agindo como uma pessoa muito diferente daquela com quem convivi nas últimas férias, está mais sossegado, mais quieto. Não gosto nada disso.

— Hoje eu me importo — esbraveja, e seu tom me machuca.

Dare está tão abrupto, tão... vil.

— O que está acontecendo com você? — sussurro, quase com medo de saber, porque ele parece estar com raiva de mim, parece não gostar mais de mim.

Seu punho parece tremer enquanto descansa ao lado da perna, seu rosto pálido insiste teimosamente em não olhar em minha direção.

Ele enfim suspira e vira o rosto; seus olhos escuros encontram os meus.

— Entenda, Calla — diz, com um tom de cansaço. — Você é só uma criança, por isso não entende. Eu não sou como você. Se não me comportar, eu pago por isso. Não vale mais a pena fazer o que eu quero. É mais fácil apenas seguir as ordens deles. E, no fim das contas, não importa. Nada disso vai importar.

Seu semblante de completa resignação me amedronta, porque ele nunca foi assim. Sempre foi rebelde, a vida toda. Dare sempre me deu esperança, sempre me fez acreditar que minhas opiniões são importantes, que meus sonhos são importantes, que tudo é possível.

Mas agora?

Ele parece tão triste e sozinho e desesperançado.

— Não diga isso — peço. — É claro que importa. Você pode fazer o que quiser fazer. Não precisa ouvir o que eles dizem.

— Não preciso? — Sua pergunta vem com uma voz suave. — Alguém me chamou para ser coroinha, como chamaram o Finn? Não. Porque eu não importo, porque meu sobrenome é DuBray, e não Savage. Meu único papel é não causar tumulto, é fazer o que eles dizem. Sou um caso perdido, Calla, e eles sabem que eu sou.

Quanto a isso, ele está certo.

Eu os ouvi sussurrando. Ainda ontem à noite. Ouvi minha avó Eleanor e minha mãe cochichando escondidas.

*Será que deveríamos chamar outro tutor?*

*Não vejo motivo para isso. Ele não é aplicado.*

*E por que seria? Todo o nosso esforço não serve para nada. O Richard está certo.*

*Tive vontade de pular da cama e confrontá-las, porque elas não estavam sendo justas.*



Sim, Dare quebra regras. Mas por que não deveria quebrá-las? Richard é terrível com ele, e sem motivo para isso. Tem regras severas demais, impossíveis demais, e qualquer outra criança da idade de Dare se rebelaria. Isso não o torna um caso perdido.

É injusto demais para expressar em palavras.

E agora Dare tão abatido assim?

Isso já é demais.

— Levante-se — anuncio, andando em sua direção e segurando sua mão.

Sacudo seu corpo até ele se levantar e então o puxo na direção da porta.

— Vamos dar uma volta na cidade.

Isso vai contra todas as regras, conforme nós dois muito bem sabemos. Se formos pegos, vamos estar bem encrencados, nós dois. Dare não tem autorização para sair da casa, e eu não tenho autorização para sair da propriedade. É proibido.

Ele começa automaticamente a negar com a cabeça, mas eu ergo a mão.

— Você está com medo deles?

Ele para e eu fico encantada ao ver aquele brilho de outros tempos em seus olhos de novo.

Aí está.

Aquele olhar de *me desafie*.

Meu coração palpita porque o Dare de verdade voltou, mesmo que por apenas um minuto. Ele não tem medo de nada. Não pode ter.

— Está bem — concorda. — Mas de scooter, não de bicicleta. Não quero que você se canse.

É irritante porque todo mundo diz coisas assim o tempo todo... como se eu fosse inválida em vez de louca. Mas, quando Dare fala, não reclamo.

— Combinado — é tudo o que digo.

Escapamos pelas portas dos fundos e vamos à garagem, onde pegamos as scooters.

Enquanto passeamos pela cidade e sentimos o vento no rosto, eu me viro para Dare e arrisco:

— Por que você não fala como os outros? Só de vez em quando você pronuncia as coisas do jeito inglês. É estranho.

Dare me observa com curiosidade.

— Meu pai era francês. E eu me recuso a falar como o Richard.

— Mas agora você é inglês — aponto. — E em alguns momentos você soa bem inglês.

— Isso foi a coisa mais malvada que você me disse hoje.

Hoje eu ainda não disse muita coisa a ele, mas não comento nada sobre isso. Apenas presto atenção à estrada para não passar em nenhum buraco e entortar uma roda, como aconteceu da última vez. Temos que agir como ninjas, entrar e sair da vila sem que nossa família perceba.

Ou vamos ter um inferno a pagar, especialmente Dare.

— Por que o meu tio Richard é tão malvado com você? — pergunto enquanto empurramos as scooters pela calçada da vila.

Dare dá de ombros.

— Imagino que por muitos motivos — ele responde, apontando para a sorveteria. — Quer sorvete?

Sempre quero, e ele sabe disso.

Dare compra um copo de sorvete de chocolate para mim e um de baunilha para si mesmo, e então nos sentamos à sombra em um beco para nos deliciarmos. Observo meu sorvete começando a derreter e as gotículas se formando no copo em minha mão.

— Seu tio não gosta de mim porque eu o lembro de coisas que ele não quer lembrar — Dare enfim explica.

— Que coisas?

Ele faz que não com a cabeça.

— Coisas de adultos, Calla. Nada com que você tenha de se preocupar.

Mas eu me preocupo. Eu me preocupo com isso. Não posso parar de me preocupar com essa situação, com ele. Estou tão cansada de ver as pessoas escondendo as coisas de mim, de ser tratada como uma criancinha.

— Eu não quero voltar — admito, depois de terminar o sorvete.

— Mas nós temos que voltar — ele responde, pegando meu copo e jogando os dois na lixeira.

— Porque nós somos prisioneiros, nós dois? — indago, lembrando as palavras que ele pronunciou tempos atrás.

Dare me observa por um bom tempo, seus olhos escuros endurecendo, escondendo a dor.

— Sim.

— Você pode me deixar se quiser — sugiro, hesitante. — Pode fugir. Quero dizer, se você odeia este lugar tanto assim.

Dare olha ao longe, seus olhos tão, tão sombrios.

— E aonde eu iria? Não há lugar onde os Savage não me encontrariam.

Ele parece muito sombrio enquanto se levanta e estende a mão para me ajudar. Ficamos em silêncio enquanto percorremos o caminho de volta a Whitley.

Quando passamos pelos portões, Richard nos aguarda.

Metade de seu carro está na garagem, metade para fora, e ele apoia o corpo no veículo, esperando por nós como uma cobra alta e enrolada... uma serpente pronta para atacar. Meu coração salta na garganta e eu fico congelada.

— Para dentro, Calla — meu tio ordena com olhos duros, focados em Dare.

— Mas... foi ideia minha! — eu me apresso em dizer. — O Dare não quis deixar eu ir sozinha.

Richard vira o rosto para mim, seu rosto tão frio, e Dare me cutuca.

— Entre, Calla — ele me aconselha baixinho.

Richard fica satisfeito com a cena, porque Dare está sendo submisso, então o empurra para dentro do carro.

— Você sabe que não deve sair de dentro da casa, rapaz — esbraveja, e uma veia pulsa em sua têmpora.

Ele bate a porta do carro com muito mais força do que a necessária.

Vejo os dois seguindo o caminho para fora da garagem, vejo Richard empurrando Dare para dentro da casa e não consigo segui-los e ouvir o que sei que vou ouvir. Corro até a porta dos fundos, entro na cozinha e me atiro nos braços de Sabine.

Ela me ouve chorar e, quando termino, me observa com calma.

— É melhor irmos buscar as scooters, filha.

Ela vai comigo até onde deixamos as motos e nós duas as trazemos de volta, e eu faço um milhão de perguntas.

— Por que o Richard odeia o Dare? Por que ele é tão malvado? Por que o Dare não pode sair de Whitley?

Sabine ouve, mas não responde antes de guardarmos as scooters e voltarmos à cozinha.

— As coisas não são o que parecem, pequena Calla Copo-de-Leite. Já está na hora de você aceitar isso.

Por mais que eu incite, ela não conta mais nada, e, quando vou para a cama naquela noite, só consigo pensar em Dare e seus olhos me encarando enquanto aquele carro se aproximava da

casa.

Quando os gritos começam, fecho os olhos, tentando abafá-los, porque, ao ouvi-los, só consigo imaginar aqueles lindos olhos escuros tomados pela dor. Isso me faz sentir esmagada, e eu durmo para escapar.

*Funerária e Crematório Price*

O céu do Oregon está enevoadado e nublado e escuro. Vejo um relâmpago se estender de uma extremidade à outra do horizonte, iluminando a escuridão, ostentando sua luz. Ele lança uma claridade púrpura sobre tudo, e o mundo parece místico.

Tenho a carta de Dare em meu colo porque ela é preciosa. Ele pouco me escreve, e, quando escreve, eu as guardo.

Esta carta diz.

**Querida Calla,**

**Como estão os mortos? Whitley continua igual. Eu também praticamente vivo com pessoas mortas, como você bem sabe. Eleanor já deve ter quase 200 anos, ou pelo menos é o que a aparência dela indica. E Sabine, Deus. Sabe-se lá quantos anos ela tem.**

**Estou enviando uma fotografia de Castor e Pólux. Os dois estavam nadando no mar e Pólux pegou um peixe. Alguém na praia pensou que ele fosse um urso e começou a gritar. Foi muito engraçado. Castor te procura quando você vai embora e dorme perto da porta do seu quarto, até eu chamá-lo para vir comigo.**

**A gente se vê no verão,  
Dare**



Suas palavras estão gravadas no papel, escritas com aquele desprendimento que é tão característico de Dare. De alguma forma ele me faz sentir saudade de Whitley, muito embora a propriedade seja enorme e assustadora. Dare está lá e meus cachorros estão lá. Sinto saudade de Dare nos invernos, embora jamais tenha tido coragem de admitir isso para ele.

Prendo com uma tachinha a foto dos cachorros em meu mural, e faço a lição de matemática e sonho com Dare.

Sonho com a luz do sol sendo filtrada pelas janelas do estábulo, e que estou descansando de lado no sofá. Nua, à exceção dos sapatos de salto, e minhas bochechas estão coradas e eu sou mais velha. Talvez dezessete anos?

Dare se senta à minha frente e está com um lápis na boca, mordiscando-o enquanto me estuda, antes de puxar uma folha de papel. E então me desenha.

— Você é linda, Calla Copo-de-Leite — murmura. — É muito mais do que eu mereço.

A luz faz seus olhos brilharem e eles brilham dourados como ouro em vez de negros, e seus dentes são sempre muito brancos. Um anel cintila em seu dedo e faz minha mente girar,

Girar

Girar,

E eu acordo assustada.

E, quando me recomponho,

Percebo que minhas bochechas estão coradas, como no sonho.

Horas se passam antes de eu dormir outra vez, e, mesmo no dia seguinte, no colégio, eu me pego pensando naquele sonho. É uma situação bastante improvável para mim... exposta daquele jeito à luz do sol. É algo tão distante da minha personalidade.

Consigo me concentrar durante o tempo necessário para fazer a prova de matemática, e aí Finn e eu estamos dispensados por hoje, e vamos para casa em meio ao ar frio do Oregon.

Enquanto subimos pela estrada carregando as pesadas mochilas, nossos All Stars rangem contra as pedras do caminho escorregadio, cobertas com uma fina camada de chuva. Curvo as mãos dentro das luvas enquanto respiro fundo. Absorvendo o cheiro salgado do oceano, olho distraída pela lateral da colina, para a praia lá embaixo.

Uma coisa azul forte atrai minha atenção nas rochas lá embaixo. Aquele azul está fora de lugar contra o fundo monótono criado pelo inverno. Fico parada, interessada, e solto a mochila no chão antes de me aproximar da beirada para ver melhor.

Alguém olha de volta para mim, e os olhos não são nada amigáveis.

Estão mortos.

Arfo alta e demoradamente, e as mãos de Finn me puxam para longe da borda.

— Qual é o seu problema, Calla? — pergunta, agitado. — Você poderia ter caído lá embaixo. Sabe que não deve se arriscar nesses precipícios.

Não consigo responder. Estou em choque enquanto aponto com meu dedo trêmulo e enluvado.

Não pode ser o que eu achei que fosse. *Quem* eu achei que fosse.

Mas é. Eu me inclino para a frente a fim de olhar outra vez e percebo que não estava errada.

Também me dou conta de que, não importa o quanto você seja exposto a pessoas mortas, nada o prepara para ver o rosto morto de alguém que conhece.

Finn olha por sobre meu ombro e eu noto que fica espantado ao reconhecer o corpo nas pedras lá embaixo.

— É o professor Elliot? — pergunta, em choque.

Confirmo distraidamente com a cabeça, incapaz de fazer meus lábios se mexerem.

Elliott é um dos poucos professores que foram bondosos comigo, embora nunca tenha gostado de Finn. Parece que garotos magros e com físico pouco desenvolvido não o impressionam muito, então ele nunca se intrometeu quando os valentões do futebol jogavam Finn na lata de lixo do vestiário.

Eu odiava isso. Mas não posso negar que, ainda assim, gostava desse professor... pela forma como ele *me* tratava.

Sendo mais específica, ele nunca me forçou a jogar queimada.

Sabia que eu acabaria saindo toda ensanguentada, então me deixava ficar sentada no canto. E nunca declarou com clareza por que agia assim. Nunca me disse as palavras humilhantes: *Eu sei que todo mundo odeia você, então não vou transformá-la em alvo*. Sempre fui grata por isso.

Mas agora ele está de moletom e deitado em uma pedra no sopé da colina. Um de seus joelhos encontra-se dobrado, o pé erguido em um ângulo anormal, apontando para o céu.

Enquanto Finn pega seu celular para ligar para a polícia, só consigo me concentrar nas meias do professor Elliot. São meias esportivas antiquadas, que vão até os joelhos... aquelas listradas. As listras são de um azul forte.

Um homem morreu e eu só consigo pensar em suas meias.

Talvez todos estejam certos e realmente haja algo errado em mim.

Duas horas depois, minha mãe se apressa em afirmar que não, não há.

— Foi o choque, meu amor — ela explica, afastando com carinho meu cabelo do rosto. — A maioria das pessoas não fica triste logo no primeiro momento. É uma reação retardada.

Ela limpa meu rosto com uma toalha e faz cookies de chocolate e tudo fica bem até dois dias depois, quando chega minha vez de ajudar meu pai.

Olho para as unhas perfeitamente aparadas de meu pai, unhas perfeitamente retas, enquanto ele puxa o lençol preto para cobrir o corpo do senhor Elliott.

— Será que ele sofreu um ataque cardíaco e caiu do penhasco? — meu pai indaga com calma. — Ou teria escorregado? Pobre homem.

Meu pai permanece imperturbável, fala com a voz serena e especulativa.

Não me pergunta se estou bem, porque nem lhe passa pela cabeça que eu possa não estar. A morte é sua profissão, ele lida com ela todo dia. A esta altura, nada mais o impressiona, e ele esquece que a morte pode ser perturbadora para outras pessoas.

Engulo em seco.

— O médico examinador vem? — questiono, e minha voz ecoa trêmula por esta sala enorme e estéril.

Aqui é gelado porque tem que ser, e eu esfrego os calafrios nos meus braços. Meu pai me observa enquanto empurra a maca de metal para dentro do refrigerador.

— Claro que sim — assente. — O médico examinador sempre tem que vir assinar o atestado de óbito. Você sabe disso.

Eu sei. Mas, de alguma forma, olhar para o rosto morto e conhecido do meu professor de educação física faz tudo o que eu sei voar para longe da minha cabeça.

Respondo afirmando com a cabeça.

— Está com fome? — pergunto a ele, buscando uma desculpa para dar o fora deste lugar. — Posso preparar um sanduíche para você.

Meu pai me observa outra vez e sorri.

— Um sanduíche iria bem — responde. — Vou à cozinha daqui a pouquinho.

Deixo a sala e fecho a porta, me encostando a ela por um segundo, de olhos fechados, para tentar apagar da memória o rosto pálido do professor Elliot. Da última vez que o vi, era vermelho

e tenso enquanto gritava conosco durante a aula. Vê-lo assim, tão vazio, sem vida, é chocante.

— Você está bem?

Minha mãe continua preocupada comigo. Sempre está. Aceno que sim porque não quero preocupá-la. Ela vive aflita comigo, parece.

Naquela noite, depois do jantar, coloco os fones de ouvido para fazer a lição de química, mas ainda assim ouço meus pais discutindo no quarto ao lado.

— Não gosto nada disso — minha mãe reclama. — Estamos exageradamente cercados pela morte aqui, Paul. Não é bom para ela.

— Vai ficar tudo bem com ela — meu pai expõe, com a voz calma. — Ela puxou a você, e você é a pessoa mais forte que eu conheço, Laura.

As palavras a acalmam por um instante, mas logo minha mãe continua:

— Não sei, não. Por mais que eu deteste a ideia, acho que nós deveríamos passar mais tempo em Whitley. Minha mãe é autoritária, mas o clima é tranquilo. Faz bem para a mente da Calla.

— Então vá mais cedo esse ano — ele sugere. — Assim a sargentona velha fica feliz.

Eu sei que “sargentona velha” é minha avó, e essa descrição me faz rir porque é totalmente adequada. Mas eles me ouvem e param de conversar.

Quando penso no que os dois disseram, sinto o coração bater forte, forte, mais forte.

Porque, se eu passar mais tempo em Whitley,

Vou passar mais tempo com Dare.

Não é uma ideia ruim.

Envio uma carta e ele responde.

*Você está louca?*, pergunta, e as palavras me fazem sentir uma pontada no coração, porque a resposta é sim, e é um assunto delicado.

*Acredite quando eu digo que Whitley não é o lugar onde você quer estar. Há segredos e ódio aqui. Fique nos Estados Unidos o máximo de tempo que puder.*

Mas eu não quero.

A cada instante, tenho mais vontade de voltar à Inglaterra para ver Dare.

Durmo pensando nisso,

Mas sonho com o professor Elliot e com seu corpo morto e isso é tão assustador.

O fator surpresa foi o pior, o choque quando vi seu corpo arrebentado sobre as pedras.

De manhã, quando me arrumo para ir para o colégio, continuo me sentindo perturbada, e espero encontrar o colégio ainda melancólico, ainda de luto, mas não é isso que vejo.

E fico irritada. É como se o mundo devesse entender que alguém importante morreu, mas não entende. E segue seu ritmo normalmente.

Tenho medo de ir à aula de educação física porque... porque sim. Vai ser esquisito, vai ser assustador, e isso me deixa agitada.

Mas não tenho ideia de quão agitada.

Porque, quando visto a roupa de ginástica e formo a fila com todo mundo, o professor Elliott sai de sua sala e para à nossa frente, com o apito dependurado no pescoço e as meias de listras azuis puxadas até os joelhos.

Não consigo evitar. Quando ele olha para mim, fico afobada, e caio com as mãos e os joelhos no chão, e não consigo respirar, e eles têm de chamar a enfermeira.

As outras meninas se divertem e riem e me encaram, e nada disso importa porque tenho problemas maiores do que elas.

Estou louca e ficando mais louca a cada dia.

Minha mãe vai me buscar, e tento explicar que tive um pesadelo no qual o professor Elliot estava morto, mas ela não acredita no que eu digo. Faz um telefonema e trocam os meus remédios e os comprimidos têm um gosto ainda pior do que antes.

Finn segura minha mão porque ele nunca vai me abandonar, e eu sei disso, e sou grata. Também sou grata por ser a pessoa atingida por essa coisa, seja lá o que for.

Meu irmão é gentil demais, bondoso demais, doce demais.

Sou eu quem merece essa coisa.

Em minha mente, eu mato professores de educação física.

Está claro que sou um monstro.



## 9

O voo parece insuportavelmente longo este ano e minhas pernas desajeitadas de adolescente sentem câibras quando enfim deixamos a aeronave.

No mesmo instante, encontramos Jones nos aguardando e entramos no carro que vai nos levar a Whitley. Durante todo o caminho, passando pelas colinas da Inglaterra, só há uma pessoa em quem consigo pensar.

Dare.

Estou agitada e meu irmão percebe. Para me acalmar, apoia uma mão pálida no meu joelho.

— O que você tem, Cal? — indaga, mantendo sua sobrancelha fina arqueada.

Há preocupação em seus olhos. Vejo antes que ele consiga esconder.

Como sempre, a preocupação está ali por mim.

Finn teme minha agitação porque sou maníaca. Acha que estou voando alto e incapaz de descer de volta à realidade. Só houve um episódio assim este ano, e foi meses atrás, depois que o professor Elliott morreu. Agora estou melhor, então hoje não há motivo para preocupação. Às vezes fico ressentida com a preocupação deles, fico ressentida por vê-la em seus olhos. Fico ressentida por essa preocupação ser necessária.

Mesmo assim, balanço a cabeça, afastando minha irritação. Não é culpa deles o fato de eu ser louca.

— Estou bem. Só cansada por causa da viagem.

Ele assente, mas não está convencido. Nunca está. Sempre, sempre tende a ser cuidadoso quando o assunto sou eu.

Estenda a mão e segure a minha e mantenha nossos dedos entrelaçados pelo resto do caminho.

No silêncio dentro do carro, posso ouvir seus pensamentos.

*Se eu a segurar aqui embaixo, ela não vai conseguir voar.*

Tenho vontade de rir dessa ideia.

Mas não faço isso. Eles ficam nervosos quando dou risada das coisas não ditas.

Sabine está à nossa espera quando descemos do carro, e não mudou nada do ano passado para cá. Ela continua pequena, severa, ainda usando um lenço sobre o cabelo. E carrega mil vidas em seus velhos olhos.

Ela me abraça e eu sinto seu cheiro, uma mistura de canela e sálvia e ervas que não consigo identificar, mas que são de seu jardim.

— Como você cresceu, menina.

Seus olhos escuros me avaliam.

De fato cresci. Vários centímetros.

— Mas você não — respondo, séria, e ela ri.

— Entre. Vou preparar um chá para você.

Eu não quero o “chá” de Sabine. É uma infusão de ervas que ela envia para minha mãe, para eu beber durante todo o ano. É um remédio cigano, e me deixa sonolenta.

— Não preciso do chá — protesto enquanto ela me arrasta em direção à cozinha.

Sabine nem sequer perde tempo respondendo. Simplesmente me faz sentar em uma cadeira à mesa e coloca um bule para ferver.

Senta-se à minha frente enquanto esperamos.

Seus dedos batem na mesa, enrugados e velhos.

Não quero ficar aqui.

*Quero encontrar Dare.*

Ele agora está com dezesseis, e posso apostar que cresceu ao longo do ano. Mal posso esperar para ver como mudou. Só me escreveu algumas cartas, e em nenhuma delas mandou fotos suas. Mas ele nunca manda fotos mesmo.

— Conte para mim sobre os demônios — Sabine sussurra.

Seus dedos param de se movimentar e o único som é o do vapor escapulindo do bule enquanto a água esquenta. É como se esse bule gritasse, emitisse um barulho assustador que ecoa nos meus ouvidos.

Eu me imagino sendo aquele vapor. Estou gritando e me revirando, dançando no teto, de cabeça para baixo. Meu cabelo ruivo e comprido balança contra o tampo de mármore.

— Eles sumiram — minto.

— Não sumiram — Sabine retruca, negando com a cabeça.

Porque, com seus olhos velhos, ela é capaz de ver o que acontece dentro da minha cabeça. É capaz de enxergar minha alma e encontrar as mentiras e puxar os pequenos fiapos de verdade. Ela sabe o que é verdade, mesmo quando eu mesma não sei.

— Eu quero que eles sumam — corrijo.

Agora ela balança a cabeça.

— Eu sei que quer, filha — ela responde, em tom solidário. — Me conte sobre eles.

Ela prepara as xícaras de chá e eu conto sobre meus monstros. Porque Sabine está certa. Eles sempre me acompanham.

— Eles têm olhos escuros — relato. — Normalmente. E me seguem. Na escola, em casa, quando estou andando, quando estou dormindo. Às vezes me perseguem.

— Isso acontece mesmo quando você toma os remédios? — Sabine pergunta, com a voz inabalada. — Mesmo com o chá?

Hesito antes de responder. Mas ela vai saber se eu estiver mentindo.

Faço que sim com a cabeça.

Ela também acena uma afirmação e mexe o chá e olha pela janela.

— Você consegue diferenciá-los? — ela quer saber. — Das pessoas reais?

Volto a afirmar com um gesto.

— Sim.

Porque eles têm olhos negros.

— Vai ficar tudo bem, Calla — Sabine enfim declara.

*Vai?*

— Você tem dormido? — questiona, as mãos enrugadas cruzadas sobre o colo.

Encolho o ombro.

— Às vezes.

Às vezes os pesadelos vêm excessivamente.

Ela me encara.

— Você sabe que piora quando não descansa o suficiente.

Eu sei.

Eu me afasto da mesa depois de tomar apenas dois goles do chá.

— Vou procurar o Dare — anuncio.

Sabine fica assustada.

— Ninguém contou para você? — pergunta, surpresa, seu corpinho minúsculo enrijecido.

Fico congelada.

— Ninguém me contou o quê?

Seus olhos escuros se fixam nos meus.

— Um incidente aconteceu. O Dare está no hospital.

Respiro fundo, mas ela logo me acalma.

— Ele está bem, filha. Vai voltar para casa em alguns dias.

— Um incidente? — Minha voz sai trêmula. — O nome desse “incidente” é Richard?

Sabine nega com a cabeça.

— Calla, fique calma. Você não sabe o que aconteceu. Precisa...

Mas já estou saindo pela porta e sua voz fica para trás enquanto avanço pelos corredores, em direção à porta principal. Meu cansaço da viagem já foi esquecido.

— Jones! — grito quando me aproximo da sala de estar. — Preciso que você me leve a um lugar.

Ele surge do nada, como sempre faz.

— Senhorita?

— Preciso que você me leve ao hospital.

Ele me encara.

— Sua mãe sabe?

Confirmo minha mentira assentindo.

— Sim.

Ele não pode confirmar com minha mãe porque sabe muito bem que ela está dormindo, descansando depois da longa viagem. Está apreensivo, mas não pode dizer nada porque posso ser uma criança, mas sou uma criança Savage.

— Está bem. Vou buscar o carro.

Poucos minutos depois, estamos a caminho.

O interior se transforma em cidade e todas as ruas levam a um destino.

A Dare.

Saio do carro antes mesmo de as rodas pararem de girar completamente, avançando para dentro do hospital, passando em meio às pessoas, só parando para perguntar onde fica o quarto de Dare.

E aí corro outra vez, atravessando corredores brancos e estéreis, e não paro até entrar pela porta de um quarto no quinto andar, até ver Dare deitado em uma cama.

Ele está sozinho; o quarto, silencioso.

Paro e hesito.

Dare está dormindo, seus cílios escuros fazendo sombras nas bochechas.

Fico impressionada com quão enorme está, com quanto cresceu nos últimos nove meses, com como é lindo, mesmo dormindo. Tem o corpo comprido e esguio e forte. É um homem. Engulo

em seco e a onda de calor que se espalha por mim é confusa e, ao mesmo tempo, familiar. Sempre a senti quando olhava para ele, mas agora ela vem mais pronunciada.

É inegável.

Dare abre os olhos.

— Cal? — constata, confuso, grogue, enquanto olha para a porta atrás de mim.

— Eu vim sozinha — eu me apresso em esclarecer, atravessando o quarto e me sentando na cadeira ao seu lado.

— O que aconteceu? Por que você está aqui?

Morro de vontade de segurar sua mão, de lhe oferecer conforto, de tocá-lo.

Mas não posso. Porque ele provavelmente não quer isso. Ele me rejeitaria e a rejeição seria desoladora. Eu jamais me recuperaria.

— Eu estou bem — ele me reassegura. — Não é nada demais. Só uma coisinha pequena.

— Meu tio provocou isso? — pergunto, as palavras frias nos meus lábios, o pensamento ainda mais frio na minha cabeça.

Dare nega com a cabeça.

— Não.

— Cadê a sua mãe?

— Não está aqui. — A resposta é muito clara. — Eu estou sozinho.

— Não está mais — respondo, decidida.

*Você nunca mais vai estar sozinho. Eu juro.*

— Por que você veio parar aqui?

Olho nos seus olhos e ali encontro o ar de rebeldia que eu tanto temia ter sido destruído pelos Savage. Dare oferece um sorriso.

*Me desafie.*

— Eu fiz uma tatuagem no meu aniversário de dezesseis anos. E parece que tive uma reação à tinta.

— Tatuagem? — Não consigo esconder a alegria em minha voz. Porque isso é tão típico de Dare. E é algo que Richard e Eleanor com certeza odeiam. E isso por si só já me alegra. — É alguma coisa fofinha?

Ele me encara.

— Eu não trabalho com coisas fofinhas.

Dou risada.

— O que é, então?

— Algumas palavras. Nas minhas costas.

Espero esclarecimentos. Ele suspira.

— Diz “Viva Livre”.

Meu coração acelera porque isso é tão, tão perfeito. Expresso minha opinião e ele sorri outra vez.

— Eu sei. Mas quem poderia imaginar que eu teria essa maldita reação alérgica?

— Posso ver?

Ele nega com a cabeça.

— Nem. Agora não. Está coberta com um curativo e ainda não está legal. Mas você vai poder ver quando o inchaço desaparecer.

Dare se mostra casual e amigável, mas a noção, *a simples ideia*, de ver suas costas nuas me dá um frio na barriga. Eu mudei muito desde o verão passado. Só que ele ainda não sabe. Menstruei, tenho que usar sutiã... Estou diferente. Por fora e por dentro. Infelizmente, eles dizem

que o pico hormonal todos os meses vai piorar minha loucura, mas não vou pensar muito nisso. Vou aceitar o que eles me mandam aceitar, e tudo vai dar certo. Porque tem que dar.

Dare agora me observa com olhos escuros curiosos.

— É melhor voltar para casa. Eles vão dar falta de você. O Jones já deve estar falando com a Eleanor por telefone.

Arrebato o nariz.

— Não tenho medo dela.

Ele ri, não está convencido.

— Sério?

Dare sabe a verdade. Todo mundo tem medo dela. Dizem que meu avô morreu porque quis... se livrar dela.

— Não vou deixar você sozinho — falo baixinho, mas decidida.

Seus olhos hesitam por um instante, porque sei que eu seria uma das duas únicas pessoas que enfrentariam a ira de Eleanor por ele. E sou a única pessoa do mundo que correu esse risco hoje para estar aqui com ele.

— Está tudo bem. Eu estou bem aqui — ele garante, em tom decidido, e seu coração é corajoso.

É por isso que eu amo Dare.

Amo.

Amo.

Amo.

Amo Dare porque ele é forte, porque é rebelde, porque é tão sério e doce e porque agora vive livre. Ele vive livre, mesmo que até agora eu seja a única que saiba disso.

— Quando você vai ter alta? — pergunto, hesitante, porque agora me dou conta de que preciso voltar a Whitley.

É provável que Finn já esteja superagitado. Eles já devem estar passando um pente fino na propriedade para tentar me encontrar, e, assim que Jones ligar para lá... tudo vai estar perdido. Eles não vão tirar os olhos de mim por um mês inteiro.

— Provavelmente amanhã — ele afirma e, por uma fração de segundo, percebo o calor em sua voz, em seus olhos.

Ele me observa e *ele me vê*. Ninguém mais me vê... ninguém além de Finn.

Todos os outros só enxergam o que eu poderia ser.

Quem eu poderia ser.

Quem eu deveria ser.

Eles não veem quem eu *sou*.

Mas Finn vê. E Dare vê.

Isso me faz sentir mais próxima deles do que de qualquer outra pessoa no mundo.

— Vá! — Dare me apressa.

Seu celular está tocando e eu já sei quem é. Sei antes mesmo dele atender.

— Ela estava aqui — confirma ao aparelho. — Mas já está indo para casa. Eu quis que ela viesse. A culpa foi minha.

Seus olhos queimam na direção dos meus e eu faço que não com a cabeça. Por que ele está assumindo a culpa? Está me protegendo mais uma vez.

Dare assente para mim, aponta na direção da porta, sua atenção ainda voltada a Eleanor do outro lado da linha.

Vá, balbucia para mim. *Te vejo amanhã*.

Relutante, faço meus pés me afastarem dele.

Não quero deixá-lo sozinho, porque conheço a solidão.

Mas não me resta escolha. Se eu não for, eles virão atrás de mim, porque somos todos prisioneiros. Prisioneiros das expectativas, prisioneiros da responsabilidade, prisioneiros da vida.

Mas um dia... Um dia eu vou viver livre, como Dare.

Nem olho para Jones quando ele abre a porta do carro para mim.

— Eu sei que você ligou para eles — resmungo.

— Você mentiu para mim — responde baixinho enquanto assume seu lugar no carro.

Não tenho como argumentar. Porque é verdade. Eu de fato menti.

Quando volto a Whitley, todos ficam muito aliviados; todos menos Finn. Depois do jantar, quando estamos na privacidade da biblioteca vazia, ele me lança um olhar fumegante.

— Você devia ter me contado — ele me repreende com dureza. — Eu teria ido com você. Também gosto dele.

*Não do jeito que eu gosto, não.* Mas é claro que não digo isso. Finn deixou sua opinião clara há muito tempo e, desde então, repetiu-a muitas vezes. *Você não pode amar o Dare.* Mas Finn está errado. Eu posso, e eu amo.

— Eu não queria causar problemas para você — justifico, o que, em parte, é verdade.

Eu queria ver Dare sozinha.

Finn não acredita em mim porque me conhece. Ele me conhece melhor do que ninguém. Quando voltamos ao meu quarto, segura meu cotovelo, ainda perto da porta.

— Você precisa se comportar. A Eleanor vai acabar convencendo a nossa mãe a deixar você aqui o ano inteiro com a Sabine. É isso que você quer?

— Não. É óbvio que não — eu me apresso em responder, porque a ideia de ficar separada de Finn faz meu coração se apertar e acelerar aterrorizado. Mas, ao mesmo tempo, a ideia de ficar aqui com Dare me deixa animada.

Eu sou uma contradição, uma contradição infinita, infinita.

Finn se acalma e damos boa-noite um ao outro e hoje ele dorme em seu quarto porque não sabe quão agitada eu estou e porque não sabe que eu mesma desconheço o motivo dessa agitação.

Não consigo me acalmar, não consigo sossegar.

Meu sangue corre agitado, agitado, agitado pelas veias, pelo coração, espancando minhas têmporas, e meus pés querem correr, correr, correr para longe... pelos corredores, pelas portas e para longe desta casa.

Mas é claro que não faço isso.

Permaneço grudada à cama, como se estivesse amarrada, como se as algemas invisíveis fossem reais. Ignoro minha vontade de fugir e os espasmos nos meus dedos.

Alguns minutos depois, os gritos começam, ecoando pela casa e pela noite, e fico arrepiada quando me dou conta de uma coisa.

Dare está no hospital, não está aqui.

Os gritos nunca foram dele.

Fico confusa, em choque, perturbada.

Eu me concentro no choramingo, nos gritos agudos, e penso sobre a vida aqui em Whitley. Nada é o que parece, creio eu. Não sei em quem posso e em quem não posso confiar.

Os gritos enfim diminuem, depois cessam, e aí consigo relaxar, consigo sentir meus músculos afundando nos lençóis.

*Nada é o que parece,* e eu não conheço nada.

Só tenho certeza de que Dare é rejeitado, de que todos franzem o cenho para ele, e detesto isso. Não é justo. Se eu pudesse mudar isso, eu mudaria. Porque Dare merece a lua e as estrelas e tudo o que há entre elas.

Talvez eu consiga. Talvez eu consiga encontrar uma forma de mudar isso.

Durmo rangendo os dentes.



De manhã, quando acordo, me deparo com aquela incerteza.

Foi real?

Ou eu imaginei tudo?

Nos últimos tempos eu nunca sei, e isso me faz analisar intensamente qualquer situação... porque metade das vezes minha realidade não é real. É como analisar um sonho... inútil. Porque sonhos não são reais.

Não posso perguntar a ninguém o que é verdadeiro e o que não é, porque, assim que eu imaginar qualquer coisa estranha demais, macabra demais, eles vão me isolar em algum lugar, em alguma instalação sem janelas e com trancas nas portas e eu vou ser uma prisioneira *de verdade*.

É por isso que nunca posso expressar quantas vezes minha realidade não parece real. É por isso que nunca posso fazer perguntas.

É por isso que tenho que tentar decifrar tudo sozinha.

Sempre pensei que fosse Dare gritando, que Richard o estivesse ferindo durante a noite, que todos estavam fechando seus olhos para isso, dando as costas para o que acontecia.

Mas, se esse não é o caso, *graças a Deus*, então o que está acontecendo aqui?

Minha mãe remexe seu café da manhã em silêncio e eu empurro a comida para o canto do prato, ignorando os olhares preocupados de Finn e a frieza da minha avó.

Os dedos dela são como aranhas, longos e finos, e estão curvados, segurando um copo de água. Seus olhos de aço observam minha mãe por sobre a armação dos óculos. Eu desvio o olhar. Para a parede, para a mesa, para meu próprio braço. Qualquer coisa menos aqueles olhos de aço.

Deslizo o dedo pela veia no meu punho enquanto ela pulsa contra a pele, o pulso do sangue da minha vida, pulsando, pulsando em mim. O sangue é azul, o sangue é vermelho, o sangue é meu. Olho para a pele, para o relevo, para a veia. Ela se estica quando eu estico o braço, afunda quando o puxo, ela...

— Calla?

Minha mãe interrompe meus pensamentos e eu desloco a atenção do meu braço para minha mãe.

— Oi?

— Não vá muito longe hoje — instrui, e percebo um incômodo em seu rosto.

Alguma coisa incomoda seus traços perfeitos.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

O que seria?

— O Jones vai buscar o Dare hoje? — pergunto enquanto ela apoia o copo na mesa.

Minha mãe raspa levemente a garganta enquanto Eleanor permanece parada.

Minha avó olha direto em minha direção, fazendo meu coração acelerar. Por que elas não respondem?

— Você precisa descansar hoje, Calla — Eleanor enfim ordena, ignorando minha pergunta.

Minha mãe raspa outra vez a garganta, emitindo um barulho leve e estranho. Que faz a penugem em minha nuca enrijar, porque alguma coisa está

errada

errada

errada.

— O Dare volta para casa hoje? — pergunto outra vez, agora com mais firmeza, direcionando as palavras à minha mãe.

Ela passa um bom tempo observando seus ovos antes de me olhar nos olhos.

— Você precisa descansar hoje, meu amor. Anda se cansando demais.

Seu rosto é inexpressivo e estranho, e o pânico começa a se espalhar por mim como uma onda, uma onda que ameaça me tomar por inteiro e me engolir.

— Eu estou bem — consigo murmurar. — Eu estou bem.

Minha mãe assente e Finn segura minha mão por debaixo da mesa. Aperta meus dedos levemente, depois com mais força. Nosso silêncio indica que é melhor deixar o assunto de lado. Ele quer que eu deixe... Dare?... de lado.

*Não.*

*Nunca.*

Eu me viro para minha avó.

— O Dare vai estar aqui para o jantar?

Finn aperta meus dedos com força suficiente para cortar a circulação, mas eu ignoro. Me concentro nos rostos desta sala, os rostos traiçoeiros, traiçoeiros.

Ouçó sapatos se esfregando no chão, talheres de prata se esfregando nos pratos de porcelana, respirações leves. Conto as minhas.

Uma

Duas

Três

Quatro

Cinco

Pouco antes da sexta inspiração, Eleanor afasta de repente a cadeira e anda na direção da porta.

— Você é perturbada, menina — resmunga baixinho ao passar. — Vá para o seu quarto e eu vou mandar a Sabine ir vê-la.

Minha mãe desvia o olhar e Finn aperta mais meus dedos e eu tenho uma terrível sensação de peso no peito.

— Mas por quê? — grito para ela, afinal é a única capaz de responder.

Só que ela não responde. O silêncio a acompanha e se espalha pela sala de jantar e todos ficam calados e eu aterrorizada.

*Onde Dare está?*

Eu me levanto da cadeira, mas meu peito se aperta. Aperta, aperta, aperta ao máximo. Não consigo respirar. Não consigo respirar. Não consigo respirar. Caio no chão e a âncora o albatroz a pedra... Todos pousam no meu peito e o quebram, e o estilhaçam, e me mantêm no chão. Estou esmagada no chão, meu coração dói e eu não consigo respirar.

Não consigo respirar.



O rosto de Finn gira em frente ao meu.

— Calla, respire — ele instrui, sua mão junto à minha, seus olhos azuis tomados por preocupação. — Respire.

Não consigo. Não consigo. Não consigo.

— Finn — sussurro.

Mas é tudo o que consigo fazer, tudo o que posso dizer, tudo o que posso implorar.

Alguma coisa está errada aqui.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

Alguma coisa.

Tudo.

Sinto que está.

E aí não sinto nada porque tudo desaparece.

Quando acordo, me encontro sozinha em meu quarto. Está escuro lá fora, é madrugada. Dormi o dia todo e a noite toda, com certeza por causa das ervas de Sabine. Mexo o corpo, esfrego os olhos desfocados e enfim me sento.

Estou sozinha.

Dare.

*Dare.*

Minhas lembranças da manhã irrompem como um vulcão na minha cabeça, e eu corro para pegar o telefone. Ligo para a telefonista e peço para ela me colocar em contato com o hospital porque obviamente não sei qual é o número.

Quando alguém atende, tropeço em minhas palavras:

— Sim, poderia transferir para o quarto de Dare DuBray, por favor?

— Só um instante.

A voz da mulher é distraída, mas eu fico aliviada. *Só um instante.* Vou ouvir a voz dele em um instante. Graças a Deus. Eles não podem me manter longe dele. Ninguém pode.

Espero.

E espero.

E a mulher distraída volta.

— Senhora, qual era mesmo o nome?

— Adair DuBray — repito, com a voz apertada.

Eu a ouço digitar no computador.

— Não temos nenhum paciente com esse nome — afirma.

— Ele teve alta? — indago, esperançosa. — Ele estava aí ontem porque teve uma infecção. Fez uma tatuagem e...

— Senhora, não recebemos nenhum paciente com esse nome. Nem ontem nem nunca. Ele não está cadastrado no nosso sistema. Não esteve aqui.

— Há algum erro — sussurro, mas ela é decidida.

— Não há nenhum erro, senhora.

O entorpecimento cai como uma bruma e eu coloco o telefone sobre a mesa.

Ele *estava* lá. Eu o vi. Fiquei ao seu lado, desejei segurar sua mão. Sei disso.

A confusão forma um emaranhado na minha cabeça, o que não é nada incomum. Estou sempre confusa, mas nunca estive confusa com relação a Dare.

Onde ele está?

O que é real?

— Que foi? — Finn chia no café da manhã, seus dedos apertando meu joelho para atrair minha atenção.

Faço que não com a cabeça.

— Nada.

— Mentira sua — meu irmão me acusa e, como de costume, está certo.

Sempre está.

Eu sei o que está pensando.

Não consigo cuidar de mim mesma. Sou uma inválida. Sou uma louca.

Assinto para tranquilizá-lo.

— Eu estou bem.

Ele assente em resposta, mas não se convenceu.

Não importa.

— Vou desenhar hoje — conto. — O lago, o jardim... Aonde os ventos me levarem.

— Eu vou com você — ele se apressa em dizer, já segurando minha mão porque não confia no vento e nem em qualquer outra coisa quando o assunto sou eu.

Todavia, eu recuso.

— Não. Eu gostaria de passar um tempo em silêncio.

Quero encher meus pulmões com a brisa, quero ser um junco oco, absorver o mundo, sugá-lo, decifrá-lo.

Ergo o olhar na direção de Finn e ele me encara e enfim concorda.

— Tudo bem. Se precisar de mim, é só gritar.

Concordo, mas sei muito bem que ele não vai me ouvir se eu estiver do outro lado do lago.

Pego um caderno e um lápis e em silêncio saio da casa, sentindo o olhar de Finn apontado para minhas omoplatas a cada passo.

Vou para longe da casa dos Savage, do gramado dos Savage, dos Savage. Vou até os jardins, onde é sereno e silencioso, onde sinto a presença de Dare, muito embora ele não esteja aqui.

Eu me sento ao lado do riacho borbulhante, mergulhando os pés na água fresca enquanto a vejo passar por sobre as pedras, polindo-as.

Minha mente flutua para longe, levada pela brisa.

A ausência de Dare me consome. Como ele pode simplesmente ter ido embora?

Eleanor é tão sisuda, tão rígida. É capaz de fazer qualquer um sumir. Eu, de fato, acredito nisso. Ela tem poder e dinheiro e ódio.

Muito ódio.

— Calla.

A voz é leve, transparente.

E também é conhecida.

Dare.

Recobro a atenção, olho em volta, mas não o vejo.

— Dare — respondo, esperançosa.

*Estou ouvindo coisas?*

— Estou aqui — ele diz, e soa tão distante.

Dou meia-volta e Dare está atrás de mim, mas alguma coisa parece fora de lugar e não sei o que é, e olho através do ar e sou louca.

— Você não é louca — ele responde rapidamente, lendo minha expressão. — Eu estou aqui.

— Não entendo — sussurro, e ele caminha até mim.

Quando me encontra, cai de joelhos. Estendo um dedo para tocá-lo e ele é de verdade. Seu ombro é musculoso e quente.

— Você cresceu — ele diz, e não era isso que eu esperava ouvir, porque ele me viu ontem e ele não falou nada.

— Você sumiu — digo em resposta, e ele abre um sorriso afetado.

— Não sumi, não.

— Então por que não está na casa? Por que está aqui fora? Por que todo mundo vem agindo como se você não existisse?

Minhas perguntas não fazem sentido, como essa situação.

Ele sorri, mas está triste. Posso ver em seus olhos,

Seus

Olhos

Escuros

Escuros.

— Você é de verdade? — pergunto, com toda a calma que consigo reunir.

— Tão de verdade quanto você — é a resposta.

— *Eu* sou de verdade?

Ele me encara.

— Se não for, então nós dois somos loucos.

Não posso eliminar essa possibilidade, porque Whitley guarda segredos e eu não entendo nada. E, quando estou confusa, começo a tagarelar.

— Eu nunca sei o que é de verdade — admito para ele, e aí começo a contar a história da minha vida.

Conto tudo para Dare, sobre meu irmão ter morrido e no fim das contas não ter morrido, sobre a morte do meu professor de educação física que não morreu, que vejo demônios e seres de olhos negros, que os pântanos rosnam para mim e que sempre tenho medo de perguntar sobre a realidade. Conto a ele tudo o que sempre tive medo de contar a qualquer pessoa além de Finn.

— Então, basicamente, eu vivo com medo — concluo, e Dare agora segura minha mão.

Entrelaça seus dedos aos meus, fazendo meu coração querer saltar para fora do peito.

Sua mão é calorosa e seu olhar é suave.

— Não tenha medo — diz. — Vamos dar um jeito nisso.

*Que jeito mais britânico de falar.* Digo isso a Dare, e ele sorri.

— Isso foi a coisa mais malvada que você me disse hoje.

Ele desliza o olhar à minha volta, ainda sorrindo, e assobia para o vento, acenando. Espera, depois pergunta, confuso, em um sussurro:

— Onde estão os cachorros? O Castor nunca sai do seu lado.

Agora sou eu quem está confusa.

— Que cachorros? Quem é Castor?

Ele me encara com a cabeça inclinada.

— Você não está falando sério. Está?

Eu também o encaro, tão confusa quanto ele.

— Estou falando sério. Que cachorros?

— Castor e Pólux. Os cachorros. O seu e o do Finn.

Nego com a cabeça.

— Nós não temos cachorros. Meu pai é alérgico.

— Você não tem cachorros no Oregon — Dare responde, impaciente. — Mas tem cachorros aqui.

— Você está usando drogas — suponho. — É isso. Ou talvez eu esteja drogada. Um de nós sem dúvida está drogado.

— Nenhum de nós está — Dare responde. — Se não acredita em mim, pergunte à Sabine. Ela pode contar sobre os cachorros.

Olho duvidosa para ele, mas troto até o andar inferior da casa em busca de Sabine.

Quando pergunto a ela sobre Castor e Pólux, ela me olha como se eu estivesse louca, mas, ao mesmo tempo, existe algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa em seus olhos. Alguma coisa estranha, alguma coisa que brilha quando ela me observa, alguma coisa sombria

Sombria

Sombria.

— Não sei do que você está falando — responde.

— Você não conhece Castor e Pólux? — questiono para ter certeza. — A gente não tinha dois cachorros?

Ela nega com a cabeça e eu recuso seu chá e sinto seu olhar apontado para mim muito tempo depois de eu deixar a cozinha.

Naquela noite, encontro um pelo de cachorro em meio aos meus lençóis.

Um pelo de cachorro.

## 10

Os dias se transformam em semanas e, a cada semana, as coisas se tornam mais estranhas. Todos os traços de Dare foram apagados de Whitley. Nem uma fotografia, nem uma menção ao seu nome. Estou tão convencida de que fiquei mais louca do que nunca que cheguei ao ponto de parar de contar meus segredos a Finn.

E meu irmão não gosta nada disso.

— Você não está sendo você — ele afirma certo dia na biblioteca. — Há algo errado e você não está conseguindo esconder.

Finn está tão preocupado que sinto uma pontada no coração. Quero contar a ele, queroqueroquero. Mas não posso. Posso?

— Você já imaginou que uma pessoa existia? — pergunto com todo o cuidado, segurando sua mão e apertando-a muito de leve.

— Não — ele responde, falando devagar. — Você já?

— Não sei — respondo, sincera. — Pensei que a gente tinha um primo. Um primo postiço. Mas todo mundo age como se ele não existisse, como se jamais tivesse existido. E estou começando a me perguntar se eu o criei na minha cabeça.

Finn respira uma vez, duas vezes.

— Com o seu problema, os delírios são comuns, Cal — meu irmão enfim responde. — Eu não me surpreenderia se você tivesse sonhado com ele. Você está bem. Eu juro, está bem.

— Mas você não sabe de quem eu estou falando? — pergunto, com a voz calma.

Finn nega lentamente com a cabeça.

*Não.*

Mas Dare é tão real.

Dare é real agora, sentado do outro lado da biblioteca e me encarando, ouvindo nossas palavras e se desfazendo em sorrisos.

Ele é real quando me segue até meu quarto, e é real quando se encosta à porta.

— Venha comigo a Astoria — sugiro. — Vamos dar um jeito nisso.

— Que jeito mais britânico de falar — ele sorri.

— Isso foi a coisa mais malvada que você me disse hoje.

Ele ri, não está nada ofendido.

Na noite antes de eu partir para casa, Sabine vem ao meu quarto, se arrastando na escuridão. Seus braços pequenos são como gravetos e as sombras se espalham na parede.

— Calla, tenho uma coisa para você — ela avisa.

Eu me sento na cama, assustada porque nem a ouvi entrando.

Ela segura minha mão e um anel brilha em sua palma.

É prateado e brilhante, uma faixa lisa, grossa e pesada.

Lanço um olhar de questionamento para ela.

— Era do seu avô — ela declara de forma bem direta, explicando.

No mesmo instante seguro o anel, examinando-o cuidadosamente com a ajuda da luz da lua.

— O meu avô morreu porque quis morrer? — arrisco. — Para se livrar da Eleanor?

Sabine chega a dar risada, e o ruído rouco se espalha pela noite.

— Filha, o seu avô nunca fez nada que não quisesse. E isso inclui morrer. Ele era como você, entenda.

Suas palavras puxam minha atenção com as duas mãos.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto séria. — Em que sentido ele se parecia comigo? Também era louco?

Sabine se senta ao lado da minha cama.

— Não diga que você é louca, minha pequena. Isso é um insulto. Você é incompreendida, e eu não posso explicar. Mas não significa que você seja louca. O seu avô era um homem bom e se parecia muito com você. Fique com o anel dele. Vai ajudá-la a manter os pés no chão e a se lembrar de quem é.

A explicação é confusa e digo isso a ela. Sabine sorri outra vez.

— Me dê a sua mão.

Obedeço e ela acaricia a palma, o cenho franzido enquanto me examina.

— A linha do seu coração é partida, filha — murmura, contornando-a com os dedos. — Ela se divide em duas, depois em três. É como eu sempre disse. Um para um para um.

— O que significa isso? — questiono, e sei que é uma pergunta válida porque *que confusão*.

Sabine me ignora.

— Sua linha da vida é longa e profunda — ela continua. — Indica que você é mais forte do que imagina, que é cuidadosa.

— Não me sinto forte — admito.

— Eu sei — ela responde. — Mas você é. Sua linha da vida se divide em muitos ramos, e você tem que escolher. Você tem que escolher, filha. Não aceite se outra pessoa disser algo diferente disso.

— Eu tenho que escolher o quê? Escolher o quê? Viver?

Que coisa mais besta.

Inabalável, Sabine me encara.

— Fique com o anel do seu avô. Ele pertence a você mais do que a qualquer outra pessoa.

*Vai ajudá-la a manter os pés no chão e a se lembrar de quem é.*

No dia seguinte, o sorriso iluminado de Dare é a última coisa que vejo antes de embarcar em um avião rumo aos Estados Unidos. É a última coisa que vejo antes de dormir naquela noite, e é com ele que sonho.

*Dare. Preciso dele.*

*Preciso dele aqui.*

*Não posso existir sem ele.*

*Ele me conhece me conhece me conhece.*

Acordo e encontro Dare sentado na beirada da minha cama, calmamente me vendo dormir.

— Como foi que você... — arfo, e estou confusa e assustada e amedrontada.

Ele sorri outra vez e seus olhos negros brilham com a luz da manhã.

— Não sei.

— Você está aqui.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Parece que sim.

A felicidade borbulha dentro de mim, passa pela barriga e chega ao peito.

— Fico contente — murmuro.

— Eu também.

Dare acha a funerária fascinante e eu o levo para conhecê-la. Pela sala de embalsamamento, sala de velório, capela. Mostro onde guardamos os caixões quando eles chegam, onde meu pai guarda o carro fúnebre e os carros da família. As coisas que outras pessoas acham tão medonhas e que para mim são só parte da vida cotidiana.

— Aqui tem cheiro de flor — Dare observa, seu corpo grande e esguio preenchendo o batente.

— É verdade — concordo. — Esse cheiro permeia o tecido da sua roupa e aí você fica com cheiro de funerária o dia todo.

— Não — ele responde. — Só de flor.

Deixo passar porque eu francamente prefiro cheirar a lírios a ter cheiro de morte.

Mostro a ele as praias e o mar e nosso barco. Mostro a coqueira da casa e a floresta e os penhascos.

— Cuidado ao andar aqui — aviso, séria. — O ressalto é fino.

— Pode deixar, colega — ele responde.

Colega?

Não quero ser sua colega. Eu quero ser...

Nem sei o que quero ser.

Mas, no dia seguinte, quando mostro a Dare o parque de diversão antigo e abandonado, chamado Joyland, reservo um minuto para gravar nossas iniciais na madeira.

DD e CP.

É Dia dos Namorados e me parece apropriado.

Dare sorri e vira os olhos.

— Você tem treze e eu tenho dezesseis.

Ergo o queixo.

— E daí? Daqui a alguns anos vamos ter dezesseis e dezenove. E eu sou a única que sabe da sua existência.

É estranho dizer isso e, por um instante, penso que ele é meu amigo imaginário. A maioria das crianças tem amigos imaginários, não tem? Porém, olhar para ele faz minhas partes femininas esquentarem, e acho que amigos imaginários não fazem isso.

Dare dá risada e nós saímos do parque.

— Então fale comigo sobre isso quando você completar dezesseis — ele sugere.

Mas sua voz está carregada com algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa.

Interesse?

Promessa?

Escuridão.

Não sei.

Só sei que, quando ele está comigo, eu me sinto invencível. E forte. Sinto que sou eu mesma, mas uma versão melhor de mim mesma.

Então faço a única coisa em que consigo pensar. Tiro do dedo o anel do meu avô e o dou a Dare.

— Não posso aceitar isso — ele protesta com a voz leve, mas está muito emocionado, posso perceber.

— Ele vai lembrá-lo de onde está — digo a ele. — E de quem você é. Quero que fique com ele. Você também é um Savage. Tão importante quanto qualquer outro.

Ele coloca o anel no dedo médio e o movimento é hipnotizante, e o brilho do anel o brilho do anel brilha na luz e o mundo gira.

E gira

E gira

E empena

E quebra.

Os pedaços caem à minha volta e formam imagens e eu sinto eu sinto eu sinto como se já estivesse estado aqui antes.

Olho para Dare e ele está diferente, está mais velho. Minha mão também está mais velha. Longa e fina e forte e eu a estendo para tocar o rosto de Dare.

— *Você quer voltar, Dare?* — pergunto, e há flerte em minha voz, e estamos aqui na Joyland, mas é mais velha e mais suja.

— *Não na sua vida.*

*A luz da lua recai sobre seu rosto e nos inunda, iluminando a barba por fazer que contorna seu maxilar.*

— *Vamos, então.*

*Eu sorrio e meu coração está cheio e nós desaparecemos dentro do Noite.*

A escuridão nos engole, e nos combina, depois desaparece, e eu estou mais uma vez exposta ao sol, e Dare está me encarando, confuso, desorientado.

— Calla? — Percebo a preocupação em sua voz e não há barba por fazer em seu rosto perfeitamente barbeado.

Balanço a cabeça, mandando toda a confusão para longe, porque ela não é real não é real não é real.

— Eu estou bem — sussurro, mas na verdade não estou.

Porque às vezes estou aqui e às vezes não estou.

*Fique com o anel dele. Vai ajudá-la a manter os pés no chão e a se lembrar de quem é.* As palavras de Sabine ecoam na minha cabeça e eu me concentro me concentro me concentro nelas.

Eu estou aqui.

Dare está aqui.

Embora um minuto atrás, tão real quanto qualquer outra coisa, eu não estivesse aqui. Eu estava em outro outro outro lugar.

Vamos para casa, de volta à funerária, e os dias se arrastam, voam, giram. Se transformam em semanas e as semanas em meses, meses confusos, maravilhoso, lindos.

Dare passa meu aniversário comigo, e mais um. Passa o Natal. E todos os dias entre uma celebração e outra. A cada dia, se torna mais e mais instável.

Porque ele não é real.

Porque eu não sei o que ele é.

— Se eu pudesse corrigir tudo, eu corrigiria — digo a ele certo dia, quando estamos nos penhascos.

O vento chicoteia meu cabelo e eu tento me proteger. Dare me encara e eu vejo tristeza em seus olhos.

— Eu sei, Calla Copo-de-Leite.



Ele está tão vulnerável, e triste, e agora tem dezessete e eu catorze anos.

Eu me ajeto, porque preciso beijá-lo mais do que preciso de qualquer outra coisa no mundo.

— Me beije — sussurro, olhando sedenta nos seus olhos.

Ele vira o rosto e o calor o calor o calor. Aquece minha barriga e transborda em meu coração.

— Eu não devia — ele responde com a voz grave e rouca.

Mas ele quer. Posso ver posso ver posso ver que ele quer. Seus olhos estão embaçados e atormentados.

— Beije mesmo assim — respondo desejando, rezando, segurando a respiração.

Então ele beija,

Porque eu quero.

Ele está começando a sempre fazer o que eu quero,

Sempre

Sempre.

Baixa sua cabeça escura e seus lábios pressionam os meus, duros, quentes, firmes, reais.

*Meu primeiro beijo.*

Beijá-lo é como sentir o ar do inverno entrando nos pulmões. Beijá-lo me dá vida, me preenche, preenche toda a minha escuridão, meus pontos mais vazios.

— Eu não devia ter feito isso — Dare murmura, se afastando, e eu não quero que ele se distancie, mas ele se distancia mesmo assim.

E sai andando e eu o sigo, meus dedos nos lábios, ainda impressionada demais para me dar conta de que ele está arrependido. Não sei por quê... porque eu tenho catorze e ele tem dezessete e é meu primo postigo e acha que isso cria um abismo.

Mas não cria.

Não é um abismo.

Isso nos aproxima.

Ele é meu. Só não sabe ainda.

Depois do jantar, eu o encontro perto da lareira, e ele a soca como se fosse uma máquina.

— Dare, pare com isso! — imploro, segurando suas mãos, tentando evitar que se machuque ainda mais.

Há sangue em sua blusa, o sangue escorre das articulações de seus dedos. Seu rosto está tão atormentado, tão cheio de dor.

— Você sabe o que é ser incapaz de mudar uma coisa? — ele pergunta, e sua voz está tão áspera, tão dolorida que faz meu coração se rasgar em pedaços.

— É claro que sei — respondo.

E o levo até a cozeira, onde limpo seus ferimentos.

Ele tira a camisa e os músculos preenchem suas costas de cima a baixo, e o VIVA LIVRE é claro, gravado com letras fortes. Não consigo respirar porque ele é lindo e caloroso e vibrante e está bem aqui.

Tão próximo.

Tão próximo

*Tão distante.*

Ele me estuda, meu rosto, meus olhos. E, quando suspira, é um barulho tão solitário.

— Você não sabe — ele rebate, resignado. — Não como eu sei.

Abro a boca para responder, mas ele não me permite.

— Eu vou dormir aqui — anuncia. — Em vez de dormir na casa grande. É melhor assim.

Não o contrário porque percebo que ele acredita ser a escolha certa. Minha alma fica esmagada, mesmo assim vou embora, porque é o que ele quer. Por enquanto.

Contudo, meu quarto está vazio e eu estou vazia e não só quero que ele volte para mim e durma no chão, onde posso acordá-lo no meio da noite para ter certeza de que está seguro.

Eu me viro de lado nos lençóis frios, e me viro outra vez, e levo os dedos aos lábios, onde sua boca gloriosa estava ainda há poucas horas.

Eu daria qualquer coisa para tê-lo de volta. No meu quarto, neste mundo. Aqui.

Durmo e meu sono é agitado e sombrio.

Os sonhos

Os sonhos

Os sonhos.

Vejo água e borracha queimando e fogo. E gritos e é minha mãe, acho. Vejo areia, um lençol branco, lágrimas, gritos, morte.

Os olhos da minha mãe estão sem vida.

E Finn

Finn

Finn.

Uma voz sussurra, cantarola.

*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Sede nossa defesa contra os embustes e ciladas do demônio. Que Deus o censure, pedimos humildemente, e que vós, príncipe da milícia celeste, pela força divina, precipitai no inferno o Satanás e os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.*

As palavraspalavraspalavraspalavras.

*Protegei-me São Miguel, Protegei-me São Miguel, Protegei-me São Miguel.*

Proteja e proteja e proteja e eu acordo, sento ereta na cama com uma sensação de perda tão profunda que não consigo suportar. Eu me sinto esmagada por esse peso e não há nada que eu possa fazer, nada que eu possa fazer,

Apenas correr até onde Dare está.

Eu corro pela casa escura,

Pela porta, pela noite,

Até a cocheira.

Pulo no sofá ao seu lado, cubro nossos corpos com o lençol

Ele se mexe, mas não me afasta.

— Os pesadelos, Dare — sussurro. — Faça eles pararem.

— *Shh*, ratinha — ele fala baixinho, abraçando minha cintura, me puxando mais para perto.

— Agora você está segura.

Mas não acho que esteja.

— Não quero ficar sozinha — confesso, encostando o rosto em seu peito.

E ele deixa.

— Você não está — garante. — Nunca está.

Minha vida não pode ser assim. Ela precisa mudar. Precisa ser normal.

Estou decidida a consertá-la

Consertá-la

Consertá-la.

Enfim consigo dormir, afinal Dare está tão perto.

Durmo um sono agitado,

Perturbado.

E, quando acordo,

Finn está na janela.

Seu rosto assustado,

E ele segura uma medalha de São Miguel.

*Protegei-me, São Miguel.*

As vozes, as palavras... Elas giram à minha volta tão altas que mal consigo focar no rosto horrorizado de Finn, mas consigo. Eu me concentro e olho e o vejo.

Finn desliza o olhar de mim para Dare.

*Espere.*

*Para Dare.*

Para Dare.

Ele está vendo Dare?

Corro atrás do meu irmão, meu lençol me acompanha.

Só o alcanço quando chegamos à varanda de casa, e minha mãe está saindo pela porta.

Finn abre a boca para dizer alguma coisa, mas minha mãe olha para mim e para meu lençol e para alguma coisa atrás de mim.

Antes mesmo de me virar, já sei o que é.

*Quem é.*

Dare.

Fico espantada, calada, porque ela consegue vê-lo e Finn consegue vê-lo e ele é real. Isso tudo é real.

Isso é real.

A tensão estala como um chicote à minha volta e eu não dou a mínima. Porque ele é real.

— Adair DuBray — minha mãe exclama, entendendo tudo justamente como parece ser. — Não acredito no que você fez. Fugiu de Whitley para seduzir minha filha?

Não sei se devo ficar... espantada, defensiva ou grata pelo fato de o universo ter se ajustado e todo mundo agora conseguir ver Dare.

Ele é real.

Ele é real.

Eu não estou louca.

— Não é o que vocês estão pensando — ele murmura, e não parece confuso.

Não parece nada surpreso por eles conseguirem vê-lo.

— Então entre aqui e me conte o que é — minha mãe esbraveja. — E vou ligar para o seu pai agora mesmo.

— Padrasto — Dare corrige, mas, a esta altura, ninguém está ouvindo.

Minha mãe já deu meia-volta e foi até a cozinha, presumivelmente para telefonar para Richard.

— O que está acontecendo? — pergunto, desnorteada, a Dare enquanto seguimos minha mãe e meu irmão.

Ele me encara desapontado.

— Você ficou bêbada ontem à noite — conta. — Foi isso que aconteceu. Eu cuidei de você, te ajudei a se lavar e agora a sua família está achando que eu sou um louco que te seduziu.

Agora fico em choque, paralisada.

— Eu não bebi ontem à noite — respondo calmamente. — Nunca fiquei bêbada. Tive um pesadelo e não queria ficar sozinha.

— Não. — Dare arqueia uma sobrelha. — Você estava bêbada e vomitando por todo canto. Agora todo mundo acha que eu sou algum louco que transa com crianças. Que incrível.

Ele está irritado e eu também estou ficando.

— Eu não sou nenhuma criança — retruco em resposta. — E não vomitei ontem à noite.

Mas ele não está mais ouvindo.

Dare segue minha mãe e ouve um sermão quando ela lhe entrega o telefone. Ele assente, e, no meio da cozinha, posso ouvir a voz gritando do outro lado da linha.

Ele vai pagar caro e sei que a culpa é minha, embora não saiba muito bem por quê.

Que diabos está acontecendo?

Nada faz sentido.

O resto do dia é horrível, pois meu pai me olha desapontado e minha mãe lança olhares fumegantes para Dare.

— Você vai embarcar no próximo voo para Londres — ela avisa a ele. — Parte logo cedo.

Ele assente e não discute. Eu argumento, mas ninguém escuta.

— Mãe, a gente não pode se separar — explico com sinceridade enquanto olho Dare pela janela.

Ele desaparece dentro da cozeira sem sequer dar meia-volta. Sei que é provável que sinta que estou observando, mas ele não aparece para confirmar. Ele está ao telefone e não sei com quem está falando e tudo isso me assusta.

A ideia de estarmos separados faz meu coração se dilacerar.

— Ele me entende — digo à minha mãe.

— Calla Elizabeth — ela me encara com o rosto severo. — Você tem dezesseis anos. Eu sou sua mãe. *Eu entendo você.* O Dare vai para a casa dele em Sussex.

*Dezesseis? Eu tenho catorze. Não tenho?*

Abro a boca:

— Mas...

— É para o seu bem — ela me interrompe firmemente.

*Eu não quero isso.*

Mas ninguém está nem aí.

Depois do jantar, Finn me procura. Está usando camisa e com o cabelo recém-lavado.

— O que você tinha na cabeça? — pergunta, e, para ser sincera, eu não sei.

Ele me conhece melhor do que ninguém e também acredita nessa bobagem.

— Eu não dormi com o Dare — conto a ele. — E não estava bêbada. Não sei o que está acontecendo, mas não é o que parece.

Ele não acredita em mim, mas não diz nada.

— Eu vou a um show — conta. — E estou com o seu ingresso. Você vem comigo, não vem?

Minha memória está turvaturvaturva, mas eu me lembro do Quid Pro Quo. Um show. Era para eu ir, e eu de fato *tenho* dezesseis anos, porque a gente já pode dirigir. Mas esta é a última noite de Dare aqui e eu tenho que vê-lo. Tenho que conversar com ele. Tenho que arrumar essa situação.

Nego com a cabeça e me viro na direção do corredor.

— Não posso, desculpa.

— Está bem — Finn suspira. — Eu vou sozinho. Só não entendo o que está acontecendo com você, Cal.

— Então somos dois — reclamo em resposta.

Finn sai e eu fico sozinha.

Sozinha, é assim que prefiro ficar.

— Calla — minha mãe chama. Eu a encontro na sala no andar de baixo. Me aproximo com cuidado e ela continua severa ao falar comigo. — Vou ao clube do livro. Você fique aqui e não se meta em encrenca.

Meus olhos ficam cheios de lágrimas e os dela se suavizam por um instante e ela segura minha mão.

— Vai ficar tudo bem com você — ela me diz. — Tem coisas que você não entende.

— Estou tão cansada de ouvir isso — respondo. — Tão cansada. Vamos, me conte. Me faça entender.

— Você não pode ficar com o Dare — ela diz, impotente. — Não pode. Ele vai ser a sua ruína.

— A minha ruína?

Ela desvia o olhar, olha para o chão, pelas janelas.

— Isso é tudo o que eu posso dizer. Você não precisa saber de mais nada, e não diga à sua avó que eu contei isso para você. Eu preferiria morrer a deixar você ficar com ele. É tão importante assim.

Suas palavras giram à minha volta, giram e giram e giram.

*Eu preferiria morrer.*

Sinto enjoo e, depois que minha mãe vai embora, afundo no chão e embalo o corpo, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e molhando minha camisa.

Preciso de respostas.

Preciso agora.

Pego meu celular e digito o número da minha mãe.

— Oi? — ela suspira ao telefone, já ciente de que sou eu.

— Mãe, precisamos conversar sobre esse assunto — digo com urgência. — Não faz sentido. O Dare jamais me faria mal, nunca.

— Calla, eu não posso contar a história toda para você. Não posso, e preciso da sua palavra, que prometa que não vai contar a ninguém, nem mesmo ao Finn. Esse é um assunto dos Savage e nós não precisamos falar sobre ele. Você só precisa saber que você e o Dare não podem ficar juntos. Não podem.

— Mas... — minha voz falha e ela me interrompe.

— Sem mas. Nós já dissemos tudo o que precisa ser dito. Esqueci os meus óculos de leitura e vou voltar para pegá-los. Não me encontre com perguntas na porta. Eu só... Eu não posso, Calla. Não posso. A chuva está pesada e eu preciso me concentrar na estrada...

Ela interrompe sua própria frase com um grito.

Um grito alto, agudo. Que quase perfura meus tímpanos, tamanha a intensidade, e, antes que eu possa entender o que está acontecendo, o grito cessa. E percebo que ouvi alguma outra coisa ao fundo.

O som de metal e vidro se amassando e quebrando.

E, depois disso, mais nada.

— Mãe?

Não há resposta, apenas um silêncio pesado.

— Mãe? — pergunto, agora assustada.

Ainda nada.

Depois

Um

Sussurro.

— Ah, Deus, Finn.

*É minha mãe.*

Sua voz sai rouca e falhada e aterrorizada e fraca.

— Calla, chame uma ambulância.

Antes de o telefone ficar mudo, antes que eu possa responder, ela dá um grito agudo e assustador, o tormento de uma mãe.

— Finnnnnnnnnnnnnnn!

E a ligação morre

E meu coração morre

Porque

FINN.

FINN.

FINN.

Calafrios percorrem minhas costas e arrepios se espalham pelos meus braços porque algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa terrível aconteceu com o meu irmão.

Minha outra metade.

Meu coração.

Eu sinto.

# 11

No meu coração, eu sei. Sei enquanto corro até a varanda, enquanto vejo a fumaça subindo a caminho do céu escuro, vinda de lá do sopé da montanha.

Finn está lá embaixo. Eu sei disso.

Eu sei disso

Eu sei.

Eu sei disso enquanto solto o peso do meu corpo na escada, segurando o telefone.

Sei disso enquanto tento respirar e não consigo.

Sei disso enquanto Dare vem mancando pelo quintal, com a testa suja de sangue.

Sei disso quando ele se posiciona na minha frente e encosta a mão no meu ombro.

Há sangue nos seus dedos.

— Calla?

De algum jeito consigo mexer a cabeça, olhar para o garoto que amo, o homem que odeio, o homem que agora temo. Não sei por que, só sei que sim. Todas essas emoções giram em mim e não sei de onde elas vêm e agora elas não têm importância. Só uma coisa importa.

— Onde está Finn? — meus lábios se mexem.

Dare me encara, seus olhos escuros reservados e urgentes.

— A gente tem que chamar uma ambulância.

Fico congelada, então Dare pega o telefone em minha mão e digita os números, o sangue manchando as teclas.

Sua voz se mistura à noite enquanto ele fala com o atendente, mas uma frase penetra a névoa da minha consciência.

— Aconteceu um acidente.

Eu o espero terminar, espero enquanto ele chama meu pai, espero até ele desligar e olhar para mim, e enfim pergunto com a voz trêmula e frágil e tênue:

— Foi? Foi um acidente?

Ele fecha os olhos.

Eu também fecho os meus.

Ouçoo o telefone em sua mão cair no chão da varanda, ouço-o estilhaçando.

Exatamente

Como

O

Meu

Coração.

O mundo é sombrio  
 O mundo é punitivo  
 O mundo é meu  
 O mundo é sombrio  
 O mundo é punitivo  
 O mundo é meu  
 É meu  
 É meu  
 É meu.  
 Perdoai-me, São Miguel  
 Protegei-me, São Miguel.  
 Perdoai-me perdoai-me perdoai-me.  
 O mundo é um túnel escuro escuro.  
 E gira e cai e se despedaça e  
 Perdoai-me, São Miguel.  
 Faço qualquer coisa para salvar meu irmão.  
 As palavras vêm de algum lugar, palavras que já vi antes, e flutuam na minha cabeça, na  
 caligrafia rabiscada de Finn.  
*Serva me, serva bo te.*  
 Me salve e eu vou te salvar.  
 Me salve, Calla.  
 Me salve.



# 13

— Ele se foi, meu amor.

Abro os olhos e estou segurando o telefone e encarando uma parede. A escuridão ficou para trás, e eu consigo enxergar, e os braços de Dare estão sobre os meus ombros, me mantendo em pé. Agora ele não está sujo de sangue. Sua camisa é limpa como nova.

Meu pai me observa com olhos azul-claros como os de Finn, e em choque, e como ele veio parar aqui?

— Calla?

Viro o rosto em sua direção, mas olhar para ele me faz sentir real demais, então apenas fecho os olhos.

*Eu não consigo.*

— Calla, encontraram o carro do Finn. Está na baía. Ele caiu do precipício... sua mãe estava no desfiladeiro, mas o carro do Finn afundou do outro lado. Caiu pelas pedras e foi parar na água.

*Não, isso não aconteceu.*

Não pode ter acontecido.

— Não — digo claramente, olhando para meu pai, que está impressionado. — Ele estava usando a medalha. Estava protegido.

Meu pai, o homem mais forte que conheço, dá meia-volta e seus ombros tremem. Depois de alguns minutos, se vira outra vez.

— Eu quero ver — digo em voz vazia. — Se for verdade, eu preciso ver.

Porque ele morreu antes nos meus sonhos, e depois estava vivo. Eu nunca sei nunca sei eu nunca sei quando estou louca.

Meu pai já está segurando o meu braço e negando com a cabeça.

— Não. Sua mãe está a caminho do hospital. Nós precisamos ir. Você não pode ver Finn daquele jeito, meu amor. Não.

— Sim.

Não espero ouvi-lo concordar, mas apenas saio correndo pela casa, desço a escada, sigo a trilha rumo à praia. Ouço Dare me seguindo, mas não paro. Vejo um bombeiro e a polícia e fitas de isolamento e paramédicos reunidos, e um deles tenta me conter.

— Não, senhorita — alerta com a voz séria e o rosto abismado. — Você não pode se aproximar.

Mas eu puxo o braço e o forço a me soltar, porque vejo Finn.

Vejo o carro vermelho e amassado que eles já tiraram da água.

Vejo alguém deitado na areia, alguém coberto com um tecido.

Ando calmamente na direção desse alguém porque, muito embora seja o carro de Finn, não pode ser Finn ali. Não pode porque ele é meu irmão gêmeo e porque eu não senti isso acontecendo. Eu saberia, não saberia?

Dare me chama e sua voz atravessa a espessa névoa, mas não respondo.

Dou um passo.

Depois mais um.

Depois mais um.

E então estou ajoelhada na areia, ao lado de um tecido.

Meus dedos tremem.

Meu coração vacila.

E eu puxo o tecido.

Ele está usando calça jeans e camisa, vestido para um show. Pálido, magro, comprido. Frágil, frio, morto.

*Finn.*

Não consigo respirar enquanto seguro sua mão úmida, enquanto curvo o corpo sobre ele e choro e tento respirar e tento falar.

Finn não parece ter sofrido um acidente. Há um ferimento em sua testa e nada mais. Ele só está muito branco, muito, muito branco.

— Por favor — imploro. — Não. Hoje não. Não.

Estou me embalando e sinto mãos me tocarem, mas as afasto, porque aqui está Finn. E nós somos Calla e Finn. Ele é parte de mim e eu sou parte dele e isso não pode estar acontecendo.

Choro a ponto de sentir o peito doer, a ponto de minha garganta parecer estar em carne viva e ficar difícil respirar.

— Eu te amo — digo a ele quando consigo respirar outra vez. — Desculpa por eu não estar com você. Desculpa por eu não poder ter salvado você. Desculpa. Desculpa, mesmo.

Ainda estou chorando quando mãos enormes tocam meus ombros e me levantam, e então me vejo sendo segurada por braços fortes.

— *Shh*, Calla — meu pai murmura. — Vai ficar tudo bem. Ele sabia que você o amava.

— Sabia? — pergunto com dureza, me afastando para olhar para meu pai. — Porque ele queria que eu fosse com ele, e eu o fiz ir sozinho. E agora ele está morto. Eu telefonei para a minha mãe e agora os dois estão mortos.

Meu pai me puxa outra vez em um abraço e dá tapinhas nas minhas costas, demonstrando uma doçura que eu não sabia que guardava.

— Não é culpa sua — diz em meio ao pranto. — Ele sabia que você o amava, meu amor. Todo mundo sabia.

Engulo mais um soluço.

Isso não pode estar acontecendo.

Isso não pode estar acontecendo.

Esta não é a minha vida.

Eu me afasto dos braços de meu pai e, com o corpo endurecido, subo a trilha, passando pelos paramédicos, pela polícia, por todo mundo que me observa. Vou direto para o quarto de Finn e entro em colapso em sua cama.

De canto de olho, vejo seu diário.

Eu o pego e leio a caligrafia tão familiar escrita pelas mãos que tanto amo.

*Serva me, serva bo te.*

*Me salve e eu vou te salvar.*

Combinado.

Combinado, Finn.

Fecho os olhos porque, quando acordar amanhã, vou descobrir que tudo foi um sonho. Tudo foi um pesadelo. Só pode ser.

O sono logo chega e, quando eu acordar, vou salvar Finn.

Porque, de verdade, é só isso que importa.

Se ele estiver morto, eu quero estar morta.

Finn não pode estar morto.

Dou qualquer coisa por ele.

Eu daria minha vida.

Durmo segurando os lençóis como se fossem uma corda.

Eu sonho.

Sonho com Sabine e sua voz rouca, com as palavras que ela falou.

— Você tem que escolher — ela disse, e repete agora em meu sonho e não sei o que ela quer que eu faça.

Então, lanço justamente essa pergunta.

— Você sabe — ela responde, assentindo.

*Mas eu não sei.*

Ela assente outra vez, e só sei que, se eu puder escolher qualquercoisaqualquercoisaqualquercoisa no mundo, seria meu irmão estar comigo, estar vivo. Eu daria qualquer coisa por isso.

Sabine assente outra vez, e a luz entra pela minha janela, e bate nos meus olhos enquanto eu os abro.

Fico bem por um minuto, até lembrar.

*Finn.*

Fecho os olhos outra vez e o peso enormeenormeenorme pressiona outra vez meus pulmões, e não consigo respirar, e nem quero.

Avanço pelo corredor, até o quarto do meu irmão, e fico em frente à porta.

Olho para a madeira, para suas fibras, para os entalhes, para a maçaneta. Não quero abrir porque sei o que vou encontrar.

Mas tenho que abrir. Tenho que ver.

Estendo a mão e giro a maçaneta.

A porta range ao se abrir, revelando o que meu coração sabia que eu encontraria.

*Um quarto vazio.*

A cama permanece ali, arrumada com perfeição. Os pôsteres de Finn continuam dependurados, do Quid Quo Pro e do The Cure. Seus All Stars pretos seguem posicionados ao lado da porta, como se meu irmão fosse voltar a calçá-los, mas não vai. A roupa para lavar continua no cesto. Os livros, nas prateleiras. Seu travesseiro favorito o aguarda, assim como seus CDs, seu telefone. Tudo isso.

Mesmo assim, ele não vai voltar.

Pego um pé de seus tênis, os tênis malcheirosos de um garoto, e o abraço perto do peito e sinto seu cheiro de garoto e fico entorpecida. Olho para a parede sem ver nada, para os pôsteres sem atentar para os rostos. Sou madeira, sou pedra, sou tijolo. Não sinto. Não sinto. Nada pode me ferir.

Fico assim por um tempo até

Pouco

A

Pouco,

Sons comecem a invadir meu consciente, e ouço barulho de água. Água corrente, e sinto algo como orvalho condensado em minha pele e, por um segundo, fico irritada porque Finn sabe que tem que ligar o exaustor quando toma banho, mas sempre esquece.

*Espere aí.*

Minha cabeça se vira violentamente quando a porta do banheiro do meu irmão se abre e ele passa a cabeça molhada para fora.

— Calla! O que você está fazendo aqui? E por que está segurando o meu tênis?

Eu desmaio.

Ou pelo menos acho que desmaio.

Quando volto a abrir os olhos, Finn está segurando minha mão.

— Você está bem? — pergunta, seus olhos azuis preocupados.

— Estou — consigo dizer quando fica para trás o choque de estar sentada perto do meu irmão morto que agora é meu irmão vivo. — Acho que estou.

Meu irmão está vivo.

Meu irmão está vivo.

Ele está vivo.

Ele está segurando minha mão.

Balanço a cabeça e tento deixar para trás essas bobagens e, de repente, tudo fica claro pela primeira vez em muito tempo. Consigo pensar sem a névoa, sem as vozes.

O que está acontecendo?

As palavras de Sabine voltam a me assombrar *Você tem que escolher, Você tem que escolher.*

Ontem à noite, antes de dormir, escolhi Finn acima de qualquer coisa, acima da minha própria vida.

Eu fiz isso?

Não é possível.

Eu fiz isso?

Finn me observa.

— Por que você não está vestida? A gente precisa se arrumar.

— Para...? — pergunto, com a sobrancelha arqueada.

Ele fica em silêncio e parado, eu lembro do acidente, e um forte agouro me atinge antes de ele responder.

— Para o velório da mãe.

Ah.

Deus.

De algum jeito consigo me arrastar até meu quarto e colocar um vestido preto, e de algum jeito desço a escada com meu irmão e me sento na parte reservada à família na capela, e meu pai segura minha mão.

O caixão é branco e há lírios sobre ele e o tampo está fechado.

Alguém lê um poema, e mais um.

Outra pessoa fala de anjos e do Paraíso.

Meu pai chora em silêncio.

Finn permanece estoico e segurando meu braço.

Estou entorpecida.

Porque pensei que minha mãe estivesse no hospital e Finn, morto.

Mas Finn está aqui e minha mãe está morta.

*Você*

*Tem*

*Que*

*Escolher.*

A realidade não é real.

Como sempre.

Uma música toca enquanto eles levam o caixão, passando pelo longo corredor, como se minha mãe estivesse em um desfile, seu último desfile.

Ficamos parados e as outras pessoas passam por nós, uma a uma a uma.

*Sinto muito por sua perda.*

*O céu ganhou mais um anjo.*

*Se precisarem de alguma coisa, podem ligar.*

Todas palavras são banais, vindas de pessoas que não sabem o que mais dizer.

E aí alguém que eu não tinha visto para na minha frente. Seus olhos são escuros, seu cabelo é escuro, seu corpo é esguio. Usa terno preto, como todos eles, mas também está com um anel de prata.

— Eu sinto muito — ele me diz, e tem sotaque inglês.

Tenho a mais estranha das sensações na base do estômago quando ele aperta minha mão, quando ele me toca e há eletricidade, mas tento ignorar porque não o conheço e ele não importa. Só Finn importa. E o luto pela minha pobre mãe.

O estranho passa pela fila e eu me viro para o próximo visitante, e o próximo, e o próximo e o próximo e o próximo.

É um dia exaustivo.

É um dia infinito.

Encosto a cabeça na janela do carro enquanto voltamos do cemitério para casa. Somos cercados por todo tipo de coisa verde e viva, por pinheiros e samambaias e a luxuriante floresta. O verde vibrante se estende pelos vastos gramados, pelos jardins floridos, e vai até as colinas, onde finalmente termina de forma abrupta, se transformando nos tons avermelhados da terra.

Na verdade, acho esse um ótimo simbolismo. Verde significa vida e vermelho significa perigo. Vermelha é a borda do penhasco, as luzes de aviso, o sangue derramado. Mas verde... verdes são as árvores e as maçãs e os trevos.

— Como se diz verde em latim? — pergunto distraída a Finn.

— Viridem — ele responde.

E é então que uma ideia me ocorre de forma repentina.

— O que significa Quid Pro Quo?

Finn me encara.

— Significa *alguma coisa por alguma coisa*. Por quê?

— Por nada — respondo, mas meu coração está acelerado, acelerado, acelerado. E mais e mais.

*TumTum, TumTum.*

Vou correndo até meu quarto e me jogo na cama sem nem tomar banho.

Sinto uma tonelada de culpa no peito porque só tenho um pensamento, um pensamento que faz meu peito apertar e contrair e se esmagar.

Eu amo a minha mãe,

Eu amo a minha mãe  
Eu amo a minha mãe.  
Mas graças a Deus não foi Finn.  
*Quid pro quo.*

No hospital, espero Finn sair da terapia em grupo, espero-o conversar com outros pacientes que também sofrem de transtorno afetivo sazonal. Porque, por algum motivo, são os pensamentos dele que estão confusos agora, e não os meus.

Não é nada que eu possa explicar.

Não é nada que eu possa entender.

Desde que pensei que ele tivesse morrido, desde o enterro da minha mãe, a mente de Finn vem se deteriorando, ao passo que a minha se fortalece.

Só não sei o motivo disso.

Só sei que sou grata por ele estar vivo. Então, enquanto o espero, porque eu o traria aqui todos os dias pelo resto da minha vida como forma de demonstrar minha gratidão por ele estar vivo, leio meu livro, ouço minhas músicas, fecho os olhos.

É assim que ignoro os gritos agudos e estridentes que ecoam pelos corredores. Porque, de verdade, não quero saber o que está levando as pessoas a gritar.

Permaneço alheia em meu mundo de fantasias por sabe Deus quanto tempo, até sentir alguém me encarando.

Quando digo sentir, quero dizer que *literalmente* senti, como se alguém estendesse a mão e tocasse o meu rosto .

Ergo o olhar e respiro fundo quando me deparo com olhos escuros observando os meus, olhos escuros a ponto de serem quase negros, e a energia que emanam é suficiente para me manter congelada onde estou.

Há um garoto preso a esses olhos escuros.

*Um homem.*

Não deve ter mais do que vinte ou vinte e um anos, mas tudo nele grita “homem”. Não há nenhum traço de “garoto” nesse cara. Seu lado adolescente claramente ficou para trás. Vejo em seus olhos, na maneira como se porta, no jeito atento como observa o que há à sua volta antes de me olhar com um foco singular, como se de alguma forma estivéssemos atados por amarras. Ele guarda mil contradições em seu olhar... indiferença, calor, mistério, charme e algo mais que não consigo definir.

É musculoso, alto e usa um moletom preto esfarrapado que estampa, em letras laranja: “Você não entendeu a ironia”. O jeans escuro ostenta um cinto de couro preto, e um anel prateado envolve a base de seu dedo médio.

O cabelo escuro cai no rosto, e uma mão com dedos longos empurra impientemente os fios para trás, tudo isso enquanto seus olhos continuam presos aos meus. O maxilar é forte e masculino, com um leve toque de barba por fazer.



E o olhar continua preso ao meu como se ali houvesse um circuito elétrico ou um relâmpago. Posso sentir a carga correndo pela minha pele como um milhão de dedos minúsculos, fazendo minhas bochechas ficarem vermelhas. Meus pulmões se agitam, eu engulo em seco.

E aí ele sorri para mim.

*Para mim.*

Porque eu não sei nada sobre ele e ele não sabe o que está fazendo.

— Cal? Vamos?

A voz de Finn quebra minha concentração e, com isso, o momento. Olho quase confusa para meu irmão e percebo que ele está me esperando. Uma hora já se passou e eu nem percebi. Me esforço para ficar em pé, me sentindo muito agitada, mas sem saber o motivo.

*Embora eu saiba.*

Enquanto sigo meu caminho com Finn, olho por sobre o ombro.

O estranho bonito com aqueles olhos escuros, tão escuros, desapareceu.

Luto contra a sensação, a estranhíssima sensação, de que já o vi antes. Não pode ser.

Eu não esqueceria alguém como ele.

Mas enfim.

Tem alguma coisa

Alguma coisa

Alguma coisa.



Uma semana depois, levo meu irmão outra vez à terapia em grupo. Quando chegamos, Finn se vira para mim antes de entrar em sua sala.

— Tem *mesmo* um grupo de apoio ao luto aqui. Você deveria dar uma passada por lá.

— Agora você parece o pai falando — respondo, com impaciência. — Não preciso conversar com eles. Eu tenho você. Ninguém compreende como você.

Ele assente, *porque ninguém compreende como ele*. E aí entra na sala de onde tira sua força, cercado por pessoas que sofrem da mesma forma.

Tento não me sentir menor por eles poderem ajudá-lo de maneiras que eu não consigo.

Em vez disso, me ajeito no banco abaixo da imagem do pássaro abstrato. Coloco fones de ouvido e fecho os olhos. Hoje esqueci o meu livro, então me entregar à música vai ter que funcionar.

Eu me concentro nos sentimentos transmitidos pelos acordes em vez de realmente ouvir com atenção. Sinto a vibração, sinto as palavras. Sinto a batida. Sinto as vozes. Sinto a emoção.

As emoções de outra pessoa, e não as minhas, sempre funcionam bem.

Os minutos passam, um após o outro.

E aí, depois de vinte minutos, *ele* se aproxima.

*Ele.*

O estranho bonito com os olhos negros feito a noite.

Eu o sinto se aproximando enquanto meus olhos ainda estão fechados. Não me pergunte como eu sei que é ele, porque eu simplesmente sei. Não me pergunte o que ele está fazendo aqui outra vez, porque não dou a mínima para isso.

A única coisa que importa é que ele *está* aqui.

Minhas pálpebras se abrem e eu o encontro me encarando com olhos tão intensos quanto naquele dia. Ainda tão escuros quanto, ainda tão insondáveis quanto.

Seu olhar encontra o meu, une-se a ele e se prende ali.

Estamos ligados.

Mesmo andando, ele não desvia o olhar.

Está usando o mesmo moletom do outro dia. “Você não entendeu a ironia.” E calça jeans escura, botas pretas, o dedo do meio ainda envolto por um anel prateado. Ele curte rock. Ou é artista. Ou escritor. De certa forma, é desesperado em seu estilo, atemporalmente romântico.

E está a cinco metros de distância.

Quatro.

Três.

Dois.

O canto da boca dele repuxa quando ele passa por mim, enquanto continua com a cabeça de lado, me observando. Seus ombros balançam, seu quadril é estreito. E aí ele vai embora, cada vez se distanciando mais de mim.

Dois metros.

Três.

Quatro.

E desaparece.

Sinto como se perdesse algo porque ele não parou. Porque eu queria que parasse. Porque tem alguma coisa nele que eu quero descobrir.

Há alguma coisa nele que sinto que *já* conheço.

Respiro fundo e fecho os olhos, voltando a ouvir minha música.

O estranho dos cabelos escuros não retorna.



A chuva pode embelezar o Oregon, mas às vezes deixa o estado cinza e triste. O barulho das gotículas tamborilando na janela me faz sentir sono e vontade de vestir um moletom e me deitar com um livro ao lado da janela. À noite, quando o temporal chega, eu sonho. Não sei por quê. Talvez seja a eletricidade dos relâmpagos no ar, talvez o estourar dos trovões, alguma coisa sempre leva minha mente a criar.

Hoje, quando finalmente consigo dormir, sonho com *ele*.

O estranho de olhos escuros.

Ele está sentado perto do mar, a brisa bagunçando seus cabelos. O rapaz ergue a mão para afastar os fios que caem sobre os olhos, o anel prateado brilha contra o sol.

Seus olhos encontram os meus, e a eletricidade, mais forte do que mil relâmpagos somados, nos liga, nos prende um ao outro.

O canto de seus olhos puxa e ele sorri.

Esse sorriso é para mim, é familiar e sexy. Ele estende a mão na minha direção, os dedos atentos e conhecidos, e sabe onde me tocar para fazer minha pele pegar fogo.

Acordo bruscamente, me sentando, agarrando as cobertas junto ao peito.

A luz da lua que recai sobre a cama é azulada, e eu olho para o relógio.

Três da madrugada.

*Não passou de um sonho.*

Eu me deito outra vez, pensando no homem desconhecido, e me condeno por ser tão idiota. É um estranho, pelo amor de Deus. É ridículo ficar tão obcecada por ele.

Mas isso não me impede de sonhar outra vez. Em meus sonhos, o rapaz faz as coisas mais diversas. Navega, nada, toma café. O anel de prata brilha ao sol toda vez, o olhar escuro me perfura até a alma, como se ele me conhecesse. *Como se soubesse tudo a meu respeito.* Toda vez, acordo sem ar.

É meio enervante.

E um pouco estimulante.

Depois de duas noites assim, de sono agitado, chuva e sonhos esquisitos, Finn e eu estamos ajoelhados em frente a uma caixa de plástico, separando as coisas que guardo no armário. Pilhas de roupas dobradas se espalham à nossa volta como montanhas no chão. A chuva bate na janela, o céu matinal está escuro e cinza.

Seguro um suéter branco.

— Acho que não vou precisar de muitos desses na Califórnia, vou?

Finn nega com a cabeça.

— Duvido. Mas leve alguns, só para garantir.

Eu o jogo na pilha de itens para manter. Enquanto faço isso, percebo que os dedos de Finn estão trêmulos.

— Por que as suas mãos estão tremendo? — Eu o encaro.

Ele dá de ombros.

— Não sei.

Olho para ele, desconfiada, tão acostumada a observar em busca de algum sinal de problema.

— Tem certeza?

Ele confirma com a cabeça.

— Positivo.

Deixo para lá, muito embora ainda me sinta incomodada. Se eu não proteger Finn das aflições, ele pode acabar tendo um ataque. É claro que não pude protegê-lo da perda da nossa mãe, mas faço meu melhor para preservá-lo de todo o resto. É um fardo pesado, mas, se Finn é capaz de carregar sua cruz, então eu certamente consigo carregar a minha. Desdobro outro suéter e o jogo na pilha de doações para a caridade.

— Depois de arrumarmos as minhas coisas, temos que ver as suas — comento.

Ele concorda.

— Sim. E aí talvez possamos dar um jeito nas coisas da mãe.

Respiro fundo. Embora não haja nada que eu queira mais, só para conseguir seguir a vida, é impossível.

— O pai nos mataria — respondo, dispensando a ideia.

— Verdade — Finn concorda, passando uma camiseta de manga comprida para eu colocar na pilha de itens para guardar. — Mas talvez ele precise de um estímulo. Dois meses já se passaram. Nossa mãe não precisa mais que os sapatos fiquem perto da porta dos fundos.

Ele está certo. Ela não precisa disso. Assim como não precisa de sua maquiagem disposta da forma como a deixou na pia do banheiro ou de seu último livro virado de modo a marcar a página ao lado de sua cadeira de leitura. Ela nunca vai terminar aquela leitura. Porém, para ser justa com meu pai, acho que também ainda não sou capaz de me livrar das coisas dela.

— De qualquer forma — respondo —, é ele quem tem que decidir quando for a hora. Não a gente. A gente vai se mudar. É ele quem vai ficar aqui com as lembranças. Não a gente.

— É isso que me preocupa — Finn confessa. — Ele vai ficar aqui, sozinho, nesta casa enorme. Bem, não sozinho. Cercado por corpos de mortos e pelas memórias da nossa mãe. O que é ainda pior.

Ciente do quanto detesto ficar sozinha e de como detesto, em especial, ficar sozinha nesta casa enorme, estremeço.

— Talvez seja por isso que ele quer alugar a coqueira — arrisco. — Para não ficar tão sozinho aqui.

— Pode ser.

Finn estende a mão e liga a música. Deixo o baixo pulsante preencher o silêncio enquanto separamos minhas roupas. Em geral, nosso silêncio é agradável e não precisamos preenchê-lo. Mas hoje me sinto agitada. Tensa. Ansiosa.

— Você vem escrevendo nos últimos tempos? — pergunto, para tentar falar de amenidades.

Finn está sempre escrevendo em seu diário. E, embora tenha sido eu quem lhe deu aquele caderno de presente de Natal alguns anos atrás, ele não me deixa ler. Desde que me mostrou uma vez e eu surtei.

— Claro.

*Claro.* É basicamente isso que ele faz. Poemas, latim, bobagens... o que você quiser ele escreve.

— Posso ler alguma coisa?

— Não.

A resposta é firme e decidida.

— Tudo bem.

Quando ele fala com esse tom de voz, não retruco. Porque, francamente, fico nervosa só de imaginar o que tem ali dentro. Ele faz uma pausa e se vira para mim.

— Acho que nunca agradeci por você não ter contado para os nossos pais. Quero dizer, quando leu da última vez. É apenas a minha válvula de escape, Cal. Não significa nada.

Seus olhos azuis me perfuram, alcançando direto a alma. Porque eu sei que certamente *devia* ter contado. E provavelmente teria contado se minha mãe não tivesse morrido. Porém, não fiz isso, e mesmo assim está tudo bem.

*Bem.* Se eu pensar com determinação nessa palavra, ela vai se tornar realidade.

— Sem problemas — digo, com delicadeza, tentando não pensar nas palavras sem nexos que li, nas palavras assustadoras, nos pensamentos assustadores anotados e rabiscados e escritos outra vez. E outra vez, e mais uma. Mas, de tudo aquilo, uma coisa se destacou como a mais problemática. Uma frase. Não eram os rascunhos de pessoas com seus olhos e rostos e bocas riscados, não eram os poemas peculiares e obscuros, mas uma frase.

*Me tire do meu tormento.*

Escrita várias vezes, preenchendo duas páginas inteiras. Desde então, observo Finn como se eu fosse um falcão. Agora ele sorri, me incentivando a esquecer aquilo, como se o diário fosse apenas sua válvula de escape. Agora ele está bem. *Ele está bem.* Se eu tivesse um diário, escreveria a *mesma coisa* várias e várias vezes, para se tornar realidade.

— Ei, eu vou ao Grupo outra vez hoje. Quer me levar? Se não quiser, posso ir sozinho.

As palavras me assustam. Finn costuma ir duas vezes por semana. Será que aconteceu alguma coisa e eu não percebi? Ele está pior? Está perdendo o equilíbrio? Me esforço para manter a voz tranquila:

— Outra vez? Por quê?

Ele dá de ombros, como se não fosse grande coisa, mas suas mãos continuam trêmulas.

— Não sei. Acho que são todas essas mudanças. Essa situação me deixa inquieto.

E trêmulo? Mas não lanço essa pergunta. Em vez disso, apenas mostro que entendi, como se não estivesse surtando.

— É claro que eu vou com você.

É claro, porque ele precisa de mim.

Uma hora depois, atravessamos os corredores preenchidos pelas fotos da minha mãe, passamos pelo quarto repleto de suas roupas e estamos a caminho da cidade no carro que ela nos deu. Nitidamente evitamos olhar para o lugar onde ela sofreu o acidente e caiu da montanha. Não precisamos vê-lo outra vez.

Nossa mãe ainda está à nossa volta. Em todos os lugares. E, mesmo assim, em lugar nenhum. Em lugar nenhum.

É o suficiente para levar a pessoa mais sã do mundo à loucura. Não é de surpreender que Finn queira fazer uma sessão extra de terapia.

Eu o deixo na frente da sala do Grupo e observo enquanto ele entra.

Hoje, levo meu livro à cantina, porque decido tomar uma xícara de café. Como passei a vida toda em Astoria, já estou acostumada a esta chuva que me deixa sonolenta. Por outro lado, também aprendi que a cafeína é um Band-Aid eficaz.

Pego minha xícara e procuro uma mesa nos fundos. Solto o corpo em um banco estofado, preparada para enterrar a cara no livro. Estou começando a abrir as páginas quando o sinto.

Eu o *sinto*.

Outra vez.

Antes mesmo de levantar o olhar, sei que é *ele*. Reconheço a sensação no ar, essa energia palpável. Senti a mesma coisa nos sonhos, essa energia palpável. Que merda é essa? Por que eu o encontro o tempo todo?

Quando ergo o olhar, descubro que ele também me viu.

Seus olhos estão congelados em mim enquanto ele espera na fila; olhos tão escuros, tão insondáveis. Essa energia entre nós... Não sei o que é. Atração? Química? Só sei que me deixa sem ar e acelera meu coração. O fato de ele invadir meus sonhos me faz desejar ainda mais essa sensação. E me arrasta para fora da minha realidade, em direção a uma coisa nova e estimulante, em direção a algo que traz esperança e vida.

Observo enquanto ele paga o café e o pão doce e cada um de seus passos o guia em direção ao meu assento. Há dez outras mesas, todas vazias, mas ele escolhe justamente a minha.

As botas pretas param ao meu lado e eu corro o olhar pela calça jeans, pelo quadril, até chegar ao rosto assustadoramente bonito. Ele ainda não fez a barba, então os fios estão mais acentuados hoje. Fazendo-o parecer mais maduro, mais masculino mesmo. Como se ele precisasse dessa ajuda.

É impossível não notar a forma como a camisa azul abraça seu peito rígido, como a cintura se estreita antes de ser coberta pela calça, a aparência definida, ágil e forte. Droga. Forço os olhos a encontrarem os dele. Encontro diversão quando chego ali.

— Tem alguém sentado aqui?

*Meu Deus*. Ele tem sotaque britânico. Não existe nada mais sexy no mundo, e o sotaque me faz perdoar a cantada já tão batida. Com o coração acelerado, sorrio para ele.

— Não.

Ele não se mexe.

— Posso me sentar, então? Eu divido o meu café da manhã com você.

E aponta discretamente o pão coberto com açúcar e noz-pecã.

— Sem problemas — respondo casualmente, escondendo o fato de que meu coração está acelerado a ponto de explodir. — Mas vou rejeitar o café da manhã. Sou alérgica a castanhas.

— Sobra mais para mim, então.

Ele sorri enquanto se senta à minha frente, sempre tão casual, como se se sentar com garotas desconhecidas no hospital fosse um hábito. Só consigo atentar para o fato de que seus olhos são quase negros de tão escuros.

— Você vem sempre aqui? — ele solta, enquanto se ajeita no assento estofado.

Só consigo rir, porque agora ele resolveu recorrer a toda a lista de cantadas clichês, e todas soam incríveis saindo de seus lábios britânicos.

— Com frequência. — E confirmo com a cabeça. — E você?

— É o melhor café da região — responde, se é que *isso* é uma resposta. — Mas não vamos contar para ninguém, senão eles vão começar a dar nomes impronunciáveis aos cafés e as filas vão ficar insuportáveis.

Concordo com a cabeça e não consigo conter um sorriso.

— Tudo bem. Vai ser um segredo nosso.

Ele me observa com seus olhos escuros reluzentes.

— Ótimo. Eu gosto de segredos. Todo mundo tem um.

Quase fico sem ar, pois há algo abertamente fascinante nele. A forma como pronuncia tudo, a maneira como seus olhos brilham, seu jeito que parece tão familiar porque ele esteve na intimidade dos meus sonhos.

— Quais são os seus? — pergunto, sem pensar. — Quero dizer, os seus segredos.

Ele sorri.

— Você quer *mesmo* saber?

*Sim.*

— Meu nome é Calla — digo, rapidamente. O que o faz rir.

— Calla em inglês quer dizer copo-de-leite. Aquele lírio que as pessoas usam nos funerais.

— Exatamente — suspiro. — E eu moro em uma funerária. Está vendo? Eu entendi a ironia.

Ele parece confuso por um instante antes de compreender o que eu quis dizer.

— Você reparou no moletom que eu estava usando ontem — aponta, com a voz suave, o braço estendido para trás.

E parece nem ter se dado conta de que acabei de admitir que moro em uma casa com mortos. Em geral as pessoas se calam quando descobrem, pois na mesma hora acreditam que sou esquisita ou mórbida. Mas com ele não é assim.

Mexo levemente a cabeça.

— Não sei por quê. Só me chamou a atenção.

*Porque você me chamou a atenção.*

O canto de sua boca repuxa como se ele fosse sorrir, mas não sorri.

— Meu nome é Adair DuBray — ele se apresenta, como se estivesse me dando um presente ou uma honra. — Mas todo mundo me chama de Dare.

*Dare...* Desafio. Nunca vi um nome tão adequado. Tão francês, tão sofisticado, embora o sotaque seja britânico. Ele é um enigma. Um enigma cujos olhos cintilam como se estivessem constantemente dizendo “me desafie”. Engulo em seco.

— É um prazer conhecer você — digo, e é verdade. Seu nome desliza pela minha língua como se eu já o tivesse pronunciado mil vezes antes. — Por que está aqui no hospital? Certamente não veio só para tomar um café.

— Sabe de qual jogo eu gosto? — Dare pergunta, mudando completamente de assunto.

Sinto minha boca se abrindo um pouco, mas consigo responder:

— Não. Qual?

— Vinte perguntas. Assim, eu sei que no final do jogo não vai ter outras. Outras perguntas, quero dizer.

Só consigo sorrir, muito embora sua resposta devesse me irritar.

— Então você não gosta de falar de si mesmo.

Ele também sorri.

— É o assunto de que eu menos gosto.

*Mas deve ser um assunto tão interessante.*

— Então você está me dizendo que eu posso te fazer vinte, e apenas vinte perguntas?

Dare confirma com a cabeça.

— Você entendeu direitinho.

— Tudo bem. Vou usar minha primeira pergunta para descobrir o que você está fazendo aqui.

Ergo o queixo e olho em seus olhos.

Sua boca repuxa outra vez.

— Provavelmente a mesma coisa que você. Não é isso que as pessoas normais costumam fazer em hospitais?

Fico vermelha. Não consigo evitar. É óbvio. E é óbvio que eu tenho chance com ele. Esse cara poderia me devorar no café da manhã se quisesse, e, a julgar pelo brilho em seus olhos, não sei se não está a fim.

Tomo um gole de café, sendo cuidadosa para não derrubar na blusa. Com um coração tão acelerado como o meu está, tudo é possível.

— E você? Por que *está* aqui? — Dare quer saber.

— Essa é a sua primeira pergunta? Porque parece justo a gente se alternar.

O sorriso dele se torna mais acentuado, o de alguém que está realmente se divertindo.

— Claro. Vou usar uma das minhas perguntas.

— Vim trazer o meu irmão. Ele está aqui para fazer... terapia em grupo.

De repente me sinto estranha por falar isso em voz alta, porque, de alguma forma, faz meu irmão parecer *menor*. E ele não é. É *maior*. Melhor do que a maioria das pessoas, mais doce, com o coração mais puro. Mas um desconhecido não tem como saber disso. Um desconhecido simplesmente rotularia meu irmão como *louco* e assim seria. Enfrento a necessidade de explicar e, sabe-se lá como, consigo me conter. Não é da conta de um estranho.

Mas Dare não questiona. Apenas assente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

E toma um gole de café.

— Deve ser o *kismet*. Quero dizer, você e eu estarmos aqui ao mesmo tempo.

— *Kismet*? — Arqueio uma sobrancelha.

— Destino, Calla — ele explica.

Reviro os olhos.

— Eu sei que *kismet* é destino. Posso ter estudado em escola pública, mas não sou nenhuma idiota.

Ele abre um sorriso tão branco e charmoso que quase molha a minha calcinha.

— Bom saber. Então você é universitária, Calla?

*Não quero falar disso. Quero falar sobre o que o leva a pensar que este é um caso de kismet.* Mas confirmo com a cabeça.

— Sim. Vou me mudar para Berkeley no outono.

— Boa escolha. — E toma mais um gole da bebida. — Mas talvez o *kismet* tenha entendido tudo errado, então. Quero dizer, se você vai se mudar e tal. Porque parece que eu vou passar um tempo aqui. Quero dizer, depois que eu encontrar um apartamento. É difícil encontrar um apartamento bom por aqui.

Ele é tão confiante, tão direto. Nem parece que é um completo desconhecido me dizendo essas coisas do nada, de modo tão aleatório. Na verdade, sinto como se já o conhecesse.

Eu o encaro.

— Um apartamento?

Ele também me encara.

— Isso. Aquela coisa que você aluga, que tem banheiro e um quarto, sabe?

Fico vermelha.

— Já entendi. É que talvez seja mesmo o *kismet*. Acho que sei de alguma coisa para você. Quero dizer, o meu pai vai alugar a cocheira da nossa casa, eu acho.

Se eu não posso morar naquele anexo, ele sem dúvida deveria ficar com alguém como Dare. Só de pensar, já sinto meu coração ter um espasmo.

— Humm. Isso é *mesmo* interessante — ele comenta. — Parece que o *kismet* prevalece. E uma cocheira ao lado de uma funerária. É preciso ter colhões de aço para morar num lugar assim.

Rapidamente puxo uma folha de papel e anoto o celular do meu pai.

— É. Se estiver interessado... digo, se tiver colhões de aço, pode ligar e conversar com ele.

Empurro o papel sobre a mesa, olhando Dare nos olhos, encarando-o em desafio. Esse cara não deve ter ideia de como estou tentando fazer meu coração diminuir o ritmo para não explodir. Ou talvez tenha, porque um sorriso se forma lenta e intencionalmente em seus lábios.

— Ah, eu tenho colhões — ele confirma, os olhos brilhando outra vez.

*Me desafie.*

Engulo em seco.

— Estou pronta para fazer minha segunda pergunta — digo.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Já? É sobre as minhas bolas?

Fico vermelha e nego com a cabeça.

— O que você quis dizer naquela hora? — indago lentamente, sem baixar o olhar. — Por que você acha que isto aqui é o *kismet*?

Seus olhos repuxam um pouquinho e ele volta a sorrir. E, mais uma vez, é o sorriso de quem está mesmo se divertindo. Um sorriso de verdade, não aqueles falsos que estou acostumada a ver em casa.

— É o *kismet* porque você parece alguém que eu gostaria de conhecer. Não é estranho?

*Não, porque eu também quero conhecer você.*

— Talvez — digo, em vez de revelar meu pensamento. — É estranho eu sentir que, de alguma forma, já te conheço?

Porque eu sinto. Existe alguma coisa familiar em seus olhos tão escuros, tão insondáveis. Também, há dias sonho com eles.

Dare arqueia a sobrancelha.

— Talvez eu tenha um rosto comum.

Seguro a risada. *Não mesmo.*

Ele me encara.

— De qualquer forma, o *kismet* sempre prevalece.

Balanço a cabeça e sorrio. Um sorriso *de verdade*.



— Só o tempo vai dizer.

Dare toma o último gole de café, seu olhar ainda congelado junto ao meu, antes de colocar o copo na mesa e se levantar.

— Bem, então me diga o que o tempo disser.

E sai andando.

Fico tão impressionada com sua partida abrupta que preciso de um segundo para me dar conta de uma coisa, porque *o kismet sempre prevalece e eu sou alguém que ele gostaria de conhecer*.

Dare levou o número de telefone do meu pai.

O tempo gira e roda e vaga ao passar.

É tênue, é agudo, é complexo.

Adair DuBray de fato aluga a cocheira, e se mostra ardiloso e misterioso e a cada dia quero conhecê-lo mais.

A cada dia, sinto como se já o conhecesse.

Toda noite sonho com ele, e me vejo cada vez mais próxima dele.

Um mês se passa e, certa noite, estamos em meu lugar favorito, perto das piscinas naturais, olhando para as estrelas.

Dare aponta para cima.

— Ali está o cinturão de Órion. E bem ali... ali é Andrômeda. Acho que não dá para ver Perseu hoje. — Ele faz uma pausa e me encara. — Você conhece os mitos?

Sua voz é calma e tranquilizadora, e, enquanto a ouço, deixo minha mente se distanciar dos problemas e seguir em direção a ele, em direção a seus olhos escuros e lábios cheios e mãos longas.

Concordo com a cabeça, lembrando o que aprendi sobre Andrômeda nas aulas de astronomia do ano passado.

— Sim. A mãe da Andrômeda insultou Poseidon e foi condenada à morte por um monstro do mar, mas Perseu a salvou e depois se casou com ela.

Ele assente, satisfeito com minha resposta.

— Sim, e agora eles estão no céu para lembrar aos jovens amantes do mundo inteiro os méritos do amor eterno.

Só consigo bufar.

— Isso. E aí fizeram um filme supercafona para eles, um filme que destruiu várias histórias da mitologia grega em uma só tacada.

Os lábios de Dare repuxam.

— Talvez. Mas quem sabe a gente possa ignorar isso e se concentrar na mensagem subliminar do amor imortal.

Sua expressão é curiosa, e não sei se ele está falando sério ou só tentando ser irônico. Talvez *eu não tenha entendido a ironia*.

— Isso é bobagem, sabe? — digo, metaforicamente jogando o dado. — Quero dizer, amor imortal. Nada é imortal. As pessoas se amam e depois deixam de se amar, ou então a química entre elas morre ou até elas mesmas morrem. Independentemente da sua forma de ver as coisas, o amor sempre morre em algum momento.

*Eu que o diga. Sou a “menina da funerária”. Vejo isso acontecer o tempo todo.*

Dare me encara, incrédulo.

— Se você acredita mesmo nisso, então acredita que a morte, ou mesmo as circunstâncias, nos controlam. Que deprimente, Calla. Nós nos controlamos.

Ele parece realmente incomodado. Eu o encaro, nervosa por tê-lo desapontado e, ao mesmo tempo, sentindo que estou certa.

Sou *eu* quem vive cercada por isso o tempo todo, afinal... Pela morte e pelas circunstâncias ruins. Sou *eu* quem acabou de perder a mãe, e sei que o mundo continua girando como se nada tivesse acontecido.

— Não acredito que a morte necessariamente nos controle — corrijo, cuidadosa. — Mas é inegável que ela vença no longo prazo. Toda vez. Porque todos morremos, Dare. Então é a morte, e não o amor, que vence.

Ele bufa.

— Diga isso ao Perseu e à Andrômeda. Eles são imortais no céu.

Também bufo em resposta.

— Eles não existem de verdade.

Dare me observa, me incentivando a entender seu ponto de vista. E, de repente, fico confusa quando me dou conta de que começamos falando de amor e agora estamos falando da morte. Fui eu quem levou o assunto para esse lado.

— Desculpe — lamento. — Acho que é parte de morar onde eu moro. A morte está sempre presente.

— A morte é algo grandioso — ele reconhece. — Mas existem coisas maiores. Se não, tudo isto aqui não vale nada. A vida não vale nada. Enfiar a cara no mundo e se arriscar e todas essas coisas que nós fazemos. Tudo é uma enorme bobagem se simplesmente vamos desaparecer no fim.

Dou de ombros e desvio o olhar.

— Desculpe. Só acredito no aqui e no agora. O aqui e o agora são o que a gente conhece e aquilo com que a gente pode contar. E eu não gosto de pensar no fim.

Ainda refletindo, Dare olha outra vez para o céu.

— Você parece bem pessimista hoje, Calla Copo-de-Leite.

Engulo em seco porque de fato falei como uma megera. Como uma pessoa cansada, horrível, amarga.

— A minha mãe faleceu há poucas semanas — explico e sinto as palavras rasparem meu coração. — Ainda é difícil falar sobre o assunto.

Ele para e assente, como se agora tudo fizesse sentido, como se *sentisse muito*, afinal todo mundo sempre sente muito.

— Ah, entendi. Sinto muito. Sei como é. Minha mãe também faleceu.

Nego com a cabeça e desvio o olhar porque meus olhos já estão marejados, e isso é constrangedor. Porque, Deus, será que vou chegar ao ponto em que consigo falar sobre isso sem chorar?

— Tudo bem. Você não sabia — respondo. — E está certo. Eu devo estar cansada. De viver cercada o tempo todo pela morte... Bem, acho que foi isso que me tornou uma pessoa horrível.

Dare me estuda atentamente, a fogueira arroxeadada refletindo em seus olhos escuros e insondáveis.

— Você não é horrível — diz, com sua voz tão linda. — De jeito nenhum.

Suas palavras me fazem perder a linha de raciocínio. Porque o jeito como ele me olha agora... *como se eu fosse linda*, como se ele me conhecesse, quando, na verdade, sou apenas Calla e ele

não me conhece.

— Desculpe. Estou muito emotiva hoje — explico. — Em geral, não costumo ser assim. É só que... tem muita coisa acontecendo.

— Eu percebi — responde, discretamente. — Posso fazer alguma coisa por você?

*Pode me chamar outra vez de Calla Copo-de-Leite. Porque parece íntimo e familiar e me faz sentir bem.* Mas nego com a cabeça enquanto digo:

— Bem que eu queria. Mas não.

Ele sorri.

— Tudo bem. Posso pelo menos te acompanhar até a sua casa?

Meu coração saltita por um segundo, mas a ideia de encarar Finn agora não me parece nada boa. Então, nego outra vez com a cabeça.

— Ainda não estou pronta para ir embora — explico, com pesar.

Porque é verdade.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem. Eu espero.

Meu coração bate forte nos ouvidos e eu finjo que suas palavras não me deram um frio na barriga.

— Você já ouviu o mito de Gêmeos? — ele pergunta. — Castor e Pólux eram gêmeos, e, quando Castor morreu, Pólux ficou tão arrasado que perguntou a Zeus se poderia dividir sua imortalidade com seu irmão. Zeus os transformou em estrelas, e agora eles vivem para sempre como uma constelação. Não dá para vê-las agora, então você vai ter que acreditar em mim.

— Está me dizendo isso porque eu tenho um irmão gêmeo? — indago, com a sobrancelha arqueada.

Dare dá de ombros.

— Na verdade, não. Só de olhar para você e o seu irmão eu já percebi que vocês fazem tudo um pelo outro. Eu não esperaria nada menos do que você se tornar uma estrela por ele.

Dare sorri e eu balanço a cabeça porque ele não tem *a menor ideia* do que eu faria pelo meu irmão, e, para ser sincera, a cada dia que passa eu mesma não tenho ideia do que faria por ele. Posso ter sonhado tudo isso, imaginado tudo, e agora não é relevante.

Nós nos sentamos na areia, tão próximos a ponto de eu conseguir sentir o calor que emana de seu corpo, tão próximos que, sempre que ele se mexe, seu ombro roça no meu. Eu não deveria sentir tanto prazer com isso, com os toques acidentais, com o calor de Dare.

Mas sinto.

Ficamos uma hora sentados assim.

Em silêncio.

Olhando para o mar e o céu e as estrelas.

Ninguém me deixou tão à vontade assim até hoje, com um silêncio que não é constrangedor. Ninguém além de Finn. Até hoje.

— Sabia que a assassina em série italiana Leonarda Cianciulli transformava as vítimas em bolo e oferecia aos convidados? — pergunto distraidamente, ainda olhando para a água.

Dare logo responde:

— Não. Porque é estranho saber disso.

Sinto o riso borbulhar dentro de mim, ameaçando sair.

— Concordo. É verdade.

É uma informação que meu irmão dividiu comigo ontem.

Dare sorri.

— Pode ter certeza de que eu vou usar isso na próxima festa.

Agora não consigo mais segurar o sorriso.

— Tenho certeza de que vai ajudar muito.

Ele ri.

— Bem, sem dúvida é uma boa forma de puxar conversa.

Não me mexo porque quero ficar aqui para sempre, muito embora a umidade da areia já tenha atravessado o jeans e agora meu traseiro esteja molhado.

Porém, mesmo que eu não queira que este momento chegue ao fim, a escuridão agora é tão densa que chega a nos engolir. Está ficando tarde.

Suspiro.

— Preciso voltar.

— Certo — Dare responde, com uma voz baixa que se perde na noite.

Se eu não soubesse o que está acontecendo, pensaria ter percebido um tom de pesar em sua voz. *Talvez ele também queira ficar mais tempo aqui.*

Dare me ajuda a levantar e mantém a mão em meu cotovelo enquanto passamos ao lado da fogueira e pelas piscinas naturais, até chegarmos à trilha. É uma coisa que homens de verdade fazem, guiar a mulher. É um gesto próprio de um cavalheiro e é nobre e deixa meus ovários prestes a explodir, porque é íntimo e familiar e sexy.

Quando chegamos em casa, ele afasta a mão, e eu imediatamente sinto a falta de seu calor.

Dare me olha. Há mil coisas em seu olhar que sou incapaz de definir, mas desejo.

— Boa noite, Calla. Espero que esteja se sentindo melhor.

— Estou, sim — murmuro.

Conforme subo a escada, me dou conta de que realmente me sinto melhor.

Pela primeira vez em seis semanas.

Sonho outra vez com Dare, e ele é tão familiar e caloroso, seus olhos escuros brilham ao se fixar nos meus.

— *Você está muito além do que eu mereço* — ele me diz, e isso me assusta, porque acho que é justamente o oposto.

Digo isso e ele sorri compreensivo, como se eu estivesse errada e em algum momento fosse me dar conta disso. Quando acordo, ainda sinto o calor.

Com o passar das semanas, eu me sinto cada vez melhor, muito embora meu irmão pareça piorar.

A cada dia ele afunda um pouco mais, e eu me vejo mais e mais desamparada porque não sei como abordá-lo.

— Vamos comigo e com Dare ver o *Iredale* — imploro em uma manhã chuvosa.

Meu irmão olha pela janela, enfim desviando os olhos de seu diário.

— Não, obrigado — responde duramente. — Não estou a fim de segurar vela.

— Você não vai segurar vela nenhuma — asseguro, mas ele não ouve, então vou sozinha com Dare.

— O *Iredale* encalhou em 1906 — explico enquanto andamos pela praia, em direção ao lugar onde os destroços se erguem em meio à bruma. São restos desgastados pelos anos, que ao mesmo tempo parecem fantasmagóricos e impressionantes, esqueléticos e excêntricos. — Por sorte, ninguém morreu. Esperaram semanas até o tempo melhorar para poderem levar o navio de volta ao mar, mas ele encalhou de um jeito que tornou essa tarefa impossível. E desde então está aqui.

Agora nos encontramos diante do navio, os mastros e barras saindo da areia e tentando alcançar o céu. Dare estende a mão e a passa por uma das barras, calmo e reverente.

Engulo em seco.

— É um rito de passagem na cidade — conto. — Matar aula e vir aqui com os amigos.

*Apesar de eu nunca ter tido amigos além de Finn.*

— Então você e o Finn vinham muito aqui? — Dare questiona, como se estivesse lendo minha mente, e a pergunta não vem com condescendência, mas com curiosidade.

Confirmo com a cabeça.

— Sim. A gente gosta de passar em algum lugar, pegar um café e sentar aqui. É uma boa maneira de passar o tempo.

— Me mostre, então — Dare diz, baixinho, segurando minha mão e me levando para dentro do casco vazio.

A gente se senta na areia úmida e olha para o cadáver do navio, na direção do oceano, onde as ondas sobem e descem e as gaivotas voam em círculos.

— Deve ter sido bom crescer aqui — Dare divaga enquanto absorve a imagem no horizonte.

Concordo.

— Verdade. Não tenho do que reclamar. Ar fresco, o mar aberto... Só acho que poderia ter sido melhor se eu não morasse em uma funerária.

Dou risada dessa ideia, mas Dare olha duramente para mim.

— Era mesmo complicado? — pergunta, meio preocupado, meio confuso.

Faço uma pausa. Porque, bem, será que era? Era o fato de eu morar em uma funerária que tornava a vida difícil ou era o fato de o meu irmão ser louco e nós dois sermos excluídos?

Dou de ombros.

— Não sei. Acho que era uma combinação de tudo o que rolava.

Dare assente, aceitando as palavras, porque às vezes a vida é assim. Um quebra-cabeça feito com milhões de peças, e, quando uma delas não se encaixa, acaba bagunçando todo o resto.

— Você já chegou a pensar em se mudar? — questiona, depois de alguns minutos. — Digo, especialmente agora, acho que talvez passar um tempo longe da... morte poderia fazer bem.

Engulo em seco porque, obviamente, ao longo dos anos, essa tem sido uma fantasia minha. Viver em outro lugar, longe da funerária. Mas tem toda a questão do Finn e, é claro, eu jamais deixaria este lugar. E agora tem a faculdade e meu irmão querendo ir morar sozinho.

— Vou me mudar para fazer faculdade no outono — lembro, sem dizer mais nada.

— Ah, é verdade — diz, soltando o corpo na areia e se recostando em uma das barras estilhaçadas do navio. — E está animada com a ideia? Quero dizer, depois de tudo o que aconteceu.

*Depois que sua mãe morreu, ele quer dizer.*

— Eu tenho que estar animada — respondo. — A vida não para só porque alguém morreu. Isso é uma coisa que eu aprendi vivendo em uma funerária.

E vendo minha mãe morrer e o mundo continuar girando.

Ele assente outra vez.

— É, acho que é verdade. Mas às vezes a gente gostaria de poder parar a vida. Quero dizer, eu mesmo quis. Não parecia justo a minha mãe ter morrido e todo mundo agir como se nada tivesse mudado. As lojas continuavam com as portas abertas e vendendo coisas triviais, os aviões continuavam voando, os navios ainda navegavam... Era como se eu fosse o único a perceber que o mundo tinha perdido uma pessoa incrível.

Sua vulnerabilidade é aparente e me toca profundamente, em lugares que eu nem sabia que existiam.

Eu me viro para ele, também disposta a dividir algumas coisas. Parece justo. *Você me mostrou o seu, agora eu mostro o meu.*

— Passei um tempo furiosa com pessoas mais velhas — admito timidamente. — Sei que é bobagem, mas, sempre que via uma pessoa idosa por aí com andador e tanque de oxigênio, ficava furiosa pelo fato de a Morte não ter decidido levá-la em vez de levar a minha mãe.

Dare abre um sorriso que ilumina toda a praia.

— Eu entendo a ideia por trás disso — garante. — Não é bobagem. A sua mãe era jovem. Além do mais, dizem que a raiva é um dos estágios do luto.

— Mas ter raiva de pessoas aleatórias, isso não — aponto, com uma risada quase tossida.

Dare também ri, e isso me faz sentir bem; porque ele não está rindo *de mim*, está rindo *comigo*, e existe uma diferença aí.

— Eu me sinto bem — enfim admito, brincando com a areia à minha frente. Dare me encara.

— Acho que você precisa sair mais da montanha — comenta. — É sério. Ficar isolada em uma funerária? Não é saudável, Calla.

De repente, me pego na defensiva.

— Eu não fico isolada — rebato. — Tenho o Finn e o meu pai. E agora você também está lá.

Dare oferece uma piscadela.

— Sim, acho que estou.

— E não estamos na funerária agora — também aponto.

Paramos de falar por um instante e olhamos para o oceano vasto e infinito, porque seu tom acinzentado é inspirador e, ao mesmo tempo, me faz sentir muito pequena.

— Você está certa — Dare admite. — Não estamos. — Então arrasta os dedos pela areia, desenhado uma linha e a entrecortando com outra. — Deveríamos fazer mais isso.

As últimas palavras penetram em mim, me deixando congelada.

*Ele está dizendo o que eu acho que está dizendo?*

— Você quer vir mais vezes à praia? — pergunto, hesitante.

Dare sorri.

— Não, estou dizendo que deveríamos sair mais. Juntos.

*Era isso que eu achava que ele estava dizendo.*

Meu coração acelera e eu aceno com a cabeça.

— Claro. Seria legal. Você se importa se o Finn às vezes for com a gente?

Porque me sinto culpada de deixá-lo para trás toda vez.

Dare assente.

— Claro que não. Quero ficar com você, independentemente de como você quiser que seja.

Dare abre um sorriso para mim, aquele sorriso de “me desafie”, e sei que estou liquidada. Estou me apaixonando por ele, mais e mais a cada dia, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Aliás, não há nada que eu *queira* fazer quanto a isso. Porque a sensação é maravilhosa.

O *Iredale* é só a casca de um navio, então o vento nos chicoteia e Dare empurra o cabelo para fora do rosto. Neste momento, seu anel brilha com a luz abafada do sol. Uma sensação súbita de déjà-vu me oprime, como se eu já tivesse visto esse anel brilhar ao sol antes, enquanto estávamos juntos neste navio.

*Nós estivemos juntos neste exato lugar e ao mesmo tempo.*

*Não é possível*

*Não é possível*

*Mas é.*

*Tem que ser.*

*Porque eu sinto que é.*

É só nisso que consigo pensar enquanto o encaro, enquanto vejo seu anel brilhar com a luz, enquanto observo seu cabelo batendo com o vento.

Dare solta as mãos na lateral do corpo e a sensação desaparece, mas os restos dela ainda perduram como os resquícios de uma memória ou de um sonho.

Olho para ele com incerteza, porque a sensação é muito avassaladora, e porque sei o que ele vai dizer em seguida. Eu sei.

*Está tudo bem?*

Hesitante, espero para ver.

Dare se afasta e me analisa.

— Está tudo bem?

Confirmo com a cabeça, porque, *Deus, é só um déjà-vu, Calla. Acontece.*

Mas pareceu tão real. Balanço a cabeça para tentar me livrar da estranheza. Não posso perder a realidade de vista, não posso ser como Finn. *Meu Deus.*

A mão de Dare se une à minha e, juntos, passamos mais alguns minutos olhando para o mar.

Sua mão é calorosa e forte e eu desfruto da sensação e afasto todos os pensamentos perturbadores porque, francamente, nada mais importa agora.

Desfruto da forma como Dare descansa a mão em minhas costas enquanto andamos pela praia, em direção à moto. E desfruto de poder abraçá-lo no caminho para casa. Desfruto porque tudo isso é maravilhoso. Independentemente do que mais possa estar acontecendo, *isso é incrível.*

Sinto como se estivesse flutuando quando desço da moto e paro diante dele.

Ficamos ali, pois nenhum de nós quer colocar um ponto-final neste dia.

Por fim, Dare abre um sorriso lento, um sorriso de verdade, que repuxa os cantos de seus olhos desafiadores. Ele estende a mão e ajeita um fio de cabelo rebelde atrás da minha orelha, e juro por Deus que tenho que me esforçar para não me entregar àquela mão.

— A gente se vê logo, logo, Calla Copo-de-Leite — promete, com a voz rouca.

Confirmo com a cabeça e o vejo dando meia-volta e se distanciando.

*Deus, ele fica lindo quando está se distanciando.*

E aí subo a escada a caminho do meu quarto.

E, quando me aproximo da janela e avisto Finn, saio correndo para o andar de baixo.

Ele está parado perto das árvores.

E está coberto de sangue.



Em minha cabeça, só consigo ver sangue enquanto corro pela escada e em direção ao meu irmão.  
*O que ele fez?*

Acelero do lado de fora de casa, mas, quando chego aonde Finn estava, ele não está mais lá. Dou uma volta completa, procurando, mas nem sinal dele.

Até avistar, de canto de olho, um lampejar verde, exatamente da cor da blusa do meu irmão.  
*Viridem.*

Ele foi para a praia, então avanço como um foguete, pisoteando e tropeçando nas plantas pelo caminho. Deslizo por pedras, barro e terra, e quando chego lá embaixo encontro Finn.

Simplemente parado na beira da água, esperando minha chegada, como se estivesse ali o tempo todo.

Ele está de pé, as mãos na lateral do corpo, o sangue escorrendo dos cotovelos até as mãos.

— O que foi isso? — grito enquanto avanço em sua direção, antes de agarrar seus braços e examiná-los. — O que você fez?

Os longos cortes se estendem por todo o antebraço, profundos o suficiente para sangrar, talvez profundos o bastante para deixar cicatrizes. Mas não profundos a ponto de requerer uma sutura ou causar danos permanentes.

*Obrigada, Deus.*

Ergo freneticamente o olhar, e Finn me encara com olhos azuis pálidos e assustadoramente calmos.

— Por que você fez isso? — pergunto com a voz trêmula. — Ficou triste porque eu saí com o Dare? Você me disse para sair com ele.

— Não fiz de propósito — ele responde, inerte. — Eu estava na floresta. Os arbustos... — Sua voz falha e ele quer realmente que eu acredite que os arbustos cortaram seus braços.

Eu o encaro, descrente.

— Estou estressado — murmura. — Talvez tenha sido um acidente.

Chego a abrir a boca, mas ele ergue a mão.

— Calla, eu não quero brigar. E não, é claro que não estou triste porque você saiu com o Dare. Eu quero que você saia com ele. Quero que você seja independente. Não consegue ver? *Eu estou tentando te mostrar.*

— Tentando me mostrar o quê?

Seu rosto agora parece pesaroso, mas continua belo e calmo. Ainda é o meu Finn.

— Eu não sei o que você quer — admito com a voz suave. — Não quero sentir culpa quando faço alguma coisa sem você, mas, quando faço, tenho medo você reagir... *assim.*

Propositalmente, evito olhar para seu braço, para o sangue que escorre e respinga na areia, tingindo-a de carmesim.

— O que nós vamos fazer, Finn? — pergunto baixinho. — Precisamos cuidar disso.

Ele oferece um sorriso gracioso, seus dentes perfeitamente brancos e regulares.

— Você diz “nós” como se fosse problema seu, Cal. Acho que é justamente *esse* o problema. Você sempre encarou os meus problemas como se fossem seus. E não são. Nesse sentido, nós somos diferentes. Você é *sã*, Cal. Aja como alguém que tem sanidade. Já está na hora.

Sua voz é firme, vem em um tom assertivo que ele raramente usa ao falar comigo, e isso me deixa em choque, impressionada por ver esse seu lado.

— Não estou entendendo — digo, com calma. — Chegou a hora de quê?

Começo a fazer uma negação com a cabeça porque o desespero incha em meu peito e ameaça me esmagar. Ele ergue uma mão.

— Não vamos brigar — propõe. — Vou limpar esses ferimentos.

E eu o sigo pelo caminho até nossa casa, onde ele limpa os machucados e faz curativos nos braços. Nem sequer estremece quando passo um spray antisséptico, que eu sei que faz queimar. Nem sequer estremece quando digo que ele tem que ser mais cuidadoso. Apenas continua calmo.

E isso é o suficiente para me aterrorizar.

Porque, se tem uma coisa que eu conheço em meu irmão, é que ele nunca fica calmo. Não é típico dele.

Mas hoje é.

Nos ajeitamos no meu quarto para ouvir música, os álbuns antigos que minha mãe adorava... Beatles, The Cure, U2. Começa a chover, e a água desliza como pequenos riachos pelo vidro quando Finn finalmente se vira para mim:

— Eu não fiz de propósito.

— Tudo bem.

— Estou cansado, Cal.

E ele de fato parece muito, muito cansado. Tão pálido, tão magro. Respiro fundo porque é como se meu irmão estivesse se deteriorando bem diante dos meus olhos. Meu pai está tão perdido no luto pela minha mãe que nem percebe o que está acontecendo.

Eu sou a única.

Como sempre.

— Você precisa se alimentar melhor — aconselho.

— Eu sei.

— Vamos dormir um pouco, Finn — sugiro.

Ele concorda com a cabeça e sobe na cama. Eu o cubro com uma colcha antes de me ajeitar ao seu lado. Finn logo está dormindo, e nem se mexe.

Só acordo ao amanhecer, e, quando desperto, Finn não está mais aqui. É a primeira coisa que percebo.

Abro os olhos e minha mão desliza pelo tecido frio e suave do lençol no lado vazio da cama.

A segunda coisa que percebo é a música que vem do piano.

Como sei que não há funeral hoje, essa música é estranha. Minha mãe era a única da família que sabia tocar.

Eu me arrasto para fora da cama e desço a escada, indo na direção da capela, sem saber o que espero encontrar. Mas nada que eu esperasse poderia me preparar para o que é.

Dare está sentado ao piano, o sol entra pelas janelas acima e reflete no seu cabelo escuro como se ele fosse o Escolhido de Deus. Com os olhos fechados, concentrado, ele toca como se a

música fluísse pelo seu corpo feito sangue ou ar, como se precisasse tocar para viver.

Inclino o corpo contra a porta e vejo suas mãos deslizando pelas teclas, extraindo a música delas com toda a graça de um pianista virtuoso. Não reconheço a música, mas é linda e impressionante e triste.

Perfeita para este lugar.

Usando calça jeans escura, uma camisa branca larga e aquele anel de prata da última moda no dedo do meio, Dare também parece perfeito para este lugar.

Porque ele está tocando piano como se deve tocar.

Com reverência.

Aqui, nesta capela, é apenas correto reverenciar o que há à nossa volta, a tranquilidade de um espaço usado para homenagear os mortos.

Fecho os olhos por um instante, sem conseguir evitar o pensamento de como seria se suas mãos venerassem meu corpo da mesma forma como veneram as teclas. Meus sonhos têm sido como preliminares, porque toda noite ele me toca. E toma meu corpo como se fosse seu, e toda noite desfruto dessa sensação. Neste momento, eu me lembro desses sonhos, e minhas bochechas ardem enquanto o imagino deslizando os dedos pelo meu quadril, abdome, parando nos seios. Meus lábios formigam com a vontade de beijá-lo. Minha respiração se torna pesada, minha língua desliza pelos lábios para lambê-los, meu rosto parece ligeiramente febril.

E só então percebo que a música parou.

Abro os olhos e encontro Dare virado para mim, me observando. Em seus olhos há um ar de quem está se divertindo, como se soubesse exatamente com o que estou sonhando acordada.

Se já houve um momento em que desejei que o chão se abrisse e me engolisse, esse momento é agora.

— Oi — ele me cumprimenta. — Espero não ter acordado você. O seu pai disse que eu podia entrar para pegar um pouco de suco de laranja. Vi o piano e, bem... e me intrometi aqui. Desculpa.

Seu sotaque faz tudo ficar bem. E o fato de ele tocar piano. Aliás, essa combinação faz tudo mais do que ficar bem. Ela o transforma no cara mais lindo do mundo.

— Você não está se intrometendo — digo. Ou, se estiver, é um intruso bem-vindo. — E toca maravilhosamente.

Ele dá de ombros.

— Era uma das regras do meu padrasto. Todo mundo na família tinha que aprender a tocar, porque as pessoas refinadas sabem tocar piano.

Dare parece chateado com esse sentimento, então fecha os olhos.

Ergo uma sobrancelha.

— E você é? Digo, refinado?

Dare sorri.

— Receio que eu seja um rebelde.

*Eu não.* Quero dizer, eu não receio.

— Seu pai me pediu para avisar que precisou dar um pulinho na cidade — ele anuncia, enquanto se levanta e se movimenta flexivelmente na minha direção.

Não consigo não estabelecer um paralelo... entre Dare e um gracioso gato selvagem. Corpo longo, ágil, definido, forte. Ele e eu estamos ligados por uma espécie de faixa invisível, e ele arqueia essa faixa enquanto atravessa o corredor da capela, antes de parar como uma pantera diante de mim.

*Eu sou sua presa?*

Meu Deus, espero que sim.

Sob a luz, seus olhos ficam dourados e eu não consigo desviar o olhar.

— Obrigada — digo. — Aposto que o meu irmão foi com ele.

Não comento que meu irmão dormiu na minha cama ontem à noite, porque isso poderia parecer esquisito. Como sempre, tenho que esconder algumas coisas para manter as aparências.

— Não sei se ele foi — Dare responde. — Não vi o Finn hoje.

— Deve ter ido — murmuro.

Aliás, meu pai deve ter levado Finn à terapia. Estou livre para me concentrar no que está diante de mim.

*Dare DuBray.*

Seu sorriso brilha.

— Tenho outra pergunta para você — ele lança, com um ar de presunção se espalhando pelos lábios.

Arqueio uma sobrancelha.

— Mas já? Você fez uma há poucos dias.

Ele dá risada.

— Sim. Mas não aqui. Eu quero perguntar em outro lugar.

Espero.

E espero.

— E seria... onde? — por fim arrisco.

Ele sorri.

— Lá no mar.

Fico paralisada.

— No mar? Tipo, no barco?

Ele assente.

— Pode ser?

*É claro que pode.*

— É só um barquinho simples — aviso. — Nada chique.

— Perfeito — vem a resposta. — Porque eu também não sou nada chique.

*Au contraire.* Mas é claro que não digo isso. E foi bom eu ter dormido de roupa porque assim nós podemos ir logo. Mas é claro que também não digo isso.

Eu me limito a guiá-lo pelo caminho até a praia, sem hesitar por causa da chuva.

— Podemos ir mesmo assim — digo. — É só uma chuvinha, as ondas não estão fortes.

— Não estou preocupado — rebate, sorrindo. — Estou acostumado com a chuva.

— É verdade — respondo enquanto sinalizo para ele subir a bordo. — Eu tinha esquecido.

Dare sobe na pequena embarcação enquanto eu a solto da doca, antes de jogar a corda. Dou um salto para dentro do barco antes que ele saia navegando e pouso sem cerimônia ao lado de Dare.

Ele relaxa enquanto eu manobro pela baía e logo a chuva para de forma tão repentina quanto começou. As nuvens se desfazem, o sol brilha sobre nós e eu ergo o rosto na direção do calor.

Eu vivo por momentos assim, quando meu sofrimento dá um tempo para eu conseguir desfrutar de alguma coisa.

E devo admitir que tenho desfrutado mais e mais de momentos assim desde que Dare chegou à minha montanha.

— Você me faz sentir culpada — confesso, baixinho, abrindo os olhos.

Ele está com o corpo espalhado no chão, as pernas apoiadas em uma cadeira. Olha para mim com o cenho franzido.

— Por que isso, Calla Copo-de-Leite?

Ouvi-lo me chamar assim me faz sorrir.

— Porque você me faz esquecer que eu sou uma pessoa triste — declaro, direta.

A suavidade aparece estampada em seus olhos por um instante antes de eles ficarem outra vez negros como obsidianas.

— Isso não deveria te fazer se sentir culpada — diz. — Aliás, isso *me* deixa feliz. Não gosto da ideia de você ser triste. Venha se sentar aqui comigo.

Dare abre os braços e eu me sento ao lado dele, soltando o corpo em seu peito sólido e contra seu coração palpitante. Seus braços me envolvem, e, pela primeira vez na vida, estou relaxando no abraço de um cara. E não é qualquer um. É Dare DuBray, que acredito que possa ter a garota que ele quiser.

E agora, neste momento, ele me quer.

É incompreensível.

O ar está na temperatura perfeita enquanto navegamos sob o sol, enquanto o calor satura minha blusa e banha minha pele. Levo uma mão à lateral, deixando-a flutuar na superfície da água enquanto ouço o coração de Dare.

Forte e alto contra meu ouvido.

*Tum. Tum. Tum.*

O som rítmico me faz lembrar o dia em que ele estava socando o galpão.

Fico parada, congelada, encosto os dedos no seu peito.

*Que dia foi esse?*

Eu me concentro e me concentro, tentando vencer essa névoa mental para chegar à memória, mas só consigo ter uma imagem de Dare socando o galpão como uma faca, ou uma máquina.

— O que foi? — ele pergunta, olhando na minha direção.

— Eu... — Não sei o que dizer. — Às vezes tenho lembranças que não parecem reais — enfim admito, sem me importar com a impressão que essas palavras possam transmitir a meu respeito.

Ele passa o maior tempo do mundo me encarando, seu olhar tão profundo e penetrante.

— Como você sabe que não são reais? — diz finalmente.

Solto uma risada que me faz soar como uma hiena.

— Porque não podem ser. Se você conseguisse ver as minhas lembranças, saberia por quê.

— Eu estou nas suas lembranças, não estou? — Dare pergunta, cada palavra afiada.

— Sim — respondo. — Em geral, sim.

Ele começa a responder, mas eu o interrompo, porque ele tirou a camisa e sua pele começa a ficar vermelha.

— Você vai ter câncer de pele — alerta, encarando-o.

— Vou nada — ele responde.

Não discuto porque gosto de ver seu peito nu, os músculos saltando em volta dos ombros quando ele se movimenta. Paro no caminho para o leme durante tempo suficiente para correr os dedos pelas letras de sua tatuagem. Abaixo dos meus dedos, sua pele é quente; a fricção faz meus dentes se apertarem.

— Vou mostrar um lugar para você hoje — digo, guiando o barco para fora da baía, em direção a um pequeno cais de pedras mais ao sul na praia.

Só levamos dez minutos para chegar, então faço o barco dar meia-volta para que possamos sair por terra firme.

Estendo a mão para Dare e ele a segura, saindo do barco logo depois de mim. Vamos até a ponta desse pedaço de terra em forma de dedo, até onde estaria sua unha.

Dare se senta e eu me sento ao seu lado, nossos pés unidos nas pedras à nossa frente.

Estamos cercados por nada além de água e ar, totalmente sozinhos aqui, sem ninguém para nos ouvir ou nos espreitar como se fôssemos peixes em um aquário.

A brisa salgada empurra o cabelo de Dare contra o rosto, e eu me viro para ele.

— Estou muito pronta para fazer outra das minhas perguntas — aviso.

Ele sorri.

— Tão rápido assim? Só se passaram alguns dias desde a última.

Ignoro o comentário.

— Por que você é tão cavalheiro?

Ou seja, *por que está tão decidido a manter distância até eu dar um jeito nas merdas que estão acontecendo na minha vida?*

Ele solta o peso do corpo nos braços e cruza os pés na altura do tornozelo.

— Então você notou — diz, sarcástico.

Reviro os olhos.

— É sério. Por que você está tentando me forçar a fazer uma coisa para o meu próprio bem, mesmo que seja uma coisa que eu não quero? Tudo isso porque é um cavalheiro? Talvez todo esse cavalheirismo seja uma coisa superestimada e arcaica.

Ele dá risada, protegendo os olhos do sol com os longos dedos de uma das mãos. Olho para seu anel brilhando com o reflexo da luz.

— Não é, acredite. — A forma como ele diz isso é tão cheia de certeza, tão estranha.

Arqueio uma sobrancelha e ele suspira.

— O meu padrasto, embora fosse refinado e rico, não era um cavalheiro dentro de casa. Desde muito pequeno, eu decidi que seria o oposto dele. Eu costumava ler os diários da minha mãe, porque era tudo o que ainda tinha dela, e ela sempre comentava que queria que eu fosse um cavalheiro quando crescesse. Ela falava do cavalheirismo com uma... reverência tão grande que eu ali já sabia o que queria ser. — Dare faz uma pausa. — Você vai me zoar agora?

Ele me encara, seu maxilar tão esculpido, seus olhos tão cautelosos. Percebo que só quero estender a mão e acariciar seu queixo áspero, a barba por fazer.

— Não — respondo. — De maneira nenhuma. Por que você sentia necessidade de ler os diários da sua mãe?

— Porque ela morreu quando eu era criança.

Deus, ele fez arder aquela parte que tenho escondida dentro de mim, o lado maternal, o lugar que quer protegê-lo de tudo, mesmo que isso signifique protegê-lo de mim mesma.

— O que o seu padrasto fazia?

Minha pergunta é discreta em sua simplicidade, levando Dare a suspirar outra vez.

— Você está mesmo querendo acabar com as suas perguntas hoje.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça, mas não retiro o que disse.

— Meu padrasto, infelizmente, era muito parecido com a sua mãe. Uma pessoa muito calculista e controladora. Tudo tinha que ser exatamente como ele queria, e as pessoas que não agissem segundo as regras eram severamente punidas.

Engulo em seco com a expressão apertada no rosto lindo de Dare.

— Severamente como?

Ele me encara, os olhos negros perfurando minha alma.

— Severamente.

Meu coração dá pontadas com a dor vulnerável em seus olhos. Ele acha que a está escondendo, mas não está.

— Sendo rebelde como é, eu imagino que você tenha recebido muitas punições.

Ele assente e olha para o mar. Seguro sua mão, dando voltas e mais voltas em seu anel.

— E ninguém fazia nada para interferir? Nem a sua avó?

Agora ele me observa arrasado.

— Ela era a mãe do meu padrasto. E claro que não interferia. Nunca gostou de mim. Achava que eu merecia tudo aquilo e ainda mais.

Essa conversa é sombria e ameaçadora e assustadora. Examino seu rosto, as áreas planas e as angulares, e seguro sua mão com mais força.

— Bem, agora que a sua mãe se foi, você está livre da família do seu padrasto. Ainda bem. E aqui, nos Estados Unidos, eles não podem te fazer mal.

Ele suspira e o ar sai entrecortado, seus dedos esguios se entrelaçando aos meus.

— Não podem?

Começo a responder, mas ele me interrompe:

— Você já usou a maioria das suas perguntas, Cal. Acredito que restem só mais duas.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo.

— Tenho mais uma para fazer hoje e então vou guardar a última para depois.

Os nervos fazem meu coração acelerar, a adrenalina correr, correr, correr por minhas veias enquanto o observo, esse Adônis sentado ao meu lado. *Faça isso. Faça.* Tudo nele me toca... sua voz, sua história, essa vulnerabilidade que ele tanto se esforça para esconder. Tudo. Eu o quero. Ele todo.

— Você é tão cavalheiro — começo, antes de perder o controle. — E isso é muito atraente, devo admitir. Você é atraente. E lindo. E eu quero estar perto de você, Dare. Quero mais do que já quis qualquer outra coisa.

Dare engole em seco. Vejo sua garganta se movimentar, vejo-o agarrar a própria perna com aqueles dedos longos.

— E então? — questiona, hesitante. — Qual é a sua pergunta?

Ele engole em seco outra vez.

— Fique comigo — arrisco. — Hoje. Agora. Aqui, onde só estamos nós dois. Por favor.

Dare fecha os olhos, seu rosto banhado pelo sol.

— Isso não foi uma pergunta — declara, com a voz calma.

Mas suas mãos apertam as pernas com tanta força a ponto de os nós dos dedos começarem a se esbranquiçar.

Eu chego mais, mais, mais perto. Até minha coxa estar encostada à dele e eu afastar seus dedos das suas coxas. Me inclinando na direção de nossas mãos dadas, beijo seu pescoço, começando na base, lenta e suavemente subindo em direção à orelha.

— Você vai ficar comigo? *Hoje?* — sussurro em seu ouvido.

Com minhas últimas palavras saindo roucas, solto sua mão e deslizo a minha pela parte interna de sua coxa. Eu o sinto enrijecer sob meus dedos, pulsando contra a calça.

Dare fecha os olhos; eu, os dedos, apertando com mais força.

— Não faça isso — ele sussurra, com a voz rouca e muito sensual.

— Isso não foi uma resposta — digo, acariciando-o por sobre o jeans.

Uma onda de força feminina se espalha por mim, fazendo meu corpo ganhar força, me empurrando para a frente, até meus próprios hormônios explodirem e turvarem meus pensamentos.

— Eu quero você, Dare — digo, acaloradamente, enquanto toda a lógica e a razão me abandonam.

E então eu o beijo, pressionando meu corpo contra o seu, afundando minha língua em sua boca ardente. As mãos de Dare sobem e me levantam, de modo que eu logo estou montada nele, sentindo sua solidez, sua rigidez pressionada entre minhas pernas.

*Ele está duro por minha causa.*

Engulo em seco, absorvendo, sugando seu gemido.

— Você não sabe o que quer — diz, rouco, contra meu pescoço.

— Sei, sim — insisto em voz baixa, me mexendo em seu colo, agarrando meu quadril ao seu, criando uma fricção incrível, maravilhosa. — Eu sempre quis você.

Dare se afasta, suas pálpebras pesadas com o desejo por mim. O calor invade meu corpo, umedece minha calcinha, e eu me agarro a ele.

— Tem certeza?

— Sim. — Minha resposta é direta.

Com um rugido, ele me segura e me leva até a península, a um lugar onde o chão não é duro. Então me deita e fica de joelhos acima de mim, gloriosamente iluminado por trás.

— Eu não devia fazer isso — vacila.

— Você precisa fazer — insisto, agarrando-o e o puxando sobre mim.

Seu peso é delicioso e perfeito e nossos corpos se encaixam, fazendo parecer que somos um só enquanto nos contorcemos, tentando desesperadamente estar mais próximos um do outro.

Sua língua encontra a minha enquanto seus dedos exploram meu corpo, cada centímetro, cada pedacinho escondido. Eu me arqueio contra ele, contra sua mão, e ele encontra o ponto onde mais o desejo.

— Por favor — peço suavemente, a respiração me escapando.

Dare sorri contra meus lábios, ciente do efeito que exerce sobre mim. Ciente e adorando.

Ele se inclina para a frente e descansa a testa contra a minha. Agora estamos tão próximos que posso sentir seu hálito se misturando ao meu enquanto suas mãos fazem mágica. O prazer bate em meu corpo como uma onda acerta a costa, e eu perco toda a capacidade de raciocinar, deixando o instinto assumir o controle.

Puxo, desabotoo e tiro sua calça. De repente ele está nu e na minha mão, longo, espesso e exposto.

Não consigo respirar.

Não consigo pensar.

Só consigo me movimentar.

Deslizo a mão por ele suavemente, gentilmente, depois com mais força e mais força.

Ele faz fricção contra minha pele, seus olhos fechados.

— Esperei tanto por isso — murmura em meu pescoço enquanto esfrega sua rigidez em minhas coxas, mais perto, mais perto. — Esperei tanto.

— Por favor — digo outra vez com a mão envolvendo sua nuca, puxando sua boca para junto da minha, de modo que eu possa saboreá-lo, inalá-lo.

Ele tira meu vestido e me observa enquanto a luz do sol expõe cada centímetro do meu corpo a seus olhos atentos.

— Você é linda — sussurra, seus olhos brilhando ao sol. — É muito mais do que eu mereço.



Sem dizer mais nada, Dare se afasta por um instante. Eu protesto, mas logo ouço o barulho de um embrulho se abrindo. Então ele volta e desliza sua ereção dentro de mim. E não consigo pensar em mais nada.

Movimentos se tornam manchas, manchas viram cores, e eu só consigo sentir.

Suas mãos, sua boca, sua pele. A forma como ele desliza para dentro e para fora, a fricção fazendo ondas de prazer se espalharem por mim, seus dedos me levando ao limite mais rápido.

— Eu... você... *Deus* — consigo dizer, porque as palavras que quero não aparecem.

Dare sorri levemente e desliza outra vez em meu interior, gemendo meu nome.

— Eu quero que você me conheça — diz, sua voz mais parecendo um cantar rouco. — Eu quero que me conheça.

Eu o estou *conhecendo* agora como quero conhecer há semanas. Íntimo e próximo, e não consigo acreditar que isso está finalmente acontecendo. Não consigo acreditar que é tão incrível. Não consigo me concentrar, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar.

A luz, o sol, o mar, o cheiro de Dare, seus dedos, suas mãos.

Agarro suas costas, onde as palavras VIVA LIVRE estão, e nunca me senti mais livre em toda a minha vida.

E então o meu mundo explode em um caleidoscópio de cores e luzes.

Quando me agarro a ele, estou vacilante, e Dare finalmente arqueia o corpo contra o meu, geme e diz meu nome em um sussurro áspero antes de finalmente soltar o corpo contra o meu, a cabeça no meu peito, as lindas mãos me abraçando apertado.

Não consigo sequer responder. Minhas pernas estão trêmulas; minha mente, girando. Mas, enquanto volto a mim, enquanto meus pensamentos se agrupam outra vez de forma lógica, enquanto o sol enorme está estampado no céu, formando tonalidades de laranja e vermelho na água, uma coisa me ocorre. Uma coisa que Dare disse no calor do momento, exatamente as mesmas palavras que já ouvi nos meus sonhos.

*Você está muito além do que eu mereço.*

Meus lábios inchados ficam entreabertos e eu o encaro, o rosto que tanto amo, os lábios que acabaram de pronunciar as palavras do meu sonho.

É impossível.

Ainda assim, não é.

— Você... tem alguma coisa... — Minha voz falha, e ele me lança um olhar questionador enquanto um sorriso brota em seus lábios, consequência de uma coisa linda.

Uma coisa que agora é maculada por feiura.

Por confusão.

— Você disse que eu estou além do que você merece — exponho, com a voz trêmula, sem querer dizer a verdade porque ela soaria como loucura. — Por que falou isso?

Ele dá de ombros.

— Porque você é delicada, sincera e linda. É muito mais do que eu mereço.

— Mas por quê? — insisto, recusando sua resposta. — Deve ter um motivo.

Ele nega com a cabeça, ainda me encarando, ainda confuso.

— Não faz sentido — digo.

— A vida nem sempre faz sentido, Cal.

Agora ele afasta a mão, o calor se esvai e, no mesmo instante, meus dedos esfriam com a brisa.

É sua vez de me examinar, de me estudar.

— Você está se sentindo bem? — pergunta, hesitante. — Você está... Você... Você parece diferente.

Nego com a cabeça.

— Eu continuo a mesma. É que... essas palavras me incomodaram, de certa forma. É como se eu já tivesse ouvido isso antes, *como se você tivesse dito isso antes*.

Se eu não desconfiasse de nada, diria que ele empalideceu. Dare nega lentamente com a cabeça enquanto uma expressão estranhíssima invade seu rosto.

— Você sabe por quê? — Ele fala de um jeito esquisito, com um brilho diferente no olho, os lábios repuxados.

— Não. Você sabe?

Ele lança um olhar cômico para mim.

— Por que eu saberia o que se passa na sua cabeça? — questiona, vagamente, mas seu rosto diz algo distinto conforme surge uma expressão que conta uma história diferente e leva meus nervos ao limite.

— Nossa, que enigmático — murmuro.

Ele faz uma negação com a cabeça.

— Não estou tentando ser. Mas é que... eu pensei que... ah, deixa pra lá. Você já tem coisas suficientes para se preocupar agora. Eu não preciso criar mais uma.

— Todo mundo tem segredos — digo, apática, com o coração trôpego.

Ele assente.

— Sim. Acho que sim.

Meu sangue gela, meu coração está pesado, meu ser é tomado por terror e agouro apesar de há pouco eu estar me sentindo maravilhosa, parte de alguma coisa. Parte de alguma coisa que foi estilhaçada pela expressão dura no rosto de Dare.

— Quais são os seus? — pergunto, calmamente. — Os seus segredos, quero dizer. Quais são, Dare? Você está escondendo alguma coisa e eu sei muito bem disso. Me conte.

Ele parece triste enquanto desvia o olhar, o que me deixa ainda mais aterrorizada. Meu coração bate forte no peito, ecoando nas têmporas.

Ele está escondendo alguma coisa.

— Não posso dizer. Não agora. Não é um bom momento. — Sua voz é solene, inexpressiva.

— E vai haver um bom momento? — questiono.

Ele dá de ombros.

— Não sei. Espero que sim.

Não gosto nada dessa resposta.

— A gente só... eu... eu confiei em você — digo, desanimada. E eu sei que você está guardando um segredo, e sei que esse segredo me afeta. Eu não posso... não posso.

Eu me arrasto pela pedra escorregadia e ando em silêncio, sem dizer mais uma palavra sequer, até o barco. Ultimamente tenho cada vez mais a sensação de que sou eu a louca, de que estou perdendo a cabeça, de que o mundo inteiro é composto de segredos e eu não tenho a menor ideia de como interpretá-los.

Dare me acompanha e segura minha mão para me ajudar a subir no barco.

O silêncio entre nós é pesado, não sei por quê. Não sei por que me sinto diante de um precipício, prestes a cair com qualquer movimento.

Quando já atravessamos metade da baía, Dare se senta com a coluna ereta.

— Vamos à sua enseada — sugere, com a voz leve.

Ele se senta no convés, seu peito nu iluminado pela luz fraca do fim do dia, seus olhos vulneráveis e esperançosos e me tornando incapaz de dizer não.

Sem dizer nada, apenas manobro o barco em direção à enseada e o encosto na areia. Sem saber a razão, não quero ficar aqui. Preciso sair deste lugar. Preciso pensar. Preciso tentar manter a sanidade, porque ela parece estar se esvaindo.

Não sei por quê.

Só sei que... de repente me sinto perdida.

Dare segura minha mão enquanto andamos pela água, rumo à enseada que eu tanto adoro. Sem dizer nada, pego a pequena sacola que guarda o isqueiro e ajeito alguns troncos para fazer uma pequena fogueira.

Com a luz violeta nos envolvendo, sentamo-nos um de frente para o outro perto de uma piscina natural. A lua começa a surgir no horizonte, além da água, e este lugar parece etéreo e tranquilo e infinito.

— Você confia em mim? — Dare pergunta, sério, com seus olhos sempre tão escuros. E ajeita um fio de cabelo atrás da minha orelha. — Quero dizer, confia mesmo?

Fico confusa com isso, com sua incerteza.

Tenho medo do que há escondido por trás de suas palavras.

Estendo a mão e traço o contorno de seu rosto, a fenda de seu queixo, o maxilar forte, a testa.

— Por que não confiaria? — enfim rebato. — Há algum motivo para eu não confiar?

— Isso não é resposta — ele diz.

— Então, sim — me apresso em dizer. — Eu confio em você.

*Não confio?*

Com as mãos apoiadas em meus joelhos, Dare me olha nos olhos.

— E você ainda confiaria em mim se eu dissesse que tenho vontade de contar tudo? Que quero revelar todos os meus segredos, tudo o que você quer saber... mas não posso?

Percebo uma raiva sincera em sua voz, a dor em seu rosto, mas não consigo entender.

— Você é um assassino em série? — arrisco, tentando melhorar o clima, mas não funciona.

Seu rosto não muda.

— Não. Mas existem coisas... que eu queria poder revelar, e não posso.

Abalada pela expressão em seu rosto, solto minhas mãos na lateral do corpo.

— Tipo o quê? — pergunto, friamente. — Me conte agora. Conte *tudo*, Dare.

Ele ignora meu apelo.

— Você parece passar por muitos momentos nos quais acha que não tem lembranças, não é? Lembranças parecem impossíveis?

Confirmo com um gesto, porque, de repente, me pego com muito medo de falar.

— Talvez eu também seja assim — ele supõe baixinho, com a voz rouca e grave. — Talvez eu tenha as mesmas lembranças.

As palavras me atordoam, me deixam congelada, me catapultam deste momento e eu me vejo sentada ao sol.

Dare está ao meu lado e seu lindo rosto parece confuso.

— Há coisas a meu respeito que você desconhece. E, se eu não as contar, se eu não contar agora mesmo para você, coisas terríveis podem acontecer, e eu vou ser o culpado.

— Então conte — sussurro, e as palavras fazem meu coração doer e meu coração faz meu peito doer. — Conte para mim.

Ele estende a mão e seu anel brilha com a luz e a prata toca meu rosto e tudotudotudo gira.

O mundo se inclina e transborda.

Fragmentosfragmentosfragmentos

Peças se juntam e se separam,

Como a minha mente,

Como a de Finn.

Eu o agarro, tentando me recobrar, e tudo o que importa tudo o que importa tudo o que importa é seu calor. Ele me centra, me abraça, me mantém segura.

Meus dedos tocam sua pele, e então lhe dou um beijo.

Seus lábios são calorosos e firmes e há tanta familiaridade aqui... tanto desejo.

Suas mãos deslizam pela minha clavícula, descem pelos meus braços, incendiando minhas terminações nervosas. Elas são como chamas queimando tudo, exceto meu desejo de estar com ele aqui e agora.

— Você acha que não me merece — sussurro contra seu pescoço. — Mas não é verdade. Sou eu que... eu que não mereço *você*.

Eu o beijo outra vez e ele geme em minha boca, o barulho me levando ao limite da loucura porque eu sei que ele também me deseja.

— Você me quer — digo com urgência, puxando-o para perto. — Eu sei que quer.

— Eu sempre quis você — responde, com a voz rouca.

— Agora somos só você e eu. Você e eu. Só isso importa.

*Me faça sentir alguma coisa que não seja dor.*

Eu o beijo outra vez, e suas mãos se espalham pelo meu quadril, se posicionando de modo que eu me ajeite contra sua ereção. Respiro fundo e olho em seus olhos, que guardam mil segredos, mas que eu tanto amo.

*Eu o amo.*

— Independentemente do que acontecer — sussurro.

Ele para de beijar meu pescoço e lança um olhar questionador enquanto ergue a mão para afastar meu cabelo do rosto. A luz reflete em seu anel e me faz congelar.

Porque fragmentos surgem em minha mente. Fragmentos de lembranças. Imagens dessa mesmíssima expressão, de seu anel brilhando à luz da lua enquanto ele me diz alguma coisa. É uma confissão e ele está alarmado, desconcertado, ansioso.

É a noite do acidente. *Antes* do acidente. Vejo seus lábios se movimentando, mas não consigo ouvir as palavras. É como se ele estivesse em um túnel de vento e as palavras se perdessem em meio ao barulho. É como se eu já tivesse visto exatamente essa cena exata antes.

Eu me esforço para ouvir as palavras da minha memória.

— O que foi? — Dare pergunta, baixando a cabeça mais uma vez, deslizando os lábios calorosos pelo meu pescoço.

Exatamente neste momento inoportuno, enquanto o toque de Dare faz minha pele pegar fogo, os fragmentos enfim se unem. As peças do quebra-cabeça se encaixam. *Finalmente.*

A lembrança se forma e eu inalo amedrontada, enquanto me afasto violentamente dele.

— Eu lembro — sussurro. Dare fica paralisado, apreensivo, seus olhos ônix brilhando, suas mãos congeladas em meus braços. — Eu conheço você... há tanto tempo... Você... Você esteve o tempo todo aqui por mim. *Você veio aqui por minha causa.*

Seus olhos se fecham como uma cortina, e eu percebo que estou certa.

Sua respiração é instável, e suas mãos tremem enquanto ele me toca, enquanto se recusa a me deixar, mesmo agora.

— Você ainda tem uma pergunta, Calla — ele me lembra, com a voz melancólica. — Faça sua pergunta.

E, com medo no coração e gelo nas veias, eu a faço.

— Por que você estava lá naquela noite? — enfim pergunto, escolhendo as palavras com cuidado. — Não era para estar, mas estava.

Ele responde com uma de suas perguntas, me encarando com cautela.

— Qual noite, Calla?

Fico sem palavras enquanto o encaro.

— Você sabe qual noite. *Aquela noite.* A noite em que a minha mãe morreu.

Alguma coisa cintila no olhar de Dare, mas ele se recompõe.

— Agora você lembra? Lembra que eu estava ensanguentado?

Já estou negando com a cabeça, lentamente, em choque. Não por não lembrar, mas porque não quero lembrar.

— Havia muito sangue — recordo, pensando em como o líquido vermelho escorria pela têmpora de Dare e respingava em sua camisa. Tingia o tecido de vermelho, se espalhando em uma mancha assustadora no seu peito. — Eu não sabia se o sangue era seu ou... dela.

— Não era de nenhum de nós — ele agora declara, o rosto sério como a própria morte. — Era do Finn.

Mas isso é impossível porque eu só imaginei que Finn morria. Foi minha mãe quem morreu.  
— Você me apoiou — meus lábios tremem. — Quando eu estava caindo. Você me apoiou enquanto eu esperava o... Finn.  
Esperei Finn telefonar.  
E esperei e esperei e esperei.  
As sirenes se lamuriavam naquela noite e eu andava de um lado para o outro.  
Dare assente.  
— Eu sempre apoiei você, Cal.  
— Quando o meu pai chegou e contou... Quando me revelou que tinha acontecido o acidente, todo o resto desapareceu — lembro, olhando para o mar. *Deus, por que o oceano me faz sentir tão pequena?* — Nada mais importava. Nada além dele. Você desapareceu, Dare.  
A verdade é dura.  
A verdade é dolorosa.  
E eu a exponho ali, em carne viva, como um músculo rosado, como sangue.  
Dare fecha os olhos, seus olhos negros e cintilantes.  
— Eu sei — ele confirma, em tom suave. — Você não lembrava de mim. Passou meses sem lembrar.  
Sabemos disso. Nós dois sabemos. É por isso que estamos aqui, parados diante do oceano, tentando recuperar minha memória. Ela está passeando pelo mar há tempo demais, longe de mim, chafurdando.  
Eu a agarro com dedos frenéticos, tentando reaver todas as minhas lembranças. Mas elas são teimosas, as minhas lembranças. Elas não vêm.  
Mas uma ressurgiu.  
Meus olhos queimam enquanto eu os fixo em Dare.  
— Você me confessou uma coisa. Algo que me assustou.  
As pálpebras de Dare estão pesadas, talvez pelo fardo da culpa.  
Ele assente. Um movimento curto, breve.  
— Você lembra o que eu disse?  
Ele fica em silêncio, seu olhar preso ao meu, me queimando.  
Repasso minhas lembranças, rápido, rápido, mais rápido... Mesmo assim, acabo de mãos vazias. Com nada além de um sentimento.  
Medo.  
Dare percebe o medo em meus olhos e desvia o olhar.  
— Eu tentei te contar, Cal — diz, quase implorando. — Você não entendeu.  
Sua voz se desfaz, e meu coração parece deixar de bater.  
— O que eu não entendi? — pergunto, com a voz empolada. *Diga logo.*  
Ele agora ergue a cabeça.  
— Não é difícil entender — declara. — Se você lembrar tudo o que eu contei. Pode tentar? Olho apaticamente para ele.  
— Eu já tentei. Eu... não encontrei nada, Dare.  
Sua cabeça cai um pouquinho, um pouquinho quase imperceptível, mas eu percebo mesmo assim. Dare parece desanimado, decepcionado.  
Ele nega com a cabeça.  
— A informação *está* aí. Confie em si mesma, Calla. Suas lembranças são reais. Finn estava morto, depois não estava mais.  
— Minha mãe morreu no lugar dele. Pensei que eu estivesse louca — sussurro.

Dare suspira, emitindo um ruído instável, desigual. Tenta tocar minha mão, mas eu a puxo. Ele não vai me tocar. Não mais.

— Você não entende — diz, baixinho. — Mas você não está louca.

Eu o encaro.

— Não, eu não entendo.

*E você não tem ideia do que eu sinto.*

— Mas vai entender — responde, incansável. — Juro por Deus que vai.

Um nó se forma na minha garganta enquanto a brisa do mar bagunça meu cabelo. Inspiro profundamente, enchendo os pulmões com o ar puro.

— Você em algum momento me amou? — pergunto enquanto as palavras me afogam, porque, independentemente de tudo, essa informação é a mais importante para mim agora.

A dor se espalha pelo rosto de Dare, uma dor verdadeira, e eu me preparo.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

*Não me machuque.*

— É claro que amei — ele responde, rápida e firmemente. — E ainda amo. Até agora.

Ele me lança um olhar de súplica, e como eu quero acreditar nele. Quero ouvir suas palavras, prendê-las ao meu coração e mantê-las ali, em uma gaiola dourada.

Mas então ele volta a falar.

— Você não está segura, Calla. Precisa vir comigo agora. Tem uma coisa que você precisa saber.

— Já nem sei mais onde é o meu lugar — murmuro, e Dare me abraça.

— O seu lugar é aqui, Calla, comigo — ele garante, seus lábios se movimentando contra meu cabelo. — *Você não me odeia, Calla.* Não pode me odiar. Eu não menti para você. Eu tentei contar.

Sua voz está amedrontada, aterrorizada, e toca um ponto suave em mim, um lugar escondido, o lugar onde protejo meu amor por ele. O lugar onde meu coração estava antes de ser partido.

— Você é meu anticristo pessoal — sussurro contra sua camisa. Suas mãos acariciam freneticamente o meu cabelo, descendo pelas minhas costas e me puxando para junto dele.

— Não sou — responde. — As coisas são complicadas e eu não quero que você pense que eu sou um monstro. Falhei com você, mas vou corrigir o que eu fiz. Juro que vou corrigir.

— Como? — sussurro, e acho que não quero saber. — Como você falhou comigo? O que fez?

Minha mão é ancorada pela de Dare.

Seus dedos tremem, e isso me assusta.

— Eu fiz uma coisa terrível — ele confessa, cada palavra em destaque. — Não espero o seu perdão. Mas preciso consertar as coisas. E para isso preciso da sua ajuda. Você tem que me ajudar, Calla. Me ajudar a salvar você.

*Me salve e eu vou te salvar.*

Isso está no diário de Finn, são palavras de Finn. Não de Dare.

*Certo?*

Eu sinto... Eu sinto... Eu sinto.

Sinto uma onda de déjà-vu. Sinto uma onda de emoção, de sensações, de coisas que deveria saber, mas não sei.

— O que você fez? — pergunto, com pensamentos fraturados. — Do que eu preciso ser salva? De você? Porque eu acho que não posso ser salva.

— Você está errada — ele insiste, e seus olhos imploram. — Eu posso te salvar.

Nego com a cabeça, e o movimento é doloroso.

— Você me ama — ele me lembra, seu olhar me cortando em pedaços.

— Eu sei — sussurro, jogando fora esses pedaços. — Mas...

Mas

Mas.

Mas eu tenho que me proteger.

*De Dare.*

Agora eu sinto, mais forte do que nunca.

É um pressentimento forte, tomando meu peito e se espalhando por todas as veias do meu corpo. É real e tangível e é um aviso.

É intuição.

Puxo os joelhos junto ao peito e desvio o olhar, inspirando tremulamente.

— Eu sei que parece loucura — admito. — Eu sei. Mas não posso controlar os meus sentimentos. Preciso me proteger de você. Disso eu sei. Meu coração está me dizendo para ter medo de você.

E está mesmo. Está me dizendo que existe um motivo.

Eu o sinto nos meus ossos, nos meus ossos ociosos.

Dare fecha os olhos e minutos se passam antes de abri-los outra vez. Quando isso enfim acontece, aqueles olhos se mostram tão vazios, tão perdidos.

— Tudo bem — ele diz, direto. — Proteja-se de mim. Droga, eu vou proteger você de mim. Mas venha comigo a Whitley. É lá que você vai encontrar as respostas. Você pode ter o seu espaço, paz e silêncio, e vai se recuperar, Cal.

— As respostas estão em Whitley? Você é de lá?

Olho para Dare, para o corpo que amo, os olhos nos quais posso me perder, o coração que me manteve de pé... e que esconde tantos segredos.

Ele assente, e é como se aquele movimento fosse doloroso para ele. Dare não quer ir a Whitley, mas está disposto a ir por mim.

— O seu pai quer que você vá — acrescenta. — Pode fazer isso por mim?

Por que meu pai quer que eu vá para a Inglaterra?

Nada faz sentido.

Mas minha vida é sempre assim.

Uma sensação avassaladora de presságio me arrasa, quase me deixando de joelhos. Não sei. Só sei que... se eu não encontrar as respostas, posso perder a sanidade.

*As respostas estão em Whitley.*

Expiro e me dou conta de que estava segurando a respiração.

— Está bem. Eu vou. Mas só se Finn também for.

Dare imediatamente se mostra de acordo.

— É claro. Óbvio. Ele também precisa da minha ajuda.

*Óbvio.*



— A gente mora um pouquinho distante de Hastings. Fica perto de Sussex — Dare explica depois de pousarmos no Heathrow, enquanto somos levados de carro pelo interior.

Ele fala como se eu soubesse alguma coisa sobre a geografia da Inglaterra e eu concordo com a cabeça porque muito do que dizemos agora é fingimento. Fazemos as coisas automaticamente.

Meia hora depois, o carro segue pela estrada sinuosa, mas enfim vejo um telhado ao longe, com cúspides e torres sobressaindo às árvores.

Dare se mexe, abre os olhos e eu sei que estamos chegando. Finn continua dormindo, então eu o cutuco até acordar, e ele esfrega as mãos nos olhos.

Estico o pescoço para enxergar. Quando vejo, me pego mais impressionada do que minhas palavras poderiam descrever, embora a respiração fique presa nos meus lábios.

Esta não pode ser a casa da minha família.

É enorme, é luxuosa, é assustadora.

É antiga, é de pedra, é linda.

Uma muralha alta de pedra se estica nas duas direções até onde a vista alcança, envolvendo a propriedade como um cobertor onipresente de segurança. É alta e pesada e, por um breve momento, eu me pergunto se seu objetivo é manter as pessoas fora... ou mantê-las ali dentro.

É uma ideia boba, eu sei.

Quando saímos da estrada, enormes portões de ferro forjado se abrem em frente ao carro, como se em um passe de mágica, como se fossem empurrados por mãos invisíveis. Lufadas de bruma e neblina giram pelo chão e em meio aos galhos das árvores, escondendo parcialmente o que há atrás dos portões.

Embora o lago seja luxuriante e verde, há algo pesado aqui, uma coisa sombria. Está além da chuva constante, além das nuvens.

É algo que não consigo apontar.

Sou tomada por um terror estranho quando o carro passa pelos portões, enquanto continuamos a caminho da coisa escondida. E, embora a “coisa escondida” seja apenas uma casa, parece muito mais, parece algo agourento, quase ameaçador.

Vejo relances disso entre os arbustos enquanto passamos de carro, e cada lampejo me deixa paralisada.

Um telhado íngreme, em forma de gablete.

Colunas e torres e musgo.

A chuva respinga das árvores, sobre o carro, na estrada, e tudo reflete uma luz abafada.

Aqui é molhado e cinza e não paro de pensar na palavra *gótico*.

*Gótico.*

Mesmo com toda a beleza e extravagância, este lugar parece um pouco aterrorizante.

Conto meus batimentos enquanto nos aproximamos da casa, e já contei até quinze quando a limusine finalmente para em uma entrada de garagem gigante, circular, feita de paralelepípedos.

A casa à nossa frente é feita de pedra e se espalha até onde consigo enxergar. As janelas são escuras, de todos os tamanhos, de todas as formas.

O gramado enorme e perfeitamente aparado, uma mansão gigantesca, jardins ostentosos. Nuvens escuras se arrastam atrás da casa massiva, e uma coisa está clara. Ameaçadora ou não, esta propriedade é, no mínimo, luxuosa.

— A sua família é rica? — pergunto, boba.

Dare me encara.

— Não da forma que importa.

Ele faz uma pausa, e é como se houvesse uma corda entre nós, nos puxando um para perto do outro, mas, ao mesmo tempo, nos mantendo separados.

— Calla, não baixe a guarda — ele diz, rapidamente. — Este lugar... não é o que parece. Você precisa...

Jones abre a porta e Dare para de falar abruptamente.

*Eu preciso o quê?*

— Bem-vinda a Whitley — Jones me diz, com uma leve reverência.

Dare e eu descemos do carro, e de repente, eu me pego nervosa.

Estou em um país estrangeiro, me preparando para conhecer uma família composta de estranhos sobre os quais não sei nada.

É assustador.

Dare aperta minha mão brevemente, e eu o deixo fazer isso. Porque aqui estou sozinha.

Aqui, Dare e Finn são as duas únicas coisas familiares

É claro, talvez sempre tenham sido.

Jones nos guia levando as malas, e, antes de chegarmos à porta principal, ela se abre e uma mulher pequena e enrugada fica parada na passagem. Tem o corpo ligeiramente inclinado, é minúscula, com a pele morena e o cabelo completamente coberto por um lenço colorido. Parece ter cem anos.

— Sabine! — Dare a cumprimenta.

O bracinho dela o envolve e sua cabeça mal alcança o peito dele.

— Bem-vindo à sua casa, rapaz — ela diz, com a voz grave. — Senti saudade.

Dare se afasta dela e olha para mim, e posso perceber em seu rosto que Sabine é importante. Pelo menos para ele.

— Esta é Sabine. Ela foi minha babá quando eu era criança. E também foi a babá da sua mãe. Sabine, esta é Calla Price.

Sabine me encara curiosa, entristecida.

— Você é uma cópia perfeita da sua mãe — ela comenta.

— Eu sei — respondo, e meu coração se contorce porque minha mãe não está mais aqui. — É um prazer conhecê-la.

Estendo o braço e ela agarra minha mão em vez de apertá-la. Cambaleando, examina minha mão, o rosto a poucos centímetros da palma. E me aperta com força, sem querer que eu me distancie, e sinto meu pulso batendo forte contra seus dedos.

Assustada, eu espero.

Não sei o que mais fazer.

A mulher é surpreendentemente forte, sua pegada me mantém parada enquanto ela busca alguma coisa em minha mão. Desliza os dedos pelas veias e curvas, sua respiração batendo aquecida contra minha pele. Seu rosto está tão próximo da minha palma que posso sentir toda vez que ela exala.

Finn tosse e Sabine abruptamente solta minha mão e volta a erguer o corpo.

Seus olhos encontram os meus e posso enxergar mil vidas em suas íris. São olhos escuros como obsidianas, e, diferentemente dos da maioria dos idosos, os dela não são turvados pela idade. Ela me encara e eu sinto que está literalmente vendo meus pensamentos e olhando para minha alma.

É desconfortante, e um arrepio percorre minha espinha, me deixando no limite.

Ela encara Dare, que assente muito levemente.

Se eu não soubesse de nada, poderia pensar que ele chegou a estremecer.

*O que está acontecendo?*

Porém, não tenho tempo para pensar, pois Sabine começa a andar e a nos levar pela casa.

— Venha. Eleanor está esperando — ela nos diz solenemente por sobre o ombro enquanto usa boa parte de sua força para abrir as pesadas portas.

Dare suspira.

— Acho que é melhor lavarmos o rosto antes. Foi um longo voo, Sabby.

A babá parece compreender, mas se mostra inflexível.

— Sinto muito, Dare. Ela insistiu em ver vocês três.

Dare suspira outra vez, mas, obedientemente, seguimos Sabine pelos corredores refinados. Passamos pelo chão de mármore e pelos tapetes opulentos, pelos corredores cobertos de mogno e cortinas extravagantes, por lustres de cristal. Meus olhos ficam arregalados enquanto absorvemos tudo aquilo. Nunca vi uma casa assim em toda a minha vida, nem mesmo na TV.

Mas, embora seja opulenta, também é silenciosa.

É letárgica.

É como viver em um mausoléu.

Paramos diante de portas enormes de madeira esculpidas. Sabine bate duas vezes e uma voz feminina grita lá dentro:

— Entre.

*Assustadoramente formal.*

Sabine abre as portas e no mesmo instante nos vemos cercados por um escritório incrivelmente enorme, pintado com cores vivas e pátina, contornado com prateleiras de madeira repletas de centenas e centenas de livros encadernados em couro.

Uma mulher está sentada à pesada mesa de cerejeira, olhando para nós, de costas para as janelas.

Seu rosto é severo; o cabelo, indistinto, mas posso perceber que já foi vermelho. Está preso em um coque firme, sem um fio sequer fora do lugar. Seu suéter de casimira está totalmente abotoado, decorado com um único colar de pérolas. Sem adornos, suas mãos estão cruzadas à sua frente, e ela está esperando.

Esperando por nós.

Há quanto tempo está esperando? Meses? Anos?

Por algum motivo que não consigo explicar, eu me sinto sufocada. O cômodo parece se fechar contra mim, e eu fico congelada. Dare precisa literalmente me puxar, depois me puxar com mais força, simplesmente para me fazer com que eu me movimente.

Sinto que não consigo respirar, sinto que, se me aproximar dela, alguma coisa ruim vai acontecer.

Uma coisa terrível.

É um pensamento ridículo, e Dare me olha de canto de olho.

Paramos na frente da mesa.

— Eleanor — ele diz, com uma voz dura.

Não há amor nenhum perdido aqui. Posso perceber. Posso sentir. Sinto no ar, na formalidade, no frio.

— Adair — a mulher assente.

Não há abraços nem sorriso. Muito embora um ano já tenha se passado desde a última vez que ela o viu, a mulher nem sequer se levanta.

— Esta é a sua avó, Eleanor Savage — Dare me diz, e suas palavras são muito cuidadosas e calmas.

Eleanor me encara, seu olhar me examinando da cabeça aos pés. Minhas bochechas esquentam por causa disso.

— Você deve ser Calla.

Confirmo com a cabeça.

— Pode me chamar de Eleanor — ela continua, olhando para a porta. — Espere do lado de fora, Sabine.

Sem dizer nada, Sabine se afasta e fecha a porta. Eleanor volta sua atenção a nós.

— Sinto muito por sua perda — ela diz, duramente, com uma voz que não transmite qualquer sinal de emoção, condolência ou tristeza, embora seja sua filha quem tenha morrido.

Ela não conhecia Finn, então posso entender que não sinta por ele, mas pela própria filha?

Eleanor olha outra vez para mim.

— Enquanto estiverem aqui, Whitley será sua casa. Vocês não vão se intrometer em cômodos que não lhes digam respeito. Podem frequentar as áreas comuns e os estábulos. Não vão se misturar a pessoas repugnantes e podem usar o carro. Jones vai levá-los aonde precisarem ir. Podem se instalar, se acostumar à vida no interior, e em breve vamos conversar sobre a sua herança. Como já completaram dezoito anos, vocês têm responsabilidades com esta família.

Ela faz uma pausa antes de olhar para mim e depois para Finn.

— Vocês sofreram uma perda, mas a vida continua. Vocês também vão aprender a continuar.

Ela desvia o olhar de nós, direcionando a atenção ao papel sobre sua mesa.

— Sabine! — grita, sem erguer o olhar.

Parece que já fomos dispensados.

Sabine entra outra vez e rapidamente a seguimos, aproveitando a chance de deixar para trás essa mulher desagradável.

— Bem, ela é um amor de pessoa — murmuro.

Os lábios de Dare tremulam.

— Não é minha pessoa preferida.

*Eufemismo.*

Dividimos esse momento, esse momento saboroso, mas eu logo o deixo para trás.

Não posso.

Não posso.

Sabine para em frente a portas duplas de madeira.

— Esta era a suíte da sua mãe — ela me explica. — Agora é sua. O quarto do Finn fica do outro lado do corredor. O quarto do Dare fica do outro lado da casa. — Depois de dizer isso, ela

aguarda, como se na expectativa de que eu reaja. Como não faço nada, Sabine prossegue: — O jantar vai ser servido às sete horas na sala de refeições. Estejam prontos. Agora, descansem.

Ela se vira e vai embora, percorrendo o corredor com seus pezinhos pequenos.

Dare me encara, alto e esguio.

— Quer que eu fique com você?

Minha resposta é dura e imediata:

— Não. — Ele fica impressionado e se afasta um pouco, me encarando. Então acrescento: — Eu só... Eu preciso ficar sozinha.

*Ainda não sou forte o suficiente para resistir a você.*

A decepção ilumina seus olhos, mas, para seu crédito, ele não me pressiona. Em vez disso, engole sua dor e assente.

— Tudo bem. Estou morto de cansaço, então vou cochilar um pouco antes do jantar. Sugiro que você faça a mesma coisa. Deve estar exausta.

Concordo com a cabeça porque ele está certo. Estou extremamente exausta. Dare vai embora e eu fico sozinha no corredor longo e silencioso.

Dou um passo em direção ao quarto, depois mais um, mas, nem mesmo se minha vida dependesse disso, não consigo virar a maçaneta. Alguma coisa se espalha à minha volta. Temor, eu acho. E não consigo virar a maçaneta.

A expressão no rosto de Eleanor ressurgue em minha mente, a maneira como ela me examinava, e não consigo respirar. Alguma coisa me esmaga, aquela coisa sombria que senti na entrada da casa. Essa coisa ruim parece estar aqui, me empurrando, me atingindo.

Sei que não faz o menor sentido.

Alguma coisa me empurra.

E me empurra bem na direção dos antigos aposentos de minha mãe.

E ali eu fico, cercada por suas lembranças.

Os aposentos de minha mãe são tão refinados quanto o restante da casa. Aqui não há pôsteres infantis dependurados nas paredes, nem sinal de galãs adolescentes ou telefones cor-de-rosa ou almofadas felpudas.

A suíte é cuidadosamente decorada com mobília off-white e paredes verde-claras. A cama é enorme, coberta com colchas pesadas, tudo verde-claro, tudo relaxante.

Mas não é o quarto de uma criança, de uma adolescente, nem mesmo de uma mulher jovem.

Falta aquela energia da juventude.

Mesmo assim, eu a sinto aqui.

De algum jeito.

Afundando na cama, percebo que estou cercada por janelas.

Elas se espalham por toda uma parede, se estendendo desde o chão até o teto. E deixam entrar a luz fraca do fim da tarde, me fazendo sentir exposta. Eu me levanto e fecho as cortinas.

Agora me sinto um pouco mais segura, mas não muito.

Minhas malas estão empilhadas perto da porta, então começo a desfazê-las. Puxo meus suéteres, ajeito meus itens de higiene no banheiro chique e, enquanto estou diante dos ladrilhos de mármore, visualizo minha mãe aqui.

Ela adorava um banho longo, e essa banheira parece adequada para uma rainha.

Eu a imagino imersa nesta banheira lendo um bom livro, e meus olhos se enchem de lágrimas.

Ela se foi.

Sei disso.

Abro as portas do armário e, por um momento, um momento muito breve, juro ter sentido seu perfume.

Ela usava o mesmo perfume desde que a conheci.

Há prateleiras neste armário, em uma delas vejo um frasco de Chanel.

O perfume dela.

Eu o pego, inalo a essência, e ela traz uma tempestade de lembranças. De minha mãe rindo, assando cookies, sorrindo para mim por sobre seu livro.

Com os olhos ardendo, coloco o frasco de perfume de volta na prateleira.

Isso não está ajudando em nada.

Penduro minhas camisas e suéteres.

Alguém bate à porta e Sabine entra com uma bandeja. Um bule de chá e uma xícara.

— Trouxe um pouco de chá para você— ela fala baixinho, colocando a bandeja sobre a mesa.

— Vai animá-la um pouquinho. Viajar pode ser uma tarefa pesada.

*Desperdiçar a vida inteira deve ser uma tarefa pesada.*

Mas é claro que não digo isso.

Apenas sorrio e agradeço.

Ela coloca um pouco de chá na xícara e a passa para mim.

— Isso vai ajudar você a descansar. É calmante.

Tomo um gole e Sabine dá meia-volta, observando minhas malas vazias.

— Vejo que já arrumou suas coisas. Estes aposentos não mudaram desde que a sua mãe se foi.

Seguro a xícara na altura do colo, aquecendo os dedos porque o frio do anoitecer inglês os deixou gelados.

— *Por que* a minha mãe foi embora? — pergunto, afinal ela nunca contou.

Ela nunca disse *nada* sobre a casa onde passou a infância.

Sabine fica parada e, quando olha para mim, está outra vez analisando minha alma, cutucando-a com dedos enrugados.

— Ela se foi porque precisou ir — Sabine simplesmente declara. — Whitley não conseguiu contê-la.

É uma resposta que não é exatamente uma resposta.

Eu não deveria esperar nada diferente.

Sabine se senta ao meu lado, dando tapinhas na minha perna.

— Vou engordá-la um pouquinho aqui — me diz. — Você está magrinha demais, como a sua mãe. Você vai descansar e aí... vai ver as coisas como elas são.

— E como elas são? — pergunto, cansada, e de repente me pego muito, muito exausta.

Sabine me olha no rosto e ri.

— Filha, você precisa descansar. Está desmaiando diante dos meus olhos. Venha. Deite aqui.

Ela me ajeita na cama, puxando um cobertor até meu queixo.

— O jantar é às sete horas — ela me lembra antes de sair. — Durma até lá.

Eu tento.

Eu tento, de verdade.

Fecho os olhos.

Relaxo os braços e as pernas e os músculos.

Mas o sono não vem.

Por fim, desisto, abro as cortinas e olho lá fora.

O anoitecer está quieto; o céu, escuro. *Aqui escurece tão cedo.*

As árvores farfalham com a brisa e o vento é úmido. É frio. É gelado. Posso senti-lo, mesmo estando do outro lado das janelas, então esfrego as mãos nos braços.

E começo a ter arrepios.

Que erguem os pelos em meu pescoço.

E as estrelas parecem zombar de mim.

Viro as costas para elas, atravesso o quarto e pego um livro em uma prateleira.

*Jane Eyre.*

Adequado, considerando Whitley, o pântano e a chuva.

Abro a capa e encontro algo escrito a caneta.

*A Laura. Que você sempre tenha o espírito de Charlotte Brontë e a coragem de seguir seus sonhos. Seu pai.*

A tinta está desbotada e eu deslizo a ponta do dedo sobre ela.

A mensagem não tem ternura, mas diz muito.

Meu avô apoiava o desejo de minha mãe de ser independente, mas duvido que Eleanor compartilhasse desse mesmo sentimento.

Eu me sento com o livro, abro as páginas, meus olhos tentam devorar as palavras que minha mãe leu no passado.

Mas só consigo chegar à parte na qual Jane afirma detestar longas caminhadas em tardes frias. Então ouço alguma coisa.

Sinto alguma coisa.

Sinto um rosnado nos ossos.

É grave e ameaçador e faz minhas costelas vibrarem.

Fico em pé com um salto, olhando em volta, mas, é claro, ainda estou sozinha.

Mesmo assim, o rosnado surge outra vez, grave e longo.

Minha respiração se torna dificultosa e o livro cai no chão, com as páginas viradas para o tapete.

Um pânico repentino me invade, rápido e quente.

Preciso sair daqui.

Não sei por quê.

É uma sensação no meu coração, alguma coisa que me leva para fora do quarto de minha mãe, até o corredor, porque alguma coisa está me perseguindo.

Eu a sinto atrás de mim.

Eu a sinto respirando no meu pescoço.

Sem olhar para trás, me apresso pelo corredor, atravessando a casa, até chegar à porta principal.

Preciso respirar.

Preciso respirar.

Preciso respirar.

Absorvendo o ar, ando sem destino em volta da casa, passando pelos paralelepípedos, descendo por uma via. Respiro ainda mais fundo, tentando forçar minhas mãos a parar de tremer, tentando me recompor, tentando me assegurar de que estou sendo tola.

Não há motivos para ter medo.

Estou sendo ridícula.

Esta casa pode ser desconhecida, estranha, mas ainda assim é uma casa. Só não é a *minha* casa. Tudo bem. Vou me acostumar com isso.

Olho para trás e não há nada ali.

Nada de rosnado, nem sinal de vibração nas costelas, nada além do crepúsculo e das estrelas desesperadas para sair de trás das nuvens.

A casa paira sobre mim e eu dou a volta na construção, mas apenas para me encontrar diante de uma grande garagem com gabletes nas laterais.

Há pelo menos sete portões na garagem. Todos fechados. Todos, menos um.

Para minha surpresa, alguém sai por ele.

Um garoto.

*Um homem.*

Sua calça é de um cinza escuro e ele está usando um blusão com capuz. E se movimenta com elegância. Desliza tranquilamente pelas sombras, como se pertencesse a este lugar, como se Whitley fosse também sua casa, muito embora eu não saiba quem ele é.

— Oi — grito.

Ele para de se movimentar, fica congelado, mas não vira a cabeça.



Alguma coisa me leva ao limite e eu fico tensa. E se ele não devesse estar aqui?

— Oi? — repito, desconfortavelmente, sentindo o calafrio percorrer minha espinha, os arrepios se formando outra vez nos meus braços.

Eu me afasto, primeiro um passo, depois outro.

Pisco os olhos.

E ele some.

Olho para o espaço vazio, sacudo a cabeça, pisco os olhos bem apertados.

Ele se foi mesmo.

Deve ter entrado entre as construções, mas por quê?

Fico congelada enquanto olho para dois dos maiores cachorros que já vi na vida.

— Está tudo certo — digo a eles, que me examinam com olhos escuros. — Eles me conhecem aqui. Não sou nenhuma intrusa.

Os dois continuam me encarando.

E eu também olho fixamente para eles.

Então, um deles dá um passo para a frente e esfrega o focinho na minha mão, deslizando sua enorme cabeça pela minha palma como se me conhecesse, como se não fosse me atacar.

— Castor! — Sabine grita atrás de mim. — Pólux!

Os cães ficam em posição de atenção e, quando ela grita para eles saírem, eles obedecem.

Sabine olha para mim.

— Peço desculpas se eles sujaram você — diz. — São os cães da propriedade. E, como você bem pôde ver, nem sempre agem com elegância.

Acompanho seu olhar e ela está observando as marcas de lama, com formato de patas, nas minhas pernas, e quando foi que isso aconteceu?

— Eles foram legais — digo a ela, afinal os cães não me feriram.

Aliás, muito embora sejam enormes, têm semblantes dóceis. Sabine age como se soubesse o que estou pensando.

— Eles jamais machucariam alguém — afirma. — É o tamanho dos dois que intimida. — E faz uma pausa antes de prosseguir: — Dariam a própria vida para proteger você.

A mim?

Antes que eu possa fazer qualquer pergunta, ela volta para dentro da casa e os cães a acompanham. Pelo caminho, um deles para e se vira e me observa, mas logo segue seu caminho e eu tento deixar de lado o desconforto.

Por que estou me sentindo assim?

São apenas cachorros.

E o cara que eu vi deve ser o jardineiro ou algo assim.

Nada que devesse me deixar nervosa.

Ainda perturbada, lavo o rosto e, quando termino, passo a cabeça pela porta e dou uma olhada no corredor. Não tem nada ali.

Suspirando, tranco a porta do quarto e sinto o ar frio e úmido da Inglaterra. Olhando para o relógio, descubro que ainda são seis e meia. Posso passar alguns minutos descansando e me sinto grata por isso.

Porque é claro que o jetlag está me fazendo implicar com as coisas.

## 21

Piso no grande hall de entrada de Whitley e meus pés mal tocaram o chão quando tenho a avassaladora sensação de estar sendo sufocada, quando sinto aquele frio que permeia os ossos das pessoas aqui. Para colocar a sensação em perspectiva, meu lar no Oregon é uma funerária. Whitley é muito, muito pior.

Percebendo meus passos instáveis, Finn segura minha mão.

— Tudo bem com você? — sussurra, seus olhos azuis buscando os meus.

Faço que sim com a cabeça.

É claro que estou mentindo. Não estou bem. Por que estaria?

Fico diante das janelas, olhando para os pântanos. A Inglaterra tem pântanos assustadores, campos enormes e úmidos, lugares propícios à melancolia. Eles me fazem pensar na tristeza de Charlotte Brontë, de Jane Eyre.

Não sei por que me identifico tanto com Jane. Ela é singela, e eu sei que não sou. Tenho cabelos que mais parecem fogo, esmeraldas brilhando. Não estou sendo vaidosa ao admitir isso, afinal atributos físicos são algo que não podemos controlar. Sou bonita, mas não fiz por merecer. Simplesmente nasci assim, um produto da minha linda mãe. Os traços internos, por outro lado, são importantes e louváveis. Jane Eyre tem um espírito feroz, e gosto de acreditar que também sou assim. Essa ferocidade é muito mais louvável do que meu rosto bonitinho.

Para ser sincera, quase desejo que não fosse bonita. A beleza me deixa constrangida. As pessoas tendem a me encarar, e, quando me encaram, sempre sinto que estão espreitando porque acham que sou louca.

Louca

Louca

Louca.

Exatamente como meu irmão.

É como um sussurro ecoando pelos cômodos de Whitley, pelo lago, pelo ar. Todos nos observam, meu irmão e eu, para ver qual dos dois vai surtar.

— Vou dar uma volta — digo a Finn.

Ele imediatamente levanta a cabeça.

— Sozinha? Vai acabar se perdendo.

— Não vou, não. Só vou explorar.

— Eu acompanho você.

— Não. Vá comer alguma coisa. Eu só preciso de alguns minutos para respirar, Finn.

Agora ele concorda porque me entende.

Passo pela porta e estou do lado de fora, longe do infortúnio desta casa.

A brisa é ligeiramente fria enquanto desço a escada. Acredito que aqui nunca faça calor. Mesmo assim, a chuva deixa a grama exuberante. Verde e alta e vibrante. É *viridem*. E verde significa vida.

O caminho de paralelepípedos se transforma em seixos quando me distancio da casa, e depois de um instante chego a uma bifurcação na estrada. O caminho se divide. Um leva a um bosque; o outro, a uma bela construção de pedra no limite do horizonte, envolta em bruma e árvores respingando.

É pequena e misteriosa, bonita e antiga. E é claro que preciso olhar mais de perto. Sem pensar duas vezes, sigo por esse caminho.

Quanto mais perto chego, mais minha curiosidade aumenta.

Posso sentir o cheiro de musgo quando me aproximo, aquele cheiro úmido e azedo que se espalha por um quarto fechado ou um espaço mofado. E, com esse cheiro obscuro, vem uma sensação opressora. Eu a sinto pesando em meus ombros enquanto abro a pesada porta, enquanto vejo a palavra SAVAGE escrita na madeira, enquanto dou meu primeiro passo hesitante para dentro de uma sala que aparentemente não vê vida humana há anos.

Mas vê a morte.

Estou em um mausoléu.

Como cresci em uma funerária, sou versada na morte. Sei qual é sua aparência, seu cheiro, até seu gosto no ar.

E aqui estou cercada por ela.

O chão é de pedra, mas, como não há luz, o musgo cresce por todos os cantos e parece macio sob meus pés. As paredes são blocos espessos de pedra e guardam várias alcovas preenchidas com os restos mortais dos membros da família Savage. Gerações deles, o que me faz questionar há quanto tempo os Savage vivem em Whitley.

Perto de mim estão Richard Savage I, meu avô, e Richard Savage II, meu tio. *Quando foi que ele morreu?* Ao lado dele, Olivia.

*Olivia.*

Deslizo os dedos pelo nome dela, contornado as letras entalhadas na pedra, absorvendo a frieza, a dureza.

O que eu sei a seu respeito além de ter sido a mãe de Dare?

Por que ela é importante em minha memória?

Dare tem os olhos ou o cabelo dela? Seria ela o único ponto de luz no mundo dele? Ele tem mais saudade dela do que de sua própria vida?

Não sei.

Deslizando os dedos pela parede, dou a volta no quarto, vendo meus antepassados, impressionada com o silêncio do lugar.

É um silêncio alto que faz meus ouvidos zumbirem.

A porta aberta cria uma faixa de luz no chão escuro, e é enquanto estou concentrada nessa luz que ouço o primeiro sussurro.

*Calla.*

Viro a cabeça, mas não encontro nada atrás de mim.

Calafrios descem pela minha espinha e arrepios se espalham pelos meus braços enquanto olho o quarto vazio. As únicas pessoas aqui estão mortas.

Mas... o sussurro foi muito claro em meio ao silêncio.

Estou ouvindo vozes.

Isso me aterroriza, mas não tanto quanto a familiaridade existente naquele sussurro.

— Olá? — grito, desesperada por haver alguém aqui, por ter sido uma pessoa de verdade falando. Mas ninguém responde.

É claro que não.

Eu estou sozinha.

Apoio a mão na parede e tento respirar fundo. Não posso estar louca. Esse é um dos meus maiores medos, empatando apenas com perder meu irmão.

Um movimento atrai meu olhar, e eu me concentro nele.

Pétalas de cravo e lírio, brancas e vermelhas, sopram pelo chão. Flores de funeral.

Assustada, eu me viro na direção delas, me inclinando para tocá-las. Esfrego os dedos em uma, sua textura suave como veludo. Ela não estava aqui um minuto atrás. Nenhuma delas, mas agora estão, espalhadas pelo chão.

E levam a uma cripta na parede.

*Adair Phillip DuBray.*

Meu coração acelera e acelera enquanto corro na direção da placa, enquanto deslizo a ponta dos dedos sobre as letras.

Isso também não estava aqui.

*Que diabos?*

Engulo em seco, sugando o ar, observando as flores frescas no vaso ao lado de seu nome.

Não há musgo aqui, pois as letras foram entalhadas recentemente, a cripta foi aberta e fechada recentemente também. Mas é impossível que Dare esteja aqui porque eu o vi ainda ontem à noite. Ele está bem, ele está bem, ele está bem.

Enquanto minhas mãos se apoiam em seu nome, eu me reasseguro, imagens invadem minha cabeça, imagens e cheiros.

O mar, um penhasco, um carro.

Sangue, metal gritando, a água.

*Dare.*

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado,

Tudo está pegando fogo,

As chamas atingem as paredes de pedra,

Tentando encontrar uma forma de sair daqui.

A fumaça me afoga e eu tusso,

em busca de ar.

Pisco e tudo desaparece.

Minhas mãos estão em uma parede branca e o nome de Dare sumiu.

As flores sumiram.

Estou sozinha.

O chão é liso.

Não consigo respirar.

Não consigo respirar.

Não consigo respirar.

Estou louca.

Essa é a única explicação.

Tento encontrar a porta e saio à luz do sol, avanço para longe do mausoléu, para longe da morte.

Voo na direção da casa, tropeçando nas pedras.

— Calla?

Meu nome vem em um grito, e tenho medo de olhar, medo de não haver ninguém ali, medo de ainda estar imaginando coisas. Era assim que Finn se sentia todos os dias? Estou seguindo pelo mesmo caminho? É a toca do coelho, e eu sou o coelho e estou louca.

Mas é Dare, parado, alto e forte, no caminho. E eu corro para seus braços sem me preocupar com mantê-lo distante.

Seus braços me envolvem e seu cheiro é tão bom, tão familiar, e eu fecho os olhos.

— Você está bem — digo a ele, digo a mim mesma. — Você está bem.

— Sim, eu estou bem — ele responde, confuso, suas mãos acariciando minhas costas, me puxando mais para perto. — Você achou que alguma coisa tivesse acontecido?

Vejo seu nome entalhado na pedra do mausoléu e estremeço, afastando a visão para bem longe da minha mente.

— Não, eu... não.

Ele passa mais alguns minutos abraçado comigo, depois olha para mim e ajeita uma mecha de cabelo rebelde atrás da minha orelha.

— Você está bem? Faz horas que sumiu.

Horas? Como pode? O céu gira e eu me ajeito contra seu peito.

Ouçõ seu coração, que bate rápido porque ele está com medo.

Está com medo por mim, porque reconhece os sinais, já os viu antes, já os viu em meu irmão.

— Está tudo bem, Cal — murmura, mas posso ouvir a preocupação em sua voz. — Está tudo bem.

Mas posso perceber, pelo modo como ele fala, que não está.

A loucura é genética.

Eu sou o coelho.

E eu sou louca.

Dare passa o braço por sobre meus ombros e nós voltamos para casa, e posso senti-lo olhando para mim de tempos em tempos.

— Pare — enfim digo enquanto atravessamos os jardins. — Eu estou bem.

— Certo — ele concorda. — É claro que você está bem.

Mas ele me conhece e sabe que não estou.

Sabine está ajoelhada perto das portas da biblioteca, escavando o rico solo inglês, e olha para nós por sobre os ombros. Quando vê meu rosto, seus olhos se estreitam e ela fica em pé.

— Está tudo bem, senhorita Price? — pergunta, com a voz grave.

Tenho vontade de mentir, de dizer a ela que estou bem, mas sei que ela percebe a diferença. Aliás, enquanto ela me observa com aqueles olhos escuros, eu a sinto enxergando minha alma.

Não me incomodo em mentir.

Apenas nego com a cabeça.

Ela assente.

— Venha comigo.

Ela nos guia até os fundos da casa, onde fica seu quarto. É pequeno e escuro, repleto de tecidos coloridos, símbolos místicos e joias espalhafatosas, resguardado por espelhos e apanhadores de sonhos e estrelas.

Fico impressionada e paralisada, olhando para toda a ostentação.

Ela nota minha expressão e encolhe o ombro.

— Sou parte dos rom — diz, como se estivesse se explicando. Ao perceber que não estou entendendo, ela suspira. — Romani. Cigana. E não sinto vergonha.

Ela levanta a cabeça, o queixo alto, e posso ver que está muito longe de sentir vergonha. Ela sente orgulho.

— Não deveria se envergonhar — reasseguro, falando baixinho. — É a sua herança. E é fascinante.

Ela fica satisfeita com isso, com a ideia de eu não menosprezá-la por suas raízes.

Seus olhos escuros contam uma história, e, para mim, eles dizem que ela sabe mais do que eu possa imaginar. Que ela talvez saiba mais sobre *mim* do que eu mesma sei.

É loucura, eu sei.

Mas parece que agora eu estou louca.

Sabine me direciona até uma cadeira aveludada e me empurra gentilmente para eu me sentar. Em seguida, olha para Dare.

— Deixe-nos sozinhas — pede, tranquilamente. — Agora ela está comigo. Vai ficar bem.

Ele se mostra hesitante e olha para mim, que aceno concordando com ela.

*Vou ficar bem.*

*Eu acho.*

Ele se vai, eu não quero que se vá, mas tem que ir. Porque Dare é parte disso, eu sinto, e não posso confiar nele. Meu coração me diz que não devo confiar.

Sabine mexe em alguma coisa, e, enquanto faz isso, eu olho em volta. Na mesa ao meu lado há cartas de tarô espalhadas, dispostas de modo que parece ser uma leitura interrompida.

Engulo em seco porque há algo no ar.

Algo místico.

Depois de um minuto, Sabine coloca uma xícara nas minhas mãos.

— Beba. É melissa e camomila. Vai acalmar seu estômago e você também.

Não perco tempo perguntando como ela sabia que eu estava agitada. Devia estar escrito no meu rosto.

Bebo o chá. Depois de um instante, ela olha para mim.

— Melhorou?

Confirmo com a cabeça.

— Obrigada.

Ela sorri e seus dentes são assustadores. Desvio o olhar e ela fuça em um armário. Puxa seu conteúdo e me entrega uma caixa.

— Tome isso à noite. Vai te ajudar a dormir. — Lanço um olhar questionador para ela, que acrescenta: — À noite você é livre, filha.

Não sei o que ela quer dizer com isso, mas pego a caixa, na qual não tem nada escrito, e ela assente.

Olho outra vez para sua mesa.

— Você prevê o futuro, Sabine?

Parece estranho dizer essas palavras de um jeito sério, mas ela logo responde:

— Eu leio cartas. — E assente. — Um dia, vou ler para você.

Não sei se quero saber o que elas dizem.

— Você já leu as cartas para o Dare? — pergunto impulsivamente, sem nem saber por quê.

Sabine me encara com seus olhos escuros de quem sabe das coisas.

— Aquele rapaz não precisa que ninguém preveja o futuro. Ele escreve o próprio futuro.

Não tenho ideia do que ela quer dizer com isso, mas concordo.

— Agora você vai ficar bem — ela diz, com sua expressão de mulher sábia, e me pego acreditando em suas palavras.

Sabine tem uma natureza que acalma, algo que tranquiliza o ar à sua volta. Eu nunca tinha percebido isso.

— A minha mãe nunca falou de você — murmuro enquanto me levanto. — Acho estranho, considerando que ela certamente te amava.

Sabine desvia o olhar.

— A sua mãe não tem lembranças muito felizes daqui — responde baixinho. — Mas eu conheço o coração dela.

— Está bem — digo, incerta, enquanto deixo o quarto.

Sabine apoia a mão no meu ombro.

— Se precisar de mim outra vez, sabe onde me encontrar.

Confirmo com um gesto e vou embora. Enquanto me distancio, sinto Sabine me observando, mas resisto ao desejo de olhar para trás.

Em vez disso, me concentro no fato de que Sabine me fez sentir muito melhor, muito mais calma.

Talvez o chá tivesse algum calmante.

Quando entro em meu quarto, chego à conclusão de que imaginei tudo aquilo. Não ando dormindo muito bem. Minha mente estava me pregando uma peça, como as mentes tendem a fazer quando sofrem com a privação de sono.

Obviamente.

Essa é a explicação.

Ergo a mão para ajeitar o cabelo atrás da orelha, e é então que fico congelada. Meus dedos cheiram a cravo e lírio.

Estou na entrada da floresta e as árvores balançam e chamam e bradam, e palavras se formam em meus lábios:

— Um por um por um.

— O que significa isso? — Finn me pergunta, porque está parado ao meu lado.

Meu irmão não vai me deixar, não agora que acha que sou tão louca quanto ele mesmo.

— Precisamos manter a sanidade um do outro — foi o que ele me disse ontem, depois que lhe contei o que aconteceu no mausoléu.

Olho para Finn.

— Não sei o que significa — admito com franqueza. — Mas ouço isso na minha cabeça, várias e várias vezes.

Finn me observa e está com medo e sua mão pálida segura a minha.

— Isso é ruim, Cal — afirma, e nem precisava ter dito, afinal eu já sabia.

É claro que sei.

Entro na floresta úmida e sou cercada por samambaias e escuridão e não sei por quê, mas sei que devo estar aqui.

— Não — Finn me incita a voltar, e não me acompanha. — Não gosto da sensação que este lugar transmite.

— Nem eu — confesso, mas sigo em frente, um pé depois do outro, porque estou sendo puxada por uma amarra ou corda invisível.

Meu irmão fica para trás e seu rosto está cheio de preocupação, mas ele não consegue me seguir, e eu não o julgo por isso. A sensação na floresta é opressiva e sombria e aterrorizante.

Tem alguma coisa aqui.

Alguma coisa para mim.

À minha frente, uma sombra se mexe, e balança, e desliza.

Incapaz de permanecer parada, eu a sigo. Ela passa rapidamente pelas árvores, eu também.

E aí finalmente, finalmente,

Ela some, e eu me pego sozinha.

Sinto o silêncio, seu gosto em minha língua, e estou sozinha.

Olho em volta, giro e há pedaços de madeira queimada dispostos em um círculo, uma fogueira.

Percebo uma coisa em meio às cinzas, uma coisa marrom, uma coisa esfarrapada, uma coisa velha.

Inclino o corpo e a toco, e ela queima meu dedo.

As brasas continuam quentes.



Eu me afasto e a cutuco com um graveto até a coisa se distanciar da brasa e parecer seguro tocá-la.

É um livro e cai aberto e a primeira página olha para mim, com a caligrafia rabiscada de meu irmão.

## O DIÁRIO DE FINN PRICE.

Minhas sobrancelhas se apertam e eu respiro. Por que Finn esteve aqui?

Espero a brisa esfriar as páginas e, muito embora estejam chamuscadas, ainda consigo ler algumas palavras.,

NOCTE LIBER SUM NOCTE LIBER SUM  
À NOITE, SOU LIVRE.  
ALEA IACTA EST. A SORTE ESTÁ LANÇADA.

A SORTE ESTÁ LANÇADA.

A SORTE ESTÁ LANÇADA.

SERVA ME, SERVA BO TE.

ME SALVE E EU VOU TE SALVAR.

ME SALVE.

ME SALVE.

ME SALVE.

Minha respiração sai arfada e eu não consigo não consigo não consigo.

Porque Sabine me disse essas palavras, essas mesmíssimas palavras, em lugares e momentos diferentes.

Ela disse a mesma coisa ao meu irmão?

O que elas significam?

As páginas são frágeis e as bordas se desfazem em meus dedos, pretas e chamuscadas, mas ainda assim consigo ler mais algumas palavras.

ESTOU ME AFOGANDO. ME AFOGANDO. ME AFOGANDO.

IMMERSUM, IMMERSUM, IMMERSUM.

CALLA VAI ME SALVAR OU EU VOU MORRER

EU VOU MORRER EU VOU MORRER.

SERVA ME, SERVA BO TE.

ME SALVE E EU VOU TE SALVAR.

ME SALVE.

ME SALVE,

ME SALVE, CALLA  
E EU VOU TE SALVAR.

Há adesivos de rostos e símbolos e alguns desses rostos estão rabiscados e eu não lembro de ter achado seu diário tão mórbido ou sem sentido quando o encontrei, muito tempo atrás. Se fosse, eu teria imediatamente mostrado as páginas aos nossos pais porque isso, isso, isso é loucura.

Analiso uma imagem, de dois garotos e uma garota. Um dos meninos está completamente rabiscado, mas ainda consigo ver seus olhos e são negros e sei que é Dare. Finn rabiscou Dare.

UM POR UM POR UM  
A SORTE ESTÁ LANÇADA, ESTÁ LANÇADA.  
UM POR UM POR UM,  
E NÃO SEREI EU.  
NÃO SERÁ CALLA.  
UM  
POR  
UM  
POR  
UM.

Fico congelada quando uma sensação ruim invade meu estômago, se espalhando pelo meu peito, onde ameaça fazer meu coração parar. Dedos sombrios parecem agarrar meus ombros e sacudi-los com força, e mais força, e mais força, até meus dentes baterem.

A MORTE É O COMEÇO  
O COMEÇO.  
O COMEÇO.  
EU PRECISO COMEÇAR.

Solto o diário e começo a correr de volta em meio às árvores. Os galhos chicoteiam meu rosto e eu escorrego por causa do orvalho, mas não importa.

Eu sei por que Finn não veio comigo.

Ele sabia que eu encontraria seu diário, e sabia que eu o impediria de fazer a estupidez que ele tentaria fazer.

A MORTE É O COMEÇO. EU PRECISO COMEÇAR.

As palavras giram em minha cabeça várias e várias vezes enquanto entro correndo em Whitley, enquanto subo a escada, enquanto avanço rumo ao quarto de Finn. Está vazio... exceto por Pólux e Castor. Finn os deixou fechados no quarto e só há um motivo. Não queria que os cachorros o seguissem.

— Fora — digo com firmeza aos dois. — Vão encontrar Finn.

Eles saem correndo do meu quarto, seus corpos tão grandes e barulhentos enquanto descem a escada. Eu os sigo o mais rápido que posso e colido com Dare, que vira em um canto da casa.

— Mas que diabos...? — pergunta, confuso, e eu o empurro e sigo em frente.

— Meu irmão está com um problema — grito por sobre o ombro.

Dare não faz perguntas, mas eu o ouço atrás de mim, eu o ouço correndo, ouço sua respiração. Contudo, não posso prestar atenção a isso. Só posso seguir os cachorros. Eu os sigo do lado de fora da casa, eu os sigo pelos jardins, e vejo as pontas de suas caudas escuras desaparecerem após passarem pelos portões de Whitley.

— Calla, espere — Dare agarra meu braço. — Precisamos pegar o carro.

— Não dá tempo — murmuro, e Dare me puxa de lado.

— As scooters, então. Nunca vamos conseguir acompanhar o ritmo dos dois.

As velhas scooters estão do lado do portão e não sei por que não estão guardadas, mas fico contente por isso e pego uma e a bateria está carregada e acelero a toda a velocidade pela estrada. Dare está junto comigo, na outra scooter, e vamos em frente e em frente até os cachorros subirem uma colina.

As motos fazem barulhos estranhos e perdem velocidade porque a subida é íngreme demais, então jogo a minha de lado e saio correndo, respiração difícil porque algumacoisaalgumacoisaalgumacoisa vai acontecer. Posso sentir, posso sentir.

Meu irmão.

Meu irmão.

É um hino em minha cabeça e não consigo me concentrar, e aí eu chego ao topo e lá está Finn.

Bem no limite, e os cães pararam e todos nós olhamos para meu irmão.

— Não faça isso — imploro, porque seu rosto está sério e pálido. — Não sei por que isso está acontecendo, mas, Finn, por favor, não. Eu preciso de você.

— Eu preciso salvar você — ele declara simplesmente, a voz sem emoção, sem medo nos olhos.

Sem nenhum medo.

Seus All Stars pretos vacilam no limite e ele ergue as mãos.

— Eu te amo, Calla — diz. — Eu morreria por você. Tem que ser eu porque não pode ser você.

A vida passa em câmera lenta enquanto seu corpo cai para trás, como se ele estivesse caindo na cama, mas, em vez disso, está caindo na lateral do precipício.

Corro até a beirada e observo e não ouço nenhum barulho quando seu corpo bate na água. Nenhum barulho sequer. Como pode?

Dare segura meus ombros e eu grito e grito grito e dois pontos pretos se aproximam de mim.

Castor e Pólux.

Eles saltam com propósito e aí eu me lembro das palavras que Dare me disse muito tempo atrás.

*“Eles são conhecidos pelo instinto de herói. Ele provavelmente morreria para proteger você.”*

Os cães batem na água e eu os ouço, e dou meia-volta, saio correndo em direção ao sopé, desesperada para encontrar meu irmão, e, quando meus pés encontram a areia úmida, eu corro e os cães saem mancando da água, trazendo consigo o corpo amolecido do meu irmão.

Castor e Pólux estão ensanguentados e arrastando seus corpos sobre patas quebradas e feridos feridos e uma onda de familiaridade se espalha por mim e eu já vi isso antes. Já estive aqui antes, mas não é possível e não posso pensar nisso porque agora só consigo pensar em meu irmão.

Puxo seu corpo para longe dos cães e faço a respiração em sua boca fria, e seu corpo está mole e frio e molhado.

Eu o puxo para perto do meu corpo e ainda estamos na água e ouço Dare conversando com alguém ao telefone.

— Aconteceu um acidente — ele diz, e eu já ouvi essas palavras antes, saindo de sua boca, de seus lábios, com sua voz.

— Foi? — Eu o encaro e meus olhos estão queimando queimando queimando. — Foi um acidente?

Dare fecha os olhos e os olhos de Finn estão fechados e ele está mole e frio e morto.

Ele está morto.

A morte é o começo e ele precisa começar.

— Eu não consigo sem você — sussurro em seu ouvido. — Por favor, meu Deus, por favor, meu Deus, por favor meu Deus. Finn. Por favor.

Vejo um brilho prata e é a medalha de São Miguel e Finn a estava usando e não estava protegido não estava protegido.

— Vá se foder, São Miguel — grito e a mão de Dare está no meu ombro e eu a afasto violentamente porque dealgumjeitodealgumjeitodealgumjeito sei que isso é culpa de Dare. Sinto que é. Sinto que é. As imagens que Finn criou em seu diário... O rosto de Dare estava rabiscado. Finn sabia de algo que eu desconhecia.

— O que foi que você fez? — grito com Dare, e me recuso a soltar meu irmão.

Eu me agarro à sua camisa e me agarro à sua pele fria.

A ajuda chega, mas tarde demais, e eles tentam me empurrar para longe do meu irmão e eu odeio odeio odeio todos eles.

Seguro a mão de Finn enquanto eles o colocam na ambulância, mas há um tecido sobre seu rosto e eles sabem que ele está morto e ninguém tem coragem de me tirar daqui. Ninguém.

Vou com ele até o hospital, segurando sua mão durante todo o percurso.

— O que foi que você fez? — pergunto a Finn, direto em seu ouvido.

Ele não responde e o lençol está sobre seu rosto. Sua mão não se move e ele está morto e ele está morto.

— Senhorita, a senhorita precisa deixá-lo — uma das paramédicas me diz.

Ela é solidária, mas firme, e eles não sabem o que fazer comigo.

— Jamais — respondo.

E é uma resposta metafórica e eles sabem. Minhas mãos se soltam e eles levam o meu irmão.

Afundo o corpo no chão e fico ali até Dare vir me buscar, até ele me levar ao carro e prender meu cinto de segurança e minha cabeça estar contra a janela.

— O que foi que você fez? — pergunto, de olhos fechados.

— Nada — ele responde, direto. — Foi isso que eu fiz.

Estende a mão, uma mão calorosa. E continua:

— Porque não pode ser você, Calla. Não posso deixar ser.

Nada faz sentido, e, quando eu chego em casa, Sabine me acompanha até meu quarto e me força a beber chá, e eu bebo, porque preciso do esquecimento que aquela bebida traz.

Preciso estar na escuridão.

Preciso estar com Finn.

Não consigo existir em um mundo sem ele. Ele é minha luz. Ele é minha luz.

Passo dias recolhida. Falo pouco, só como quando me forçam a comer. Não quero existir, não sem Finn.

Jones me leva à igreja, porque preciso rezar, mesmo que seja para um Deus que levou meu irmão embora. É a única coisa que posso fazer.

Com um exterior neogótico e tijolos expostos, a construção se ergue em direção ao céu nublado, um tanto severa e imponente.

Fico hesitante enquanto olho pela janela.

— É a Igreja de São Tomás de Canterbury — Jones me explica. — É aqui que os Savage vêm.

Sei que ele está falando da família, mas entendo a ironia porque as pessoas parecem selvagens comigo agora, todas as pessoas, especialmente aquelas que seguem um Deus que levou meu irmão embora.

— Eu espero aqui, senhorita — ele diz, se ajeitando no banco.

Faço uma afirmação com a cabeça e, após ajeitar os ombros, sigo na direção das portas.

Quando entro, o clima da igreja muda, deixando para trás o gótico severo e se tornando abundantemente decorada, firmemente alinhada com a tradição católica.

O ar aqui é de reverência, sagrado e sereno. E, embora eu não seja uma pessoa religiosa, gosto deste lugar.

As estátuas de santos e anjos dependuradas nas paredes são douradas e ricas em detalhes, incluindo o crucifixo de Cristo à frente.

Seu rosto é pintado, as mãos e os pés sangram.

Desvio o olhar porque, para mim, é difícil imaginar tamanho sacrifício, e, ainda assim, posso senti-lo. Porque meu irmão se foi e esse é o maior sacrifício do mundo.

— Está aqui para se confessar, filha?

A voz grave vem de trás e eu me viro e me deparo com um padre me observando. Seus olhos são gentis, ele usa o colarinho branco, e, muito embora não me conheça, esse homem, esse padre, é gentil simplesmente porque é gentil.

Engulo em seco.

— Não sou católica — esclareço, tentando manter minhas palavras delicadas neste lugar imponente.

Ele sorri.

— Vou tentar não usar isso contra você — afirma, estendendo a mão. Eu a seguro, e é calorosa. — Sou o Padre Thomas — se apresenta. — E esta é a minha paróquia. Seja bem-vinda.

Até suas mãos são gentis enquanto seguram as minhas, e eu me vejo me acalmando pela primeira vez em semanas.

— Obrigada — murmuro.

— Quer andar e conhecer a igreja? — ele sugere, e eu faço que sim com a cabeça.

— Eu adoraria.

Ele não pergunta por que eu estou aqui ou o que quero, mas apenas me guia e aponta esse e aquele artefato, esse detalhe da arquitetura ou aquele vitral. Passa um bom tempo conversando comigo e me faz sentir como se eu fosse a única pessoa no mundo, como se ele não precisasse estar em outro lugar.

Por fim, quando termina, ele se vira para mim.

— Quer se sentar?

Eu quero.

Então ele se senta comigo e nós passamos um bom tempo em silêncio.

— Me disseram que a minha mãe costumava vir aqui — enfim confesso. — Eu só queria me sentir perto dela.

O padre me estuda.

— E está se sentindo?

Meus ombros se curvam.

— Na verdade, não.

— Eu estou aqui há muito tempo — ele começa, cortês. — E conhecia a sua mãe. Laura Savage?

Fico surpresa e ele dá risada.

— Filha, você é quase a imagem dela refletida no espelho — conta, rindo. — Não foi difícil descobrir.

O padre assente e olha na direção de Maria.

— Laura é uma boa alma — diz gentilmente. — E eu a vejo nos seus olhos.

Engulo em seco por causa da dor e o padre pisca os olhos.

— Sinto muito. Mas agora ela está com o Senhor. Está em paz. Seu irmão também está.

Fico sem ar.

— O senhor conhecia o meu irmão?

Padre Thomas nega com a cabeça.

— Não, mas dei a extrema-unção a ele no hospital. E vou ao mausoléu da família esta semana para o funeral.

Meus olhos queimam e enchem de lágrimas, então acaricio a medalha de Finn em meus dedos.

— Eu disse impropérios a São Miguel — admito. — Na praia. O senhor acha que foi por isso que não conseguimos salvar o Finn?

Ele fica surpreso e de olhos arregalados.

— É claro que não, filha. Deus e São Miguel sabiam da sua dor.

Ele olha para a medalha no meu pescoço e nem sei por que a estou usando. Talvez porque pertencesse a Finn.

— A minha mãe a deu ao meu irmão há muito tempo — conto ao padre. — Mas não funcionou. Era para proteger o meu irmão.

Padre Thomas assente.

— Era a hora do Finn. Continue usando a medalha. Você vai se sentir mais próxima do seu irmão e São Miguel vai proteger você, Calla. Você só precisa confiar.

*Confiar.*

Chega a ser cômico na minha situação atual.

— Vamos rezar juntos? — ele sugere, e eu não discuto, afinal rezar não pode me fazer mal.

Nossas vozes são suaves e uniformes e se misturam sob a luz do sol.

Diante de Cristo e do crucifixo,

e das duas Marias.

*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Sede nossa defesa contra os embustes e ciladas do demônio. Que Deus o censure, pedimos humildemente, e que vós, príncipe da milícia celeste, pela força divina, precipitai no inferno o Satanás e os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.*

— Você acredita no mal? — sussurro quando terminamos, e por algum motivo meus arrepios voltam.

Sinto que alguém está me observando, mas, quando abro os olhos, o próprio Cristo me encara. Da cruz na parede, seus olhos são suaves e indulgentes enquanto o sangue respinga de seus pés.

— É claro — o padre assente. — No mundo, existe o bem e existe o mal. Eles equilibram um ao outro, Calla.

Será?

— Porque a energia não pode ser destruída? — sussurro. Porque ela passa de uma coisa a outra e a outra?

O padre nega com a cabeça.

— Não sei nada de energia. Só sei que existe o bem e o mal. E precisamos encontrar o nosso próprio equilíbrio no meio disso. Você vai encontrar o seu.

Será?

Eu o agradeço e me levanto e ele me abençoa.

— Volte para me ver — convida. — Gostei de conversar com você. Se você não é católica, não posso ouvir sua confissão, mas sou um bom ouvinte.

Ele é. Tenho que concordar.

Sigo meu caminho para fora da igreja, deixando para trás o silêncio primitivo, e, quando saio no sol, sei que estou sendo observada.

Cada fio de cabelo na minha cabeça sente e se arrepia.

Eu me viro e o estranho está parado no limite do canteiro da igreja, logo em frente à cerca. Ele está me observando, as mãos nos bolsos, mas ainda não consigo ver seu rosto. O capuz está outra vez erguido.

Com a respiração presa na garganta, me apresso pela calçada, em direção ao carro. Praticamente mergulho ali dentro antes de bater a porta.

— Faz tempo que aquele cara está ali? — pergunto, sem fôlego, a Jones.

— Que cara, senhorita? — ele responde, confuso, tentando olhar pela janela.

Eu também olho, mas só para descobrir que ele já desapareceu.



O quarto de Finn está silencioso, quieto. Como Castor e Pólux estão mortos, nem mesmo eles me fazem companhia. Ainda assim, de alguma forma, sinto que Finn está aqui, como se, se eu falasse com ele, ele pudesse responder.

— Finn?

Eu me sinto ridícula, mas, Deus, como tenho saudade do meu irmão. Só se passaram alguns dias sem ele, mas parece toda uma eternidade.

Ninguém responde, obviamente, então encosto a testa no vidro, vendo os carros irem e virem. Finn está exposto lá embaixo, para visitas. Seu funeral será amanhã e eu não consigo suportar a ideia.

Eu me deito com o rosto no travesseiro e fecho os olhos e descanso.

— Você não pertence a este lugar, não é?

A voz é tranquila, mas fria.

Assustada, abro os olhos e vejo o garoto encapuzado. Arfando, me sento na cama com a coluna ereta, porque a voz é feminina.

Sua cabeça está inclinada apenas o suficiente para eu não conseguir enxergar seu rosto.

Olho na direção dele, e seu semblante é sombrio.

— Quem é você? — indago, e minhas palavras soam vazias. Ele inclina a cabeça, mas não responde, embora haja um rosnado grave em sua garganta. — O que você quer?

Ele é calmo e mantém a cabeça baixa. Entretanto, estende o braço,

E aponta para mim.

*Ele me quer.*

— A mim?

— É claro. — É uma voz feminina, e ela baixa o capuz e me encara friamente.

Eu a conheço conheço conheço.

— Sabe, eu posso ajudar você.

— Pode?

Ela assente.

— Vamos sair daqui. Vou mostrar onde coisas horríveis ficam escondidas.

Ela oferece um sorriso camarada, como um porto em meio a uma tempestade.

Quando estamos na saída da garagem, se vira para mim.

— Talvez você devesse ter trazido uma jaqueta. Pode ficar com frio.

Mas ela abre o teto do carro mesmo assim, e põe outra vez o capuz e a brisa é fria enquanto atravessamos a noite, distanciando-nos de Whitley.

— Aonde estamos indo? — enfim pergunto, aliviada por estar longe daquela casa.

Ela me lança um olhar.

— A um lugar que você precisa visitar. Se você pensa que quer ficar com Dare, precisa conhecer tudo a respeito dele.

Agora percebo alguma coisa em sua voz, uma coisa rígida, e fico espantada, porque talvez eu não devesse ter escolhido esse porto.

Ela segue por uma via escura, uma rua silenciosa, e aí paramos em frente a uma construção velha, desmoronando.

— Entre — ela me chama, olhando para trás, subindo a escada com seu sapato preto de salto alto.

Eu me sinto desajeitada enquanto a sigo, e ela não diminui o ritmo. A placa próxima à porta anuncia que estamos no Sanatório Oakdale e me faz congelar.

— Que lugar é este? — sussurro enquanto ela abre a porta.

— Você precisa ver para acreditar — murmura.

À nossa frente, um longo corredor segue até onde a vista alcança, as paredes se desfazendo pelo tempo, as luzes fracas quando ela liga o interruptor.

Não tem ninguém aqui, mas posso ouvir gemidos, gritos, choramingos.

— Não estou entendendo — eu me pego também choramingando.

A mulher revira os olhos.

— Você acha mesmo que alguém como o Dare vem sem uma bagagem? Cresça, menina.

A mulher abre as portas enquanto passamos e todos, todos os cômodos estão vazios.

Mas eu sinto presenças aqui,

Feiura.

Quando chegamos quase ao final do corredor, a mulher se vira para mim, agora com aquele olhar horrível, e eu devia ter imaginado.

Em minha cabeça, vejo Dare, e ele é tão pequeno.

Está sentado em uma cama neste lugar, com os braços e pernas amarrados.

Os gritos à nossa volta são ensurdecedores.

Os olhos de Dare estão arregalados e escuros,

Assombrados,

Assombrados,

Assombrados.

— Mamãe? — ele chama, e seus olhos analisam a parede atrás de nós, e sua vozinha é cheia de esperança.

Uma enfermeira passa por nós e dá uma injeção no braço dele.

— Quietos, moleques — censura. — Você sabe que a sua mãe morreu.

Seus olhos se turvam antes de ele fechá-los.

— Eu sei que ela morreu por minha causa.

— E é por isso que você está aqui — a enfermeira concorda. — Você é um monstinho. Se não fosse você, a sua mãe estaria viva.

A mulher que me trouxe se vira para mim e seus olhos estão cheios de dor e ela tem os olhos de Dare e eu sei quem ela é.

Olivia Savage.

O encapuzado sempre foi Olivia Savage, esse tempo todo.

*Não consigo respirar.*

*Não consigo respirar.*

— A enfermeira está errada — ela me conta, em um tom estranho. — Se não fosse você, eu estaria viva e meu filho jamais teria vindo parar neste lugar. Você pode mudar isso, Calla. Você pode mudar. Mude. Mude.

Ela estende a mão para mim,

E eu estendo a minha para segurá-la.

E aí abro os braços.

*E em momento algum saímos do quarto de Finn.*

Em. Momento. Algum. Saímos.

E eu estou sozinha.

O que está acontecendo comigo?

Eu de fato preciso de ajuda.

Eu preciso de Dare.

Porque ele sentia tanta dor e eu não sei por quê, mas sei que eu estou lhe causando dor agora, mais e mais a cada dia, enquanto o mantiver distante.

Ele não merecia aquilo.

Ele não merece *isso*.

Estou cambaleando,

Estou cambaleando.

O quarto pesa sobre mim, girando e entortando e sufocando. Corro até a porta e encontro Dare na varanda, uma bebida em sua mão, e ele observa a noite distraidamente.

— Dare... Eu... — Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e ele me segura. — Você não é nenhum monstro — sussurro. — Não é.

Sem olhar para trás, ele me guia para longe,

Para longe da varanda,

Para os jardins.

— Eu vi o sanatório — murmuro, e afundo em seu smoking, escondendo o rosto. — Eu sei que você foi para lá quando era criança. Eu sei que amarraram você à cama e te chamaram de monstro. Eu estou louca?

— Você não está louca — ele responde, com palavras suaves, em um tom doce que não o vejo usar há algum tempo.

Minhas paredes se desfazem e eu começo a chorar.

Os minutos seguintes são um borrão.

Tento alcançá-lo,

ele me puxa para perto.

Sua respiração é doce,

sua camisa é formal e cheira a chuva,

almíscar,

e homem.

Suas mãos estão em todos os lugares,

Firmes,

Fortes,

E perfeitas.

Seus lábios são carnudos,

E

Suaves.

Sua língua encontra a minha,

Úmida,  
Mentolada.  
Seu coração bate forte,  
O som é duro na escuridão,  
E eu me agarro ao seu peito,  
Sussurrando seu nome.  
— Dare, eu...  
— Vamos embora — ele sugere. — Vamos deixar tudo isso para trás. Vamos deixar as coisas rolar. Elas vão mudar, mas não têm como serem piores. Vamos, Calla. Venha comigo.  
Então eu vou.  
Ele segura minha mão e eu o sigo,  
Porque ele me seguiria até os confins da Terra.  
Agora sei disso, e digo a ele.  
Dare se vira para mim, seus olhos tempestuosos e escuros.  
Ele me segura e está andando pelos corredores de Whitley.  
Seu quarto é escuro e masculino, a cama posicionada contra a parede. Subimos nela e sua mão está atrás da minha cabeça enquanto eu a solto no travesseiro.  
Nossas roupas já foram arrancadas e nossa pele é quente e corada e viva.  
Eu estou viva.  
*Dare vive livre.*  
Inalamos essa liberdade e ele roça seus dedos em mim, dentro de mim, fundo, e eu arfo e suspiro e estremeço.  
— Eu... isso — murmuro em seu ouvido.  
Que se danem as consequências.  
Não ligo para quem ele é.  
Não ligo para o que ele fez.  
Dare está aqui.  
Ele me faz sentir.  
Eu o desejo.  
Ele me deseja.  
Então ele me toma.  
Não há dor.  
Dare está dentro de mim e me preenchendo e suas mãos...  
fazem mágica.  
Seus lábios...  
me dão o sopro da vida,  
Me preenchendo,  
Me criando.  
Chamo o seu nome.  
Ele chama o meu.  
Fico intoxicada pelo som, pela cadência, pela batida.  
Seu coração acompanha o meu no ritmo firme.  
Estamos tão, tão vivos.  
E juntos.  
Nossos braços e pernas se entrelaçam.  
Nossos olhos se encontram e se estudam.

Ele olha nos meus e desliza para dentro,  
Depois para fora.  
Eu me agarro a seus ombros,  
Para puxá-lo mais para perto.  
Dare estremece,  
A luz da lua se derrama pela janela,  
Sobre minha pele,  
E a dele.  
Seus olhos, emoldurados por cílios espessos, se fecham.  
Ele dorme.  
Mas acorda no meio da noite e ficamos juntos outra vez e outra vez e outra vez.  
Toda vez é uma novidade.  
Toda vez é cheia de reverência e natural e incrível.  
De manhã, enquanto ele é banhado pela luz do sol, finalmente desvia o olhar. Há vergonha em seus olhos, culpa em seu coração.  
— Às vezes eu queria simplesmente poder ir embora, assim todo mundo ficaria melhor, e jamais teríamos que passar outra vez por isso.  
— Não diga isso — arfo. — Você é a única coisa que mantém a minha sanidade.  
— Você não tem ideia do que está dizendo — afirma, e sua voz sai bastante dura. — Eu, mantendo a sua sanidade. Nós estamos presos em um loop, você e eu. E a situação nunca vai melhorar porque nenhum de nós vai ceder.  
— Como assim presos em um loop? — indago, confusa, mas Dare desvia o olhar.  
— Não importa. A única coisa que importa é que eu não mereço você. Você entende por quê? Sua voz é quase frágil.  
*Você está muito além do que eu mereço.*  
Ele já disse isso antes, repetidas e repetidas vezes, e eu nunca entendi.  
Eu não estou além do que ele merece, nem de longe, jamais.  
Dare se senta na cama.  
— Vá ver o quarto do Finn — ele sugere e sua voz soa cansada.  
Olho para ele porque Finn está morto e Dare sabe disso.  
— Ele não está — alega, como se pudesse ler meus pensamentos. — Ele não está morto. Você precisa acreditar em mim. Vá.  
Dare me vê deixar o quarto e correr para o de Finn, e, quando chego, meu irmão está lá.  
Está dormindo tranquilo em sua cama, com Pólux aos seus pés.  
*E está respirando.*  
Não posso. Não posso.  
O quarto gira outra vez e mais uma vez, e eu estendo as mãos.  
Estou caindo,  
Caindo,  
Caindo, e não sei onde vou pousar.  
O mundo é um palco e todos podemos fingir.  
A sorte está lançada,  
Está lançada,  
Está lançada.  
Posso sentir,  
*A verdade.*

Ela está chegando.

E é sombria,

E eu não vou gostar dela.

Eu sinto.

Eu sinto.

Todos nós temos um papel a desempenhar, e eu vou desempenhar bem o meu.

Mas qual é ele?

Eu me concentro,

E penso,

E mais virá.

*Todos somos um pouco loucos, não somos?*

*Sim.*

Sabine me ergue do chão e me leva ao seu quarto, seu quarto místico, onde as paredes são encobertas pela escuridão.

Ela me coloca sentada e segura minha mão e olha nos meus olhos.

— O Finn está vivo — digo lentamente, e as palavras as palavras as palavras.

Sabine assente.

— Mas ele estava morto.

Ela assente outra vez.

— O garoto encapuzado que eu sempre vi... toda a minha vida... sempre foi a mãe do Dare.

Sabine confirma com um gesto.

Estou entorpecida, estou confusa, e estou tão, tão casada de me sentir assim. Digo isso a ela, que desvia o olhar antes de me encarar outra vez.

— Vou preparar um pouco de chá para você.

— Eu não quero o seu chá. — Minha voz sai rígida e afiada. — Tenho a sensação de que sou um peão e que estão jogando comigo.

— Sempre confie nos seus instintos, menina — ela me diz, com uma voz gutural.

E

De repente,

De repente,

Sinto o perigo.

Ele me cerca, queimando o ar e estalando no meu cabelo, e os olhos de Sabine são frios como a morte.

Meus instintos estão pegando fogo, estalando, estourando, ecoando, e meus olhos analisam o quarto, rápido, rápido, mais rápido. Meu olhar pousa em alguma coisa.

Alguma coisa

Alguma coisa.

Uma fotografia presa com a ponta para fora da gaveta. Só a ponta, só o canto, mas ela me atrai.

Ela é importante.

Eu sei disso.

Corro até ela, agarro-a, puxo-a e a analiso.

E é Olivia.

E seus olhos.

Seus olhos

Seus olhos.

Negros como a noite, negros feito carvão,  
Negros como os de Sabine.  
Negros como os de Dare.  
Pedacos entalhados de gelo se formam no meu coração e são bombeados pelas minhas veias.  
Rasgando-as  
Rasgando-as.  
— Você — arfo. — Você está fazendo isso. De algum jeito. Como você...  
Minha voz falha porque o semblante de Sabine... Eu já o vi antes. Em Olivia.  
— Ela era sua — percebo. — Olivia era sua.  
Sabine assente.  
— Ela era minha filha. A minha única filha. Eu a treinei, criei-a como uma rom, ensinei a elas os hábitos antigos. Aquela menina era tudo para mim. Tudo. E você a levou. Você e seu irmão e Adair.  
Não sei o que dizer porque descobrir isso é esmagador.  
Então Sabine sempre teve uma relação com Dare?  
A sensação familiar continua crescendo e crescendo e se espalhando e *neste quarto*.  
*Neste quarto*.  
Ele gira e rodopia e é familiar. De antes, de um tempo que não consigo lembrar.  
— Havia fogo ali — falo em voz alta, olhando em volta, tentando recuperar as memórias. —  
Em todos os cantos. E Dare. E a sua voz.  
*Nós a invocamos.*  
*Nós a invocamos.*  
*Traga a minha filha de volta e eu lhe ofereço*  
*Essas vidas,*  
*Sempre*  
*Suas.*  
*Permita que eles se transformem,*  
*Que os eventos se transformem.*  
*Eu a invoco.*  
*Eu a invoco.*  
*Traga a minha filha de volta.*  
*Eu a invoco.*  
Sua voz, como sempre, era um sussurro rouco, e agora eu lembro. Lembro de segurar a mão de Dare, mas ele me soltou e deu um passo para trás, e Finn estava ali comigo.  
Um por um por um.  
Havia fogo e nós queimamos.  
Finn e eu.  
Sabine nos queimou até a morte.  
Por alguma coisa  
Alguma coisa  
Alguma coisa.  
Alguma coisa que não deu certo.  
E passamos o resto desse tempo  
Circulando  
E circulando  
E circulando.



— Vocês mataram a minha filha — Sabine declara. — Todos vocês.

Ela toca a minha mão com a sua, que mais parece uma garra, e os eventos os eventos os eventos daquela noite me envolvem.

Estava escuro.

Foi há muito tempo.

A mãe de Dare estava nos levando para nadar à meia-noite. Éramos pequenos e ela era louca. Transtorno esquizoafetivo, e não tinha tomado o remédio e ninguém sabia. Nós iríamos dançar na praia, ela disse. Mas o carro caiu da colina

E

Nós

Caímos.

A água encheu o veículo e as janelas as janelas nos mantiveram presos. E aí, de repente, Olivia nos libertou, e chegamos à superfície, mas ela não, porque se afogou.

— A minha filha se afogou enquanto salvava vocês — Sabine declara, e há algo parecido com ódio em seus olhos.

— O Dare é seu neto — digo calmamente. — A Olivia era esposa do Richard, mas o Dare não era filho dele.

Lembro disso. Lembro de ouvir os sussurros e não entender o que eles significavam. *Olivia foi infiel. Olivia foi infiel. Dare tinha passado por muita coisa na vida e eu não sabia o que exatamente ele tinha enfrentado. Dare não pode deixar a propriedade porque é motivo de vergonha. Dare é um filho bastardo. O que é bastardo, mãe? Nada com que você deva se preocupar, querida.*

— É claro que não era — Sabine chia. — Eu consegui fazer o Richard se apaixonar pela Olivia, mas ela nunca o amou. Ela adorava um estrangeiro inútil, e pagou o preço porque isso a deixou louca. O universo devolve o que você oferece a ele, menina.

— Ela sofria de transtorno esquizoafetivo — afirmo lentamente.

O sorriso de Sabine é misterioso e ela sorri de uma orelha a outra.

— Sim, sofria. E agora você e o Finn passam essa coisa de um para o outro, depois que a mataram. Você acha que é coincidência?

Sua voz sua voz sua voz é a de quem sabe das coisas, e eu sei que está certa. Não é coincidência.

— O Dare sabia? — pergunto, e minhas palavras são pedaços de madeira, justamente como meu coração.

O sorriso dela se torna ainda mais largo.

— É claro que sabia — responde, e ela não tem coração, seu coração é negro, seu coração já era. — Ele estava tentando salvar a própria mãe, afinal de contas.

O fogo.

O fogo. Dare me levou até o fogo e depois me deixou e me deixou para morrer com Finn.

Ainda assim, não morremos.

— Você tentou matar a gente — constato em voz alta. — Muito tempo atrás. E não conseguiu.

Agora desapontada, ela desvia o olhar.

— Era para ter funcionado — resmungo. — Era para ter sido fácil. Mas acho que nada nunca é fácil na vida. Você lutou e lutou contra nós, mas não pode lutar para sempre.

— Nós?

Eu quero derreter e me transformar em uma poça e ficar ali, porque sei o que ela quer dizer com essa palavra.

— Dare e eu, é claro.

Era o que eu pensava, e isso me mata me mata me mata.

— Tem que ser você ou Finn — explica, com sua língua sem coração. — E o Dare sabia disso. Para trazer a Olivia de volta, tinha de ser você ou o Finn. Mas eu não esperava que você conseguisse mudar as coisas. Você tem um dom e eu não sabia. Mas não importa. Você pode até ter esse dom, mas eu tenho conhecimento e cem anos de costumes rom para me ajudar. Você já não pode contar com isso.

Dare está com Sabine.

Dare está com Sabine.

— Como você fez isso? — questiono. — Como nos deixou loucos? Como está fazendo isso? É o seu chá?

Ela ri, e seu riso mais parece um cacarejar.

— É claro que não, menina. Eu tenho meus conhecimentos rom e os uso. A minha menina vai voltar porque você vai fazê-la voltar. O tempo é fluido e pode mudar. Você pode mudá-lo. Pode fazer a coisa certa se esperarmos tempo suficiente.

— E o Dare?

Sabine dá de ombros.

— Ele não importa. A única coisa que importa é a Olivia.

Minhas veias se transformam em gelo e eu não entendo. Só sei que, durante todo esse tempo, minhas lembranças foram reais, mesmo quando isso não parecia possível. O *déjà-vu*, a loucura.

— Um por um por um — Sabine me explica. — Para a Olivia viver, você não pode estar viva. Sacrifícios precisam ser feitos, menina.

— Você é que é louca — digo enquanto estudo seus olhos, aqueles olhos instáveis e desequilibrados. E ela não nega.

A porta se abre violentamente e Dare está aqui, graças a Deus, e me agarra.

— A gente precisa ir, Calla.

Eu o analiso e seus olhos estão arregalados e cheios de dor e culpa, e eu me afasto.

— É verdade? — pergunto, com a voz suave.

Seus cílios escuros formam sombras sobre suas bochechas quando ele fecha os olhos e suspira, tão alto.

— Eu era muito pequeno quando concordei. Era a minha mãe, e eu a queria de volta. Eu não sabia que tudo isso ia acontecer. Eu não sabia.

— Mas você sabia que o Finn ou eu morreríamos — eu o pressiono, e seus dedos são frios em contato com os meus.

Ele abre os olhos e olha nos meus, e eu sinto vontade de mergulhar naqueles olhos, de nadar, de flutuar neles.

— Quando você é criança, não entende a morte — oferece. — Não entende. E, depois que começamos, não consegui mais parar. Foi uma bala saindo da arma, e eu não consegui colocá-la de volta. Eu já tinha concordado, e a palavra de um rom é um juramento. — Parte dele é rom, e eu agora sei disso. — Quando fiquei mais velho e me dei conta do que isso realmente significava, eu já tinha me apaixonado por você. Não podia deixar que fosse você.

— Aí você escolheu o Finn. — Pronuncio as palavras lentamente. — Você escolheu o Finn e o deixou morrer. Várias e várias e várias vezes.

O rosto de Dare transborda tortura, dor, parece o meu coração, está estilhaçado, está arreventado.

— Não podia ser você — ele declara, tentando segurar minha mão, mas eu me recuso e Sabine fica satisfeita e toda cheia de si.

— Você pode mudar a realidade, menina — ela me diz, estendendo os dedos enrugados na minha direção. — Você pode mudar os acontecimentos e o Finn não vai morrer. Basta fazer tudo direitinho. Tem que tentar.

— Não — Dare protesta e usa o próprio corpo para tentar me proteger do toque de Sabine. — Não faça isso, Calla. Você não entende. Sempre há consequências.

— Como o quê? — pergunto, friamente. — Nada além do Finn importa.

Dare fica impressionado, mas entende, finalmente finalmente finalmente.

Finn é minha outra metade. Não consigo viver sem ele.

Dare cai para trás e assiste enquanto toco os dedos de Sabine. Seus olhos escuros são a última coisa que vejo enquanto o quarto gira e gira e me deixa tão atordoada que tenho que fechar os olhos.

Quando os abro, estou sozinha.

Estou andando por Whitley, pelos pântanos brumosos, respirando o ar úmido da manhã, e alguma coisa está me puxando me puxando me puxando na direção do mausoléu.

Abro a porta e o cheiro de mofo e a escuridão e o nome de Dare.

Na parede.

Adair Phillip DuBray.

Há flores ali, e não estou sozinha.

Uma mulher encapuzada aguarda, chorando, sua cabeça encostada à pedra.

Ela se vira para mim e seus olhos são negros e ela está chorando.

— Você fez isso — afirma. — Você o matou. Deveria ter sido eu. Deveria ter sido eu.

Sabine entra e toca no braço de Olivia e a guia até a porta. Olha por sobre o ombro para mim, e seu sorriso vai de uma orelha a outra. E eu choro.

Choro sobre o túmulo de Dare porque, embora ele soubesse, embora estivesse disposto a colocar Finn em risco, era apenas uma peça no tabuleiro, exatamente como eu, e eu o amo eu o amo.

O mausoléu fica escuro e eu choro até não conseguir chorar mais, até não haver mais lágrimas, até eu me pegar vacilante. Aí eu durmo e o esquecimento me toma em seus braços e estou girando girando e, quando abro os olhos,

Estou de frente para Sabine.

Em seu quarto místico.

Ela me coloca sentada e segura a minha mão e olha nos meus olhos.

— O Finn está vivo — digo lentamente, e as palavras as palavras as palavras.

Eu já as disse antes,

Eu já estive aqui antes.

Eu me agarro a essa informação e a velha mulher assente.

— Mas ele estava morto.

Ela assente outra vez, e minhas palavras seguintes escapam sem meu consentimento, como se eu fosse uma personagem de uma peça de teatro.

— O garoto encapuzado que eu sempre vi... toda a minha vida... sempre foi a mãe do Dare.

As palavras

As palavras.

— Era você o tempo todo — digo a ela, e eu lembro.

Eu lembro.

Lembro do que aconteceu no quarto de Sabine e seu papel em tudo isso e que ela dava as cartas e controlava Dare, e que só se importava em trazer sua filha morta de volta, lançando mão de seu conhecimento romani, e Finn ou eu temos que morrer.

Dare passa violentamente pela porta, como eu sabia que faria, e está vivo.

Ele está vivo.

— A gente precisa ir, Calla — diz, e dessa vez eu vou com ele.

Há culpa em seus olhos e em seu coração, mas eu não me importo. Vou com ele mesmo assim. Porque ele é um peão e eu sou um peão e juntos seremos peões.

Dare me puxa pela porta e Sabine tenta me segurar e seus olhos seus olhos eles me queimam.

— Vocês não podem ir embora — ela nos diz, seguindo-nos. — A sorte está lançada. Um de vocês precisa morrer para ela viver. A escolha é sua. Para mim não importa. Mas, menina, saiba de uma coisa. Era para o seu irmão ter morrido muito tempo atrás. Você mudou o destino, e você mudou várias vezes. A morte o deseja, e você não pode impedir. É melhor deixar acontecer.

Dare continua me puxando pelos corredores e pela escuridão e sua mão é calorosa e estou com tanto medo.

— Estamos perdidos — digo a ele, porque parece ser verdade.

— Não, não estamos — ele discorda. — Eu morreria por você, Cal. E vou fazer isso.

Mas, Deus, só de pensar meu coração já fica acelerado.

— Não posso ficar sem você de novo — admito, e é verdade.

E também é verdade que não posso ficar sem Finn. E Sabine diz que um de nós tem que morrer, e que Finn supostamente já está morto.

— A sorte está lançada — acrescento, e isso soa tão desolador.

Porque realmente é.

— Não entendo como isso está acontecendo — digo enquanto corro por Whitley, pelos corredores, pelos cômodos.

— Ninguém entende — Dare responde enquanto avançamos para dentro do quarto de Finn. — Os romani têm hábitos misteriosos. Mas a sua mãe sabia. Ela descobriu uma vez, tentou manter você distante e por isso fugiu para os Estados Unidos, mas depois acabou sendo sugada para dentro das transformações.

— Transformações? — pergunto e Finn acorda e eu seguro sua mão.

— À noite, as nossas mentes são livres — Dare explica. — Foi isso que eu descobri até agora. À noite, as nossas mentes vagam no sono, e, por esse motivo, nós podemos transformar as coisas, mesmo sem tentar, mesmo sem saber. Os nossos maiores desejos tomam forma. Alguma coisa aconteceu conosco naquela noite muito tempo atrás, no quarto da Sabine. Ela tentou sacrificar você, mas alguma coisa deu errado.

Reflito sobre isso. Sobre Finn ter morrido várias vezes e toda vez eu ir dormir desejando que ele voltasse. E toda vez, quando eu acordava, ele estava ali.

— Nós estamos presos em um loop — Dare afirma e as palavras soam loucas, mas minha vida é louca e isso é a única coisa que faz sentido. — Estamos em um loop, revivendo diferentes conjecturas até que a conjectura certa aconteça. Aquela em que a minha mãe sai viva. A Sabine é incapaz de afetar as mudanças. — E conclui: — Só você ou eu ou o Finn. Não sei por quê.

Finn nos encara e age como se soubesse de tudo.

— Você sabia? — sussurro.

Ele nega com a cabeça.

— Eu sabia de alguma coisa — responde. — Mas como alguém poderia ter certeza? A situação é tão louca.

— Talvez todos nós sejamos loucos — proponho, mas Dare nega.

— Não. Eles acham que nós somos, porque nada disso parece plausível. Mas não somos. A Sabine sabe da verdade, mas está usando as percepções deles contra nós. Eles acham que estamos doentes, que somos loucos, mas não somos.

— O que nós vamos fazer? — pergunto, e o futuro parece sombrio. — O passado é uma prisão.

E nunca vamos estar livres.

— Precisamos continuar juntos — Dare propõe, se mostrando decidido. — Vamos dar um jeito nisso. Vamos descobrir o que fazer. A Sabine precisa de nós. Só precisamos controlar os nossos sonhos. É assim que nós saímos de um momento e entramos em outro.

— Mas como podemos controlar os sonhos? — Finn indaga, em dúvida.

É uma pergunta excelente.

— Vamos ter que descobrir — Dare responde, e soa cansado. — Minha mãe morreu e eu não estou de acordo quando a Sabine diz que foi um erro. Acho que as coisas acontecem por um motivo, e, se tentarmos mudá-las, esse seria o erro.

Eu concordo.

Os sonhos não são reais. Só passam a ser reais se nós os tornarmos reais.

— Preciso conversar com você — digo a Dare, e ele sabe o que eu tenho a dizer.

Ele se mostra hesitante, mas vai comigo até o jardim, fora da casa, longe das pessoas que podem nos ouvir.

— Você me traiu — afirmo, e meu sussurro respinga a tristeza.

— Eu tentei contar para você — ele responde, entristecido, e eu sei eu sei eu sei quando foi.

Na noite em que minha mãe morreu, uma das muitas vezes que revivi aquele momento.

— Você tentou me contar, mas tudo girou. Tudo mudou.

Dare assente e seus olhos cintilam e meu coração se parte.

— Eu te amo, Calla. Não conseguiria suportar te perder. Pensei que a situação estivesse perdida. A Sabine me fez acreditar que tinha de ser você ou o Finn, e me convenceu de que o Finn já estava perdido. Era para ele ter morrido quando era criança.

É verdade, eu sei que é verdade.

— Mas eu não consigo viver sem ele — me esforço para sussurrar, e as palavras são quentes, meus olhos estão quentes.

Dare assente.

— Eu sei disso. Eu sei. Tem que ser eu.

Meu coração congela dolorido só de pensar.

— Não. Eu também não posso viver sem você. Vou morrer sem você. Vou morrer sem o Finn.

— Você é mais forte do que imagina — ele afirma, e me pergunto se ele já viu isso, se já esteve em um momento no qual eu não estive, se tem certeza de suas palavras.

— Por favor, prometa para mim — imploro, puxando sua camisa. — Não vai ser você. Não vai ser o Finn. Nós não vamos desistir.

Ele não diz nada enquanto entramos no jardim secreto,

Nosso lugar.

Os anjos nos observam com olhos vazios, e eu me reconforto em Dare.

Ele é tão caloroso,

Tão forte, tão forte,

Tão real.

— Isso está mesmo acontecendo? — pergunto. — Porque às vezes eu não consigo diferenciar o que está e o que não está acontecendo.

Ele usa o polegar para inclinar minha cabeça para trás, erguendo meu rosto ao céu. Seus olhos me tomam, me acariciam, me incendeiam.

Eu me entrego à sua mão,

E ele mantém meu rosto erguido.

— Eu sou real — diz contra meu cabelo. — Você é real.

Estamos sob a luz da lua,

Não há nada a temer.

Certo?

Dare me beija e seus lábios são a luz do sol. Ele me toca e seus dedos são a lua. É noite em algum lugar, e à noite somos livres.

Mas nos unimos como as estrelas,

Sob o abrigo do gazebo.

Longe da vista,

Longe de tudo.

Só nós dois.

Nossa pele é ardente,

Nossas bocas são desesperadas.

Estamos sozinhos.

Exceto pelos malditos anjos.

— Os anjos me dão medo — sussurro para Dare, puxando-o para perto.

Ele me abraça forte.

— Eu sei — diz. — Por que será?

— Não sei — respondo, e é verdade. — Talvez sejam os olhos deles. Eles me veem.

— Eu vejo você — ele me lembra, e seus olhos são negros.

Negros, negros,

Negros como a noite.

— Sempre vai ver? — murmuro, e seu pescoço tem gosto de sal.

Meus dedos encontram seu VIVA LIVRE.

— Sim — promete.

— *Repromissionem* — digo a ele. — Em latim.

— Eu sei.

Naquela noite, durmo em meu quarto e Finn dorme comigo.

— Nas suas lembranças, eu morri? — ele me pergunta subitamente, quando já estou caindo no sono.

Fico hesitante, mas confirmo com a cabeça.

— Sim.

— Mais de uma vez?

— Sim. E quanto a mim... quero dizer, nas suas lembranças?

Ele nega com a cabeça.

— Não. Você ficou louca algumas vezes, mas nunca morreu. Uma vez ficou doente, e o Dare ficou doente uma vez também. Era algum problema no coração, acho. Mas você nunca morreu. Acho que eu te salvei, mas não consigo lembrar agora.

*Me salve e eu vou te salvar.*

— Nas minhas lembranças você também ficou louco — conto a ele, e acho que passamos a loucura um para o outro, tomamos um do outro, várias vezes.

Porque nunca quisemos que o outro sofresse. Somos gêmeos. Somos mais próximos do que tudo na Terra.

— Calla — Finn começa a dizer e eu quero interrompê-lo porque acho que sei o que está por vir. — O que você falou antes, sobre não mudar as coisas... você estava certa.

Meu coração afunda.

— E você mudou as coisas por mim. Acho que era para eu ter morrido.

— Você caiu, no jardim da infância. Enquanto escalava uma corda no colégio — conto. — Como poderia não haver nenhum problema nisso?

Ele dá de ombros.

— Não era para ser um problema, só isso. E acho que mudar isso e mudar e mudar e mudar é como dar murro em ponta de faca.

— Você não vai morrer, Finn — assevero, e ele ri sem achar graça.

— Não sei se é uma escolha nossa — ele responde. — No fim das contas, não sei. Eu vim ao mundo para salvar você, Calla. Sinto nos meus ossos.

Não sei se meu irmão está certo. Só sei que não consigo viver sem ele. Durmo segurando sua mão. De manhã, Dare está sentado no quarto, esperando que acordemos

Meus olhos estão grogues enquanto o encaro, e as coisas que aconteceram ontem voltam para mim e eu me sento na cama.

— Alguma coisa mudou enquanto eu dormia? — me apresso a perguntar, mas ele não sabe.

— Só sei que nós vamos para o Oregon — ele me conta. — Eu liguei para o seu pai e nós vamos pegar o próximo voo.

Finn e eu fazemos as malas porque ir para casa parece razoável, porque Whitley está repleta de segredos e perigos e porque Sabine está aqui.

Quando partimos, quando seguimos no carro, olho para trás e juro ter visto cortinas se movimentando em um pequeno quarto do andar de cima. Alguém está nos observando, o que faz minha nuca arrepiar. E me arrepio porque Sabine não está empenhada em evitar que partamos... É quase como se ela quisesse que fôssemos embora.

Dare está dirigindo e eu estou ao seu lado e ele segura minha mão.

— Vai ficar tudo bem — garante.

No banco de trás, Finn concorda, e seguimos caminho para longe longe longe longe de Whitley.

A estrada vai zumbindo por debaixo do carro e chegamos a uma bifurcação, e, em vez de virar para a esquerda, Dare vira à direita.

*Há uma bifurcação na estrada e, muito embora eu possa enxergá-la, não tenho como evitá-la.*

*Uma estrada leva para a esquerda, outra para a direita, e nenhuma delas termina bem.*

*Sinto nos meus ossos,*

*Nos meus ossos,*

*Nos meus ossos ociosos.*

— Por que nós vamos por esse lado? — pergunto, curiosa, e estou com medo porque é como se um ímã ímã ímã me puxasse, e sei que também está puxando Dare.

— Não sei — ele responde com sinceridade, parecendo tão perplexo quanto eu mesmo. — Eu simplesmente sinto que precisamos seguir por aqui.

Estou transtornada e aterrorizada, mas vamos em frente e subimos e a estrada dá voltas e é sinuosa e eu vejo as colinas e sei onde estamos.

Já viemos aqui antes.

— É aqui que você morre — digo a Finn e minhas palavras são ansiosas e Dare assente.

— Você pulou — ele conta ao meu irmão. — Eu lembro.

— Eu não — Finn responde.

— A sua mãe morreu aqui — digo a Dare, e ele já sabe.

Está pálido, está branco como um fantasma, está em silêncio, porque não há palavras. Este momento é importante, é relevante, e podemos sentir que é.

Somos puxados em direção a este momento.

E não conseguimos dar meia-volta.

Finn pega sua medalha e me entrega porque o carro crepita com o perigo.



— Use isso — ele instrui, com a voz firme. — Sem discutir. Eu sinto. Eu sinto que você precisa dela. Eu não.

Tento devolvê-la, mas ele não aceita, então a coloco no pescoço.

*São Miguel, protegi-nos.*

A estrada faz uma curva e Dare respira fundo e eu olho.

Sua mãe baixa o capuz e fica no meio do caminho.

— Dare, ela não é real — alego.

Mas sabemos que ela é. É real porque nos afeta, porque é o motivo de todos esses momentos repetidos, porque ela é o motivo.

*Ela é o motivo.*

— Isso precisa acabar — Dare afirma, e não sei com quem está falando. — Calla, saia do carro. Finn, você também.

— Não — Finn responde calmamente, e eu tento dizer não, mas Dare está me empurrando, me empurrando, me fazendo sair do carro.

Sua mãe dá um passo e a porta está aberta e eu não consigo ficar porque Dare é mais forte.

— Eu te amo, Calla — ele me diz, e seus olhos estão assombrosamente negros. — E vou acabar de uma vez com isso!

— Dare! — eu berro, e Finn olha para mim, e também grito seu nome: — Finnnnnnn!

Mas Olivia dá um último passo, e agora sei o que Dare queria dizer tanto tempo atrás, quando me contou que tinha feito uma coisa terrível. Sempre chegaríamos a este ponto, e desconfio que ele sempre soubesse.

— Dare, não! — grito, mas ele não ouve.

Está decidido a acabar com isso, e não sei como.

Tudo o que posso fazer é tentar voltar para dentro do carro enquanto Dare pisa no acelerador. Ele olha alarmado para mim e não consegue parar, não consegue colocar a bala de volta na arma. Então me agarra, tentando me salvar, tentando me salvar.

*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate.*

Passamos por Olivia como se ela fosse feita de neblina. E ela desaparece logo em seguida.

*Sede nossa defesa contra os embustes e ciladas do demônio.*

Agarro a medalha e passamos o limite do precipício e os pneus não tocam o chão e estamos no ar.

Ouçõ Finn no banco de trás e ele me ama, e o grito dos pneus e o som de metal e a água se agitando agitando agitando.

*Que Deus o censure, pedimos humildemente, e que vós, príncipe da milícia celeste, pela força divina, precipitai no inferno o Satanás.*

Meu peito está em chamas, é pesado pesado e não posso suportar a dor.

Estou caindo,

Caindo,

Caindo,

E a água é fria,

A areia é úmida.

E estou acabada,

Estou acabada,

Estou acabada.

Dare está comigo e há sangue em sua camisa.

— Você está bem? — pergunta rapidamente, suas mãos segurando as minhas. — Deus, Calla, você está bem? Abra os olhos, abra os olhos.

— Calla, fique bem — uma voz se desespera e não sei se é de Dare ou de Finn.

Não consigo diferenciar

Não consigo diferenciar

Não consigo diferenciar.

— Fique bem — a voz instrui e eu tento, mas o peso o peso no meu peito é demais e não consigo respirar e não consigo respirar.

Mas tenho que proteger meu irmão, e, se eu sair viva, Finn não vai sair vivo. Solto minhas mãos e meus pulmões estão vazios e eu paro.

Eu paro.

Eu paro de respirar.

— Você está morrendo — Dare sussurra no meu pescoço. — Se não acordar, vai estar perdida.

A água desliza pela minha bochecha, chega ao pescoço e uma mão segura a minha e a escuridão está aqui e eu me entrego ao esquecimento.

O esquecimento é real.

Disso eu sei.

É caloroso e reconfortante como um cobertor.

E me abraça, e eu apago.

*E os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas.*

*Amém.*

O mundo perde velocidade até parar.

Meu coração bate.

Está escuro.

Não há nenhum oceano.

Não há ondas.

Não há sol ou chuva ou lua.

Fico muito tempo assim, suspensa, sozinha, destemida.

E depois,

Uma respiração.

Dos meus lábios.

De repente, sem qualquer aviso.

Arfo e só há minha respiração, e bipes, e dedos envolvendo minha mão, e eu estou em uma cama. Não estou no oceano ou nas montanhas.

— Volte para mim, Calla — Dare sussurra, e a raiva respinga de suas palavras, e suas palavras perfuram meu coração. — Por favor, Deus, volte para mim. O tempo está acabando. Não faça isso, Deus, por favor, não faça isso. Eles vão desligar os aparelhos, e, se você não respirar sozinha, vai morrer. Por favor, Deus. Por favor.

Ele implora para alguém. Se é para Deus ou para mim, isso eu não sei.

— Nós já perdemos tudo — ele sussurra. — Por favor, Deus. Volte para mim. Volte para casa, para mim. Volte para casa.

Tento abrir os olhos, mas é difícil demais.

Minhas pálpebras estão pesadas.

A escuridão é negra.

Dare continua falando, suas palavras são lentas e tranquilizadoras e eu poderia flutuar nelas. Seria tão fácil.

A Morte me espera,

Mas não é a morte.

É Olivia Savage.

Sempre foi ela.

Agora vejo seu rosto e ela espera na luz atrás do ombro de Dare.

E assente.

*Chegou a hora.*

Mas não pode ser. Porque Dare está aqui e continua segurando minha mão. Ele conversa comigo, ele me conta tudo o que aconteceu e, quando se cansa de falar, cantarola.

A mesma canção sem palavras e sem tom definido que ouço sempre.  
A Morte se aproxima, um passo mais perto.  
Preciso gritar, mas nada vem.  
Tento abrir os olhos mais uma vez, mas não consigo. E não consigo movimentar os dedos.  
É demais.  
Demais.  
Penso em ficar frenética,  
E quase fico.  
Mas, para me manter calma,  
Repasso em minha cabeça os fatos.  
Meu nome é Calla Price.  
Tenho dezoito anos e sou metade de um todo.  
Minha outra metade, meu irmão gêmeo, meu Finn, é louco.  
Finn está morto.  
Minha mãe está morta.  
A mãe de Dare está morta.  
Passei todos os verões em Whitley, minha vida toda.  
Amo Dare desde que era criança.  
Estou flutuando em um mar de insanidade e não consigo acordar.  
Não consigo acordar.  
Dare é minha tábua de salvação.  
*Ele ainda está aqui.*  
Concentro todas as minhas forças tentando fazer minha mão segurar a dele, a mão que tanto amo, a mão que segurou a minha durante todo o tempo.  
Mas estou desamparada.  
Estou fraca.  
Olivia dá mais um passo, mas não consigo gritar.  
É quando toca Dare que recupero minha força.  
Coloca a mão no ombro de Dare,  
E eu não consigo aceitar.  
*Não toque em Dare, quero gritar. Você morreu mas não vai levá-lo!*  
*EleÉInocenteEleÉInocenteEleÉInocente!*  
Mas os dedos dela tocam a pele de Dare,  
E tudo dentro de mim ferve,  
E grita.  
E, de alguma forma,  
De algum jeito,  
Concentro minha energia,  
E meu dedo se mexe.  
O cantarolar de Dare cessa.  
— Calla? — ele chama, a esperança firme em sua voz.  
Não consigo mexer o dedo outra vez, e essa é toda a força que me resta.  
Não consigo mexer outra vez, mas o que fiz já foi o suficiente.  
Dare desapareceu,  
Não está ao meu lado,  
Grita por alguém,

Por qualquer pessoa.  
Outras vozes ecoam pelo quarto,  
Envolvendo minha cama,  
E a voz de Dare é abafada.  
Ele se foi,  
Mas outros o substituíram.  
Sou cutucada,  
Sou estimulada,  
Minhas pálpebras se levantam e a luz brilha nos meus olhos.  
— É um milagre — alguém anuncia. — Ela parou de rejeitar.  
Não consigo ficar acordada.  
Minha força desapareceu.  
Caio no sono desejando que Dare volte.  
Não sei quanto tempo durmo.  
Só sei que sonho,  
E agora, quando eu sonho,  
Eles são lúcidos.  
Não estou mais louca.  
Não sei por quê.  
*Olivia está sentada à minha frente, seu sorriso gentil e suave.*  
*— O meu menino não nasceu para você, mas você o levou mesmo assim. Pensei que vocês*  
*seriam a ruína um do outro, mas talvez tenham salvado um ao outro.*  
*Engulo em seco porque de fato eu o levei.*  
*— Você precisa saber que as coisas são assim — arrisco. — Os meninos não podem ficar*  
*para sempre com as suas mães. Não foi culpa minha o fato de você ter morrido.*  
*— Eu me matei — ela declara, direta. — Não queria que fosse assim, mas não consegui mais*  
*suportar a dor. Cuidei para que vocês três ficassem seguros, depois me permiti ir. Flutuei para*  
*longe e a escuridão veio, e ela era suave e calorosa. E eu me permiti.*  
*Eu entendo a dor.*  
*E faço uma afirmação com a cabeça.*  
*— Sua mãe... — começo a dizer, mas minha voz falha porque o rosto de Olivia deixa claro*  
*que ela já sabe. Sabe porque Sabine a quer de volta e está disposta a qualquer coisa para isso.*  
*— Eu sei. Mas eu teria que querer voltar, e eu prefiro deixar o meu filho vivo. Era a minha*  
*hora e foi uma escolha que eu mesma fiz.*  
*— Se você escolher continuar morta, então o meu irmão pode viver?*  
*A esperança toma conta de mim, mas o semblante de Olivia logo mata esse sentimento. E*  
*meu peito dói e dói e dói quando ela nega com a cabeça.*  
*— Ele escolheu — responde e suas palavras suas palavras suas palavras. — Ele escolheu*  
*morrer para manter você segura.*  
*Então penso na escuridão e em quando parei de respirar e que, de repente, eu estava viva.*  
*Finn fez isso.*  
*Me salve e eu vou te salvar.*  
*Um nó um nó um nó se forma em minha garganta e sou incapaz de engoli-lo.*  
*— Eu não consigo viver seu o meu Finn — digo, paralisada.*  
*Mas Olivia se mantém firme.*

— Você tem que viver. Ele se foi, mas você não. Ele escolheu você, Calla. Escolheu proteger você.

Em minha cabeça, lembro de meu irmão me entregando a medalha e choro porque ela está certa. Finn escolheu que eu vivesse.

— Por que eu via você o tempo todo? — pergunto a Olivia, agora realmente confusa.

Ela se levanta e seu corpo é tão esguio, tão pequeno. É sombria como Dare, e seus olhos brilham como a noite.

Olhos negros, negros, que examinam minha mente.

Olivia inclina a cabeça do mesmo jeito que Dare faz.

— Porque você não conseguia se lembrar de mim. Eu só queria que vocês dois soubessem que eu quero descansar em paz, e quero que os dois vivam.

— Você não sente saudade dele? — indago.

— É claro que sim. Eu o deixei e não devia ter feito isso — argumenta, cerrando os olhos escuros. — Ele não merecia isso, mas eu não fui forte o suficiente para continuar viva. E agora o meu filho está sofrendo e vai ficar ao seu lado até não conseguir mais ficar em pé.

Ela está certa.

Apesar de toda a sua dor, ele esteve ao lado da minha cama,

Esteve aqui o tempo todo,

cantarolando para mim.

Ela balança a cabeça.

— Proteja o meu filho agora, Calla — pede. — A minha mãe vai tentar me trazer de volta, mas eu vou resistir. O meu filho precisa viver.

Sua voz é fraca.

— Sua história é tão triste — avalio, porque realmente é.

É a coisa mais triste que já ouvi. Ela discorda com um gesto.

— Não é. A coisa mais triste é saber que você pensa que nada disso foi real. Os seus sonhos são sempre reais, Calla. Mesmo que você não se dê conta. Você precisa abrir os olhos. Abra os olhos.

Abra os olhos.

Abra os olhos.

Acordo assustada, a insistência de sua voz me empurra de volta à lucidez.

Meus olhos se abrem.

A luz é tão forte que chega a cegar.

O cantarolar cessa.

O quarto gira, branco e esterilizado, tomado por bipes e paredes claras e pele fria. Arrepios se misturam uns aos outros em uma confusão, subindo pelo meu braço, e eu engulo em seco.

Estou em um hospital.

Estou com frio.

Estou com medo.

Mas.

*Dare está.*

*Dare está.*

Essas são as palavras em minha cabeça, e as palavras soam como a voz de Finn. E, num primeiro momento, acredito que essa voz esteja sendo interrompida antes de concluir a frase, mas logo me dou conta do que realmente ela me diz. *Dare está...* é uma afirmação. *Dare está.*

Dare existe.

Dare está vivo.

Expiro e penso em onde estou.

Mexo os dedos e eles estão pesados, e sinto dor, e consigo respirar.

Lentamente

Lentamente

Lentamente,

abro os olhos.

Estou sozinha, e, embora o eco dos sussurros de Finn estejam comigo, sei que ele não está.

Meu corpo parece pesado e não consigo erguer os braços, e uma enfermeira entra no quarto e, ao ver meus olhos abertos, fica espantada e depois se apressa em minha direção.

— Senhorita Price! Está acordada. Como se sente?

Não sei. Meus pensamentos estão turvos e meu peito dói demais. Tento erguer a mão para esfregá-la no peito, mas não consigo. São equipamentos demais, fios demais.

— Não. — A enfermeira me faz parar quando vê o que estou tentando fazer. — Você passou por muita coisa. Precisa descansar para se recuperar.

— Onde o Dare está? — pergunto, e minha voz sai rouca e minha garganta está sensível, como se eu não falasse há cem anos.

— Ele está no outro quarto — ela me conta. — Está bem. Vai sobreviver.

A alegria toma conta de mim, se expressa em meu rosto, e aí vejo uma fotografia do meu irmão e tudo cai à minha volta.

— Finn? — pergunto, e até eu mesma sinto o medo em minha voz.

— Acho melhor a médica explicar tudo o que aconteceu — ela me diz. — Eu já volto.

Fecho os olhos porque estou exausta e amedrontada, e a médica não demora muito a vir e, quando fala com sua voz rouca, imediatamente reconheço quem é e tento pular da cama.

Sabine está ali, tão calma quanto poderia estar, usando jaleco, apoiando a mão em meu braço para me conter.

— Senhorita Price — diz, me olhando nos olhos. — Você passou por uma provação e tanto. Sou a doutora Andros.

— Eu sei quem você é — chio para ela, que fica calma, porque também sabe quem ela é.

— Você sofreu um acidente de carro. De alguma forma, conseguiu sair viva, mas o carro do senhor DuBray saiu da pista. O seu irmão sofreu ferimentos muito mais graves, dos quais infelizmente não conseguiu se recuperar. Você sofreu um trauma quase fatal no peito, e não conseguimos salvar o seu coração.

— Meu coração? — Levo a mão ao peito e encontro uma cicatriz recente, indo desde a clavícula até a barriga, inchada e quente.

Sabine me encara.

— Por sorte, o seu irmão era totalmente compatível, e continuou vivo até conseguirmos fazer o transplante. Ele salvou a sua vida.

— Meu irmão está morto.

Minhas palavras saem sem vida.

Sabine assente.

— E eu tenho o coração dele.

— Sim.

*Me salve e eu vou te salvar.*

*Acho que tinha alguma coisa errada com o seu coração.*

*Acho que o meu papel é salvar você, Calla.*

As palavras ecoam em minha cabeça e é a voz de Finn e o mundo se inclina e gira.

Eu o salvei muito tempo atrás, e agora ele me salvou.

E se foi para sempre.

Minha perda é profunda e inexplicável e o vazio é enorme. Um abismo do qual acredito que jamais vou conseguir sair.

O coração que bate em meu peito não é meu. É do meu irmão. Meu querido, doce, perfeito irmão. Meu Finn.

*Boa noite, doce Finn.*

— Eu preciso ver o Dare — digo a Sabine, porque ela e eu sabemos quem ela é, quem ela é de verdade.

Ela nega com a cabeça.

— O Dare está com a mãe dele agora. Quando ele estiver melhor, você vai poder vê-lo.

Há uma vaga satisfação em seu rosto e eu sei que ela pensa que enfim conseguiu o que queria. Olivia está aqui, está viva.

Porque meu irmão está morto.

*Um por um por um.*

Espere.

Alguna coisa alguma coisa alguma coisa que ela disse me deixou incomodada, então me concentro e as palavras vêm.

*Vocês três escaparam.*

— De onde nós escapamos? — pergunto e sinto medo e sinto medo.

Alguma coisa mudou e não vou gostar da resposta.



— Sanatório Oakdale.  
Não. Uma instituição psiquiátrica?  
Não pode ser.  
— Mas é — Sabine responde, e não sei se leu meus pensamentos ou se eu os expressei em voz alta.  
— Vocês três são loucos. Uma anomalia genética.  
— Mas Dare não é um Savage de verdade.  
Ela não responde, e pouco importa.  
— Vocês vão voltar para o sanatório, onde vivem bem — diz toda convencida, pensando que venceu.  
— A Olivia não quer ficar aqui — alego. — Ela quer que o Dare e eu vivamos felizes e em paz. Ela não queria que você fizesse isso com a gente. Eu vou mudar essa realidade, Sabine. Então, me ajude, eu vou mudar. Outra vez e outra vez e outra vez, até ela estar certa.  
— Você é perturbada, pobrezinha — ela diz antes de eu sentir uma dor aguda no braço e ela sair e tudo voltar à escuridão do esquecimento e eu dormir profundamente a ponto de não conseguir nem sonhar.  
Dias se passam, e, quando está suficientemente fortalecido, Dare finalmente me vê.  
Está mais pálido, mas continua o mesmo. Seus olhos escuros penetram minha pele e ele segura minha mão.  
— Já consertamos uma vez, vamos consertar de novo — afirma.  
Há um ar de promessa em sua voz, mas estou tão cansada.  
— Isso é real? — pergunto outra vez, grogue por causa do remédio que injetaram em minha veia. — Talvez sempre tenhamos sido loucos.  
Dare sorri e seu sorriso é real e luminoso e penetra minha névoa.  
— Você não acredita nisso.  
— Não sei em que acreditar.  
— Acredite em mim — instrui, e eu acredito.  
Porque Dare é meu e ele vive livre.  
— Eu também quero viver livre — conto a ele.  
— E vai viver — promete.  
Dias se passam com enfermeiras entrando e saindo para garantir que estou tomando meus comprimidos, os comprimidos coloridos que evitam que meu corpo rejeite o coração de Finn. Terei que tomá-los pelo resto da vida e seu resíduo ceroso gruda na língua. Mas tenho que tomá-los, porque tenho que manter o coração de Finn vivo. É a única parte dele que me resta.  
Tempos depois, voltamos a Oakdale e a propriedade se parece muito com Whitley. Os corredores, os quartos, e um dia, um dia cinzento, eu encontro o diário de Finn.  
Está escondido em uma das minhas bolsas e sei que é dele porque está escrito.

## O DIÁRIO DE FINN PRICE.

O fim é o começo, diz uma das páginas. E Finn estava certo. O fim foi o começo, e o começo foi o fim, e o meio foi desordenado e mudou e mudou e mudou.  
Mas tudo pode mudar outra vez.  
Tenho que acreditar nisso.

E tenho que acreditar que posso salvar meu irmão no final, porque *serve me, serve bo te. Me salve e eu vou te salvar, Finn.*

Dare e eu fugimos para a floresta e queimamos o diário antes que alguém o encontre, antes que alguém perceba que fugimos. Eles não podem ler as palavras de Finn, não podem conhecer a nossa história.

Se conhecerem, jamais vamos sair daqui.

Jamais vamos ser livres.

E temos que ser.

Temos que viver livres.

— Não consigo viver sem o Finn — digo a Dare enquanto entramos.

Ele segura minha mão e olha para mim e oferece um sorriso entristecido.

— Eu sei.

Então andamos e andamos e Dare se vira para mim.

— Eu te amo mais do que a minha própria vida, e ando pensando muito nisso. Podemos resolver essa situação de uma vez por todas, Calla. Podemos virar a mesa e transformar Sabine no sacrifício.

A esperança palpita em meu coração e seus olhos são tão sinceros, tão verdadeiros.

— Você acha mesmo que podemos? — arrisco, e o rosto de Finn brilha em minha mente e ele sorri para mim e eu tenho medo de ter esperança.

— Acho que sim — Dare responde. — Nós vamos consertar isso.

— Que jeito mais britânico de falar — comento.

— Isso foi a coisa mais malvada que você me disse hoje.

Enquanto rimos, sinto que já estivemos aqui antes, neste momento e lugar e dizendo essas mesmas palavras. Mas já estou acostumada a sentir isso. Porque à noite somos livres, e as coisas mudam, porque podemos mudá-las.

Vamos mudar as coisas outra vez, porque o tempo é fluido e maleável e nunca permanece igual. Vamos salvar meu irmão. Sinto nos meus ossos sinto nos meus ossos sinto nos meus ossos ocos que vamos salvá-lo.

— Nocte liber sum — sussurro para Dare.

Ele assente.

— Continue sonhando, Calla Copo-de-Leite. E um dia nós vamos ser livres.

Aperto sua mão porque sei que vamos.

## nota da autora

Eu sei o que você deve estar se perguntando.

Foi real ou não foi?

Calla era louca ou não era?

Bem, querido leitor, permita-me perguntar...

*O que você acha?*

Essa é a beleza das histórias. Às vezes o final delas está dentro de você. E, se não gostar de uma conclusão, escolha outra.

Sempre fui uma pessoa que acredita que coisas que somos incapazes de compreender acontecem. Existem muitas culturas, inclusive a romani, que acreditam nessa mesma ideia.

É possível ser amaldiçoado, reviver o tempo, transformá-lo? Fantasma existem?

Eu não sei.

Porém, mantenho a mente aberta o suficiente para pensar que tudo é possível.

E, por causa disso, *para mim*, a história de Calla foi real. Seu final foi real, e ela em algum momento vai conseguir salvar o irmão e viver feliz para sempre com Dare.

Porque eu adoro uma história com final feliz.

Mas, se você não gosta de pensar em misticismo ou elementos sobrenaturais ou coisas que não conseguimos explicar,

Então pode escolher acreditar que Calla sempre foi louca e nada disso aconteceu. Depende de você.

Espero que você tenha gostado dessa história.

Eu sei que foi uma jornada confusa, na qual o fim foi o começo e o começo foi o fim. Sei disso, e fiz de propósito.

Eu queria tentar levar você por um caminho no qual sua mente não era sua, como acontecia com Calla.

Tinha que acontecer nessa ordem.

E aconteceu.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

# **Lux**

## **Site da autora**

<https://www.courtneycolewrites.com/>

## **Facebook da autora**

<https://www.facebook.com/courtneycolewrites>

## **Instagram da autora**

<https://www.instagram.com/courtneycolewrites/>

## **Twitter da autora**

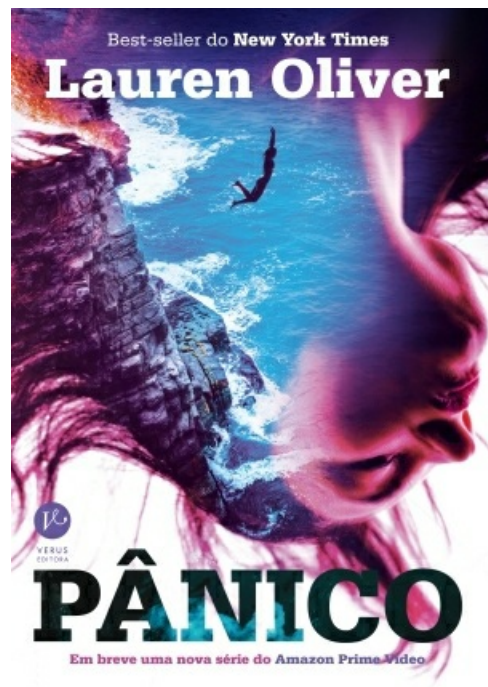
[https://twitter.com/Court\\_Writes?lang=en](https://twitter.com/Court_Writes?lang=en)

## **Goodreads da autora**

[https://www.goodreads.com/author/show/3112212.Courtney\\_Cole](https://www.goodreads.com/author/show/3112212.Courtney_Cole)

## **Skoob da autora**

<https://www.skoob.com.br/autor/10265-courtney-cole>



# Pânico

Oliver, Lauren  
9788576868231  
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Até onde você iria para escapar da sua vida? Da autora best-seller Lauren Oliver, *Pânico* é um romance eletrizante, que vai deixar os leitores sem ar.

O Pânico começou como muitas coisas naquela cidadezinha claustrofóbica: era verão e não havia mais nada para fazer...

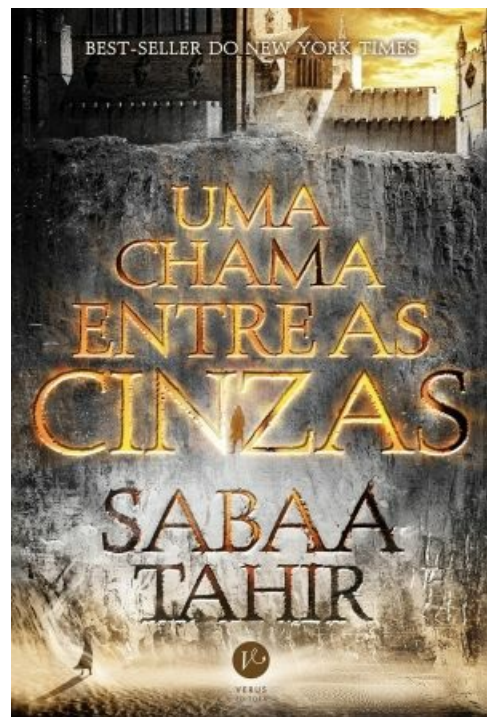
Heather jamais pensou em competir no Pânico, um jogo perigoso disputado pelos formandos do ensino médio, em que as apostas são altas e a recompensa é ainda maior. Ela nunca se considerou destemida, o tipo de pessoa que lutaria para se destacar. Mas, quando encontra algo — e alguém — por que lutar, descobre que é mais corajosa do que imaginava.

Dodge nunca teve medo do Pânico. O segredo que ele guarda vai servir de estímulo e levá-lo até o fim do jogo, ele tem certeza disso. O que Dodge não sabe é que ele não é o único com um segredo. Todo mundo tem um motivo para jogar.

Para Heather e Dodge, o jogo trará novas alianças, revelações inesperadas e a possibilidade do primeiro amor — e o conhecimento de que, às vezes, aquilo que tememos é o que mais precisamos.

*Pânico* captura tanto a energia bruta do medo quanto a necessidade dolorosa de encontrar um lugar para pertencer, em uma narrativa envolvente de amizade, coragem e esperança.

[Compre agora e leia](#)





# Uma chama entre as cinzas

Tahir, Sabaa

9788576864936

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história épica e eletrizante sobre liberdade, coragem e esperança

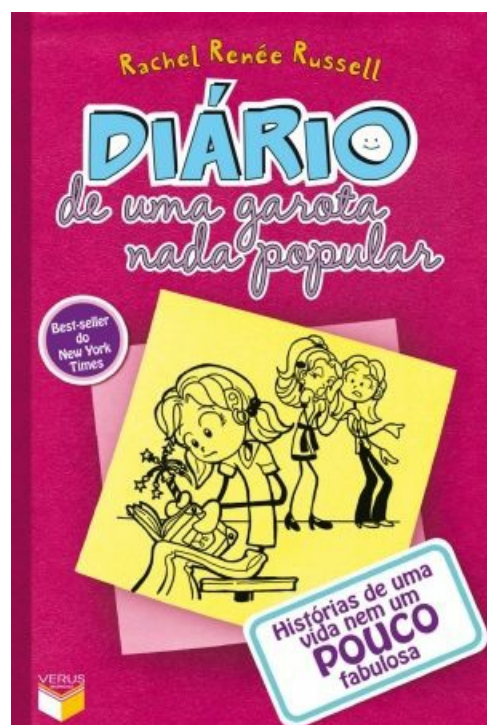
Laia é uma escrava. Elias é um soldado. Nenhum dos dois é livre.

No Império Marcial, a resposta para o desacato é a morte. Aqueles que não dão o próprio sangue pelo imperador arriscam perder as pessoas que amam e tudo que lhes é mais caro. É neste mundo brutal que Laia vive com os avós e o irmão mais velho. Eles não desafiam o Império, pois já viram o que acontece com quem se atreve a isso.

Mas, quando o irmão de Laia é preso acusado de traição, ela é forçada a tomar uma atitude. Em troca da ajuda de rebeldes que prometem resgatar seu irmão, ela vai arriscar a própria vida para agir como espiã dentro da academia militar do Império.

Ali, Laia conhece Elias, o melhor soldado da academia — e, secretamente, o mais relutante. O que Elias mais quer é se libertar da tirania que vem sendo treinado para aplicar. Logo ele e Laia percebem que a vida de ambos está interligada — e que suas escolhas podem mudar para sempre o destino do próprio Império.

[Compre agora e leia](#)



# Diário de uma garota nada popular - vol. 1

Russell, Rachel Renée

9788576861164

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nikki, de 14 anos, ganhou uma bolsa de estudos para uma escola particular de prestígio. Sua angústia ao lidar com as meninas malvadas do colégio, a relação com seus pais, sua paixão pelo bonitão da escola e as novas amizades que faz são assuntos registrados em seu diário, ao lado de inúmeros desenhos que ela mesma faz de sua vida. Direcionado principalmente para meninas adolescentes, Diário de uma garota nada popular pode ser considerado uma versão feminina de Diário de um banana. Nova escola. Nova garota malvada. Nova paixão. Novo diário para que Nikki possa contar tudinho...

[Compre agora e leia](#)



# Diário de uma garota nada popular - vol. 3

Russell, Rachel Renée

9788576864967

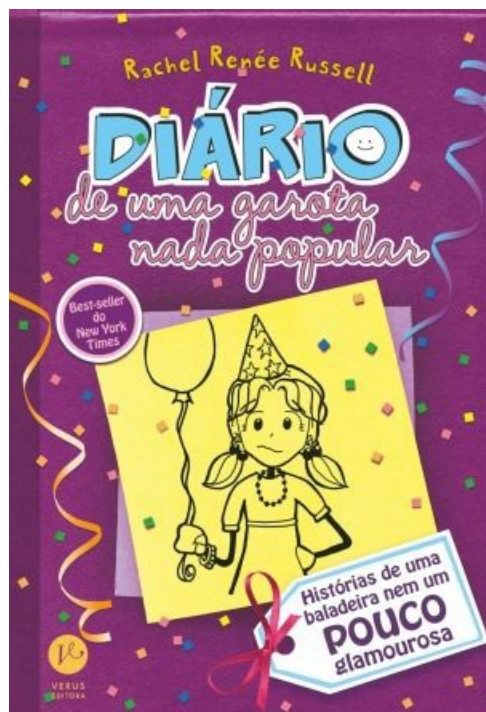
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após superar o período de adaptação no novo colégio e conseguir ir à festa de Halloween com o menino de seus sonhos (Brandon) - mesmo que só como amiga -, Nikki Maxwell tem um novo problema para resolver: evitar que todos saibam que seu pai trabalha como dedetizador da escola em troca de sua bolsa de estudos.

Em Diário de uma garota nada popular: histórias de uma pop star nem um pouco talentosa, Nikki teme pela própria reputação e decide participar de um concurso de calouros cujo prêmio é uma bolsa escolar. A partir daí, a protagonista bota um plano perfeito.

[Compre agora e leia](#)



# Diário de uma garota nada popular - vol. 2

Russell, Rachel Renée

9788576864943

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das adolescentes mais divertidas e atrapalhadas está de volta. Depois de conquistar o público brasileiro, Nikki Maxwell compartilha o segundo volume de seu Diário de uma garota nada popular: Histórias de uma baladeira nem um pouco glamourosa.

Já mais adaptada à nova escola, Nikki vê sua vida melhorar ao ser convidada para ser parceira de laboratório de Brendon Roberts, sua paixão secreta. A proximidade faz a adolescente sonhar em ser convidada por ele para ir ao baile de fim de ano da escola. Mas sua principal rival, a detestável MacKenzie, vai fazer de tudo para impedir que isso aconteça.

[Compre agora e leia](#)